

FUTURA MENTE

Revista Científica FIU
FACULDADES INTEGRADAS URUBUPUNGA

Edição nº3 2005
ISSN 1679-9305

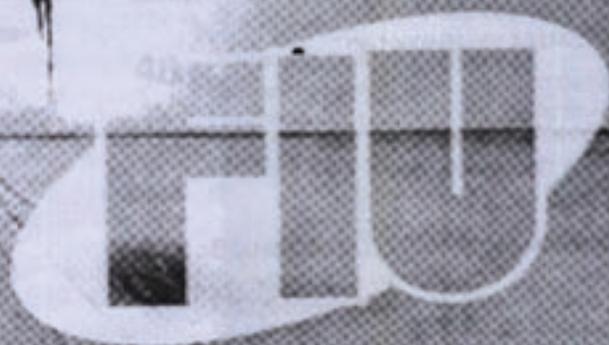
Faculdades Integradas Urubupunga
BIBLIOTECA LINA BARRETO



Faculdades Integradas Urubupunga
PEREIRA BARRETO S.P.

FUTURA MENTE

REVISTA CIENTÍFICA FIU



3ª EDIÇÃO DA REVISTA CIENTÍFICA DAS
FACULDADES INTEGRADAS URUBUPUNGÁ
ANO 2005

FUTURA MENTE

ISSN 1679-9305

Revista Científica FIU

Edição nº 03 / 2005

Conselho editorial

Professores das FIU

Adriano Mendes dos Santos
Gizelda Maria Almeida de Oliveira
Eliana Izabel Scurciatto Fernandes
Iris Néia Tosta Barbosa
Jesuino Arvelino Pinto

Idealização e coordenação

Profª Gizelda Maria Almeida de Oliveira

Revisor de textos

Prof. Marcos Luiz Berti

Capa

André Cese Arantes

Diagramação e arte-final

Elabora Design & Publicidade

CNPJ 04.725.261/0001-20

Impressão

Gráfica A Moderna

CNPJ 54.506.258/0001-93

Tiragem

1.000 exemplares

FIU - Faculdades Integradas Urubupungá

Av. Jonas Alves de Mello, 1660

Pereira Barreto - SP

15370-000

Fone: (18) 3704-4242

Fax: (18) 3704-4222

T-137922
291

Índice

Letras

- 05 A arte da escrita de Clarice Lispector e os processos de apreensão do mundo numa perspectiva de circularidade**

Gizelda Maria Almeida de Oliveira

Filiação Científica: Faculdades Integradas Urubupungá

- 09 A Degradação Humana em Selva Trágica**
Jesulino Arvelino Pinto / (UNESP- Araraquara)

- 14 O reflexo distorcido do mito de Orfeu no poema Rapto**

Lucilo Antônio Rodrigues (UNESP/BILCI - UNUALES/FIU)

- 18 Humor de maneira inteligente**

Ana Ivonne Magliano / Heloisa G. da Silva

Solange O Batista / Alunas do 3º ano do curso de Licenciatura Plena em Letras.

O Tempo em *A casa da madrinha*: Um limiar entre o real e o imaginário.

Maria Celinei de Sousa Hernandez / Faculdades Integradas Urubupungá - FIU - Pereira Barreto

Ciências Contábeis e Administração

As contribuições da contabilidade ao processo de tomada de decisão na visão dos contadores e estudantes.

Ana Paula Callegari Rensi Zaparoli (FIU)

anarensivet@clubinter.com.br

Eloisa Andrade (FIU) eloisaandrade@hotmail.com

Vinicius Benjamim Carvalho (FIU) /

viniciusbcarvalho@yahoo.com.br

Inês Francisca Neves Silva ineves@ceul.ufms.br

Motivações, críticas e perspectivas futuras em relação ao Curso de Administração na visão Discente

Vitor Paulo Boldrin

FIU - Pereira Barreto e UNUALES

Márcio Antonio Hirose Fedichina

FIU - Pereira Barreto e UNUALES

Marinalva da Silva Talpo Boldrin

FIU - Pereira Barreto e UNUALES

- 32 A responsabilidade social: Um estudo de caso na Destilaria Pioneiros S/A**

Luciano Alves de Melo Lima (FIU)

lucianomelo7@com.br

Ricardo Rodrigues da Silva (FIU)

ricardo_rodriguinho@hotmail.com

Silvio Rodrigues da Silva (FIU) silvio_sud@hotmail.com

Inês Francisca Neves Silva - ineves@ceul.ufms.br

- 37 Uma análise crítica do ensino da contabilidade nas Faculdades Integradas "Urubupungá"**

José Eduardo Cardoso Correa (FIU)

eduardo.correa@pioneiros.com

Joyce Tioosi Soares (FIU) joycetioosi@uol.com.br

Lucelena de Souza (FIU) lucysmoura@hotmail.com

Inês Francisca Neves - ineves@ufms.br

- 42 Uma análise do mercado de aviação brasileira e seus indicadores econômico-financeiros com base em demonstrativos contábeis**

Alessandra Maria da Silva Irikuira (FIU)

aleirikura@uol.com.br

Fernando Cunha da Silva (FIU)

global_pbt@hotmail.com

José Eduardo Cardoso Correa (FIU)

eduardo.correa@pioneiros.com

José Carlos Franco Farinha - farinha@clubinter.com.br

Pedagogia

- 48 "Queremos viver juntos?"**

Euclides Paganini Oscalices Junior / Faculdades

Integradas Urubupungá - FIU - P. Barreto-SP

Telma R. Duarte Vaz

Faculdades Integradas Urubupungá - FIU - P. Barreto-SP

- 50 Educação: O saber fazer acontecer**

Edinaldo Santos de Almeida

FIU - Faculdades Integradas Urubupungá P. Barreto / SP

Matemática

- 54 Um intertexto plenamente possível: Matemática e Língua Portuguesa**

Elenir Dornelas Pereira Aili

FIU - Pereira Barreto-SP

EDITORIAL

O conhecimento humano não é fruto do esforço isolado de uma pessoa e não é também apenas o resultado de um determinado momento histórico. Para se chegar a um estágio foi necessária

- à humanidade a contribuição e participação de várias pessoas e grupos, de muita dedicação, sacrifícios e contribuições. O que se possui hoje, em termos de conhecimento é resultado de uma imensa e longa trajetória que deve ser contínua. Nesta oportunidade nós queremos destacar que a vocação da humanidade não é apenas a de usar o produto do esforço dos outros, mas sim se engajar de forma ativa e crítica nas conquistas do conhecimento. É a busca da verdade. Isto requer participação, abertura e união. É a crítica que garante a não parada do conhecimento e o seu conseqüente progresso. A verdade, o conhecimento não é propriedade de nenhuma época, de nenhuma pessoa, de nenhuma religião, de nenhum partido político. Todas as descobertas por mais próximas que estejam da verdade, devem ser analisadas, avaliadas, completadas e até negadas. Nenhum conhecimento é definitivo. Nenhum resultado é final. Assumir esta posição é saber pesquisar e comungar. É preciso perguntar, questionar, criticar, mas é também preciso criar. Uma Faculdade, uma revista como esta não pode impor dogmas e receitas para serem decorados e engolidos. É para se estabelecer um diálogo fecundo com a realidade. Com todos.

João de Altayr Domingues
Diretor Geral das FIU

A arte da escrita de Clarice Lispector e os processos de apreensão do mundo numa perspectiva de circularidade

Autora: Gizelda Maria Almeida de Oliveira

Filiação Científica: Faculdades Integradas Unubupungá

Resumo: Clarice Lispector percebeu, como ninguém, através de suas escrituras, que escrever é uma arte e essa, por sua vez, é fascínio, é sensibilidade, é intuição e fantasia, é multiplicidade semântica e entrosamento inquestionável entre pensamento e linguagem.

Palavras-chave: Magia; intuição; dialogismo; epifania; circularidade.

Clarice Lispector, definindo os próprios parâmetros de escritura, assim reflete as posturas referentes à arte de escrever:

"A arte de escrever é a arte de narrar, é um êxtase, é uma escrita de fascinação com algo numinoso que traz o fluxo à introspecção, é o discurso da memória, o sensível variável, a pulsação descontínua dos instantâneos, os vestígios intuitivos, o revelar de momentos mágicos em confronto com a paixão a fantasia e a invenção de si mesmo, do outro e do mundo."

"É também a arte de representar a palavra como o centro de um todo misterioso e com múltiplas possibilidades semânticas tornando-se necessário inventar um caminho de vida pela ficção envolvente de um duelo circular

entre pensamento e linguagem, entre a oposição do mundo contraditório do espírito e o mundo da palavra."

Como se vê, esta arte proposta por Clarice apresenta-nos uma perspectiva de estilo "sui generis", considerado de efeito circular. A partir deste princípio, ou seja, o da circularidade, será realizada a análise reflexiva dos recursos expressivos comprobatórios. Então, nesta tendência circular, a referida autora busca, principalmente, o questionamento do sentido da vida, de Deus, da morte, da matéria e do espírito. Existe, outrossim, uma forma de comunicação metalingüística, descontínua e fragmentária com variações de frases súbitas ou de seqüências narrativas esparsas e instantâneas. Ainda, visando à circularidade, há a preocupação com outros princípios fundamentais nesse sentido, ou seja, encadeamento de palavras, o retorno ao bíblico, o interrogar-se contínuo, a existência de relatos difíceis e trágicos reacionários à linearidade, com a presença de sensações vertiginosas irrompidas em determinados momentos, de manutenção de suspense, da perda das noções dos limites do tempo e do espaço e também pelas experiências coexistentes entre o prazer e o mal-estar, o fascínio e o nojo, o lúgubre e o delicioso, a vida e a morte.

Linha discursiva circular per-

ceptível na montagem dos capítulos, sendo que a conclusão de qualquer um deles é o reinício de outro e frases inteiras são repetidas como ganchos seqüenciais, linha discursiva de tensão e de limites entre o abstrato e o figurativo, de desdobramentos contínuos de procura, de cacos fragmentários do real, de lances quase visionários e insignificantes desencadeando um jogo estético, tal como espelhos. Escritura circular dilemática entre o pensar e o sentir, a linguagem e a vida marcada pelos elementos universais terrestres: fogo, ar, terra e água.

Escritura dialógica estabelecida entre a imanência e a transcendência, entre o ser e o escrever, a linguagem e o silêncio, as relações inter e extratextuais, as correlações de estados subjetivos, a fusão de lembranças e de percepções momentâneas, os pontos de vista com ótica interior e exterior, o desmembramento em cadeias metafórico-metafísicas. Como se vê, uma arte de narrar ondulante do renascer, do experimentar sempre e de um efeito convergente determinado por três momentos: o da ambigüidade pelo explicar e reexplicar de certas situações, o da epifania pelo deslumbramento e pela iluminação e o da aporia pelo desencanto da vida. É como nos diria a própria Clarice: "lambuzar com massas de tintas diferentes telas, proporcionando-

nos sensações rastejantes de vida", tratando-se, portanto, de um ir e vir redundante de uma cantilena enjoada e de aprofundamento de cada ser consciente da sua participação no mundo.

Torna-se necessário ver e sentir no estilo clariceano, a ânsia pela espessura do ser, os eus diferentes coletivos e humanos, o seu temperamento sensual e sensibilidade aguçada a sua capacidade para analisar paixões e sentimentos, a consciência irreversível do caminhar para o nada e a morte existenciais, o contato com a tessitura do viver análogo ao do escrever com o inusitado da criação contínua, pois a própria vida dinamiza-se, não pára, é espontânea rotineira, mecânica, vazia, perigosa e sedutora e nela, a paixão humana torna-se uma via crucis. E, nesta proposta estilística, analisam-se os principais recursos expressivos, variados e refletores de um mundo interior e de uma vivência, uma vez que para a autora focalizada escrever é um processo especulativo, inesgotável, inovador, de efeito dialético e circular.

Ainda, dentro das peculiaridades construtivas referentes ao ato do narrar direcionado à circularidade, aspectos significativos são recorrentes, tais como: o encadeamento de palavras, o interrogar-se contínuo, os relatos trágicos e reacionários à linearidade com a presença de sensações vertiginosas irrompidas em momentos de suspense e perda das noções dos limites do tempo e do espaço. Narrativa circular em que a conclusão de capítulos torna-se reinício de outro e frases inteiras repetem-se como ganchos seqüenciais.

Além disso, escritura de tensão, de impasse entre o objeto e sua representatividade, de limites entre o abstrato e o figurativo, de

desdobramentos contínuos de procura. Escritura dilemática entre o pensar e o sentir, a linguagem e a vida, o prazer e o mal-estar, o nojo e o fascínio, o lúgubre e o delicioso. Escritura, ainda, de um eterno diálogo entre imanência e transcendência, ser e escrever, linguagem e silêncio, correlações de estados subjetivos, fusão de lembranças e de percepções momentâneas. E, nesse ato de narrar, a presença de uma narradora dilacerada, alguém que apresenta uma visão silenciosa, um princípio de solidariedade com as coisas, um esvaziamento da alma desmembrado em cadeias metafóricas, descentramento eu/mim e fuga para o escatológico e o teológico.

E, com o objetivo de esclarecer a estrutura circular estilística, o artigo ora escrito será desenvolvido através de paradigmas. Um deles, de vital importância para Clarice é a questão da temporalidade. Essa reveste-se do vivido e do experienciado, da imaginação e da memória fundindo-se e se confundindo, tempo também como um fluir bergsoniano de durée, do vir a ser das coisas, do encadeamento de idéias e quebra do linear, do surpreender da face oculta e imutável da humanidade, tempo relativo, passado presentificado, de corrente joyceana da consciência, do registro dinâmico de acontecimentos e de imagens associadas ao sujeito, enfim, tempo da memória, de anamnesis, de despertar do homem de seu sono para lhe trazer simultaneamente vida e salvação, reconhecimento da verdade, identidade da alma, promessa de redenção e o penetrar profundamente em si mesmo. Memória anafórica com a função de reordenar os sentidos e desconstruí-los.

Um segundo paradigma relaciona-se à construção das perso-

nagens, criaturas – símbolos, sonâmbulas, mecânicas, sem condição humana, vivendo pelo nauseante ofício de viver, anestesiadas diante da percepção das coisas. Personagens que, como dizem Benedito Nunes e Luís Costa Lima são marcadas por seus destinos fugazes, de iluminação instantânea e epifânica.

Personagens, também, tiradas da espessura trágica do vazio do cotidiano de vidas inermes, com saída para a náusea existencial e condenadas a uma solidão incurável e em busca constante de caminhos redentores, muitas das vezes, encontrados em formas diferentes da arte, principalmente na literatura e na música. O inevitável para elas é a morte, um itinerário fechado. E a linha traçada para suas vidas é a curva da inclusão e exclusão da epifania.

Um terceiro, da importância máxima, para o teor de circularidade forma-se através de determinantes lingüísticos fundamentais. São eles múltiplos, e a partir de então, elencados da seguinte forma:

1.º) O imagístico e o desdobramento em metáforas comparações, alegorias e metonímias.

Metáforas, manifestações ardentes e encadeadas de idéias abstratas, descritivas, pictóricas, recorrentes e arquetípicas e cheias de luzes. Metáforas, também inesperadas, sutis, contundentes. O desmembramento mais importante caracteriza-se por ser o próprio mundo da linguagem, a criação do poético, do mítico-lúdico, do espírito fantasista, jogo limitrofe entre a brincadeira e a seriedade, a nulificação, o misticismo especulativo, a realidade descortinada. Por sua vez, as principais metáforas clariceanas abordam imagens como as do grito, do inferno, da loucura e possessão, e da dimensão espacial, a da animalidade, a do equilíbrio, a do

brilho, a da ressurreição, a da liberdade do poder e da alegria criadora.

O segundo desmembramento, o comparativo, envolve-se em princípios de temporalidade e de valorização da natureza formada pelos elementos: terra, água, ar e fogo, círculos que se fecham em diferentes sensações deliciosas, desagradáveis, vivas, malélicas e até mesmo estelares.

O terceiro, referindo-se também do imagístico, alegórico, retrata a figuração múltipla de significação inexaurível com a rede infinita de significados e correlações em que tudo pode se transformar na representação de tudo, mas sempre dentro da linguagem e da expressão. É a multivalência de imagens e conceitos. São relatos de estados de êxtase, jogo de aparências e de ambigüidades entre o orgânico e o sagrado. O alegórico e o dilaceramento, a dualidade, a mimese fragmentadora, o desespero em oposição ao simbólico, a união e a harmonia e a propriedade estética.

O quarto elemento referente ao imagístico, a metonímia representativa da contigüidade e processadora de uma relação real, casual e direta com o objeto.

Enfim, pode-se dizer que o imagístico causa na obra efeitos de luz e de brilho, instantes de iluminação, de relação interior e fugacidade.

2.º) Os princípios paradoxais, contrastivos e contraditórios

Esses princípios têm como funções importantes: a metamorfose com o sujeito a buscar transformações e, com isso, interpenetrar-se nos contrários, através da presença dialética motivada pelos jogos de oposição: animalidade e vida, dar-se e resguardar-se, tudo e nada, sublime e grotesco, coragem e covardia,

entrada e saída, compreensão e incompreensão, achar e perder, perder e ganhar, relações sociais de patroa e empregada, provar pelo gosto e passar pelo sofrimento, ódio e solidariedade, solidão na vida crua e glória na morte, calor e frio, sol e lua, eu e outro, sujeito e mundo. Essas contradições referendadas por oxímoros, paradoxos e antíteses conotam o sentido da maior oposição circularizada pela morte e pela vida.

3.º) O mundo das sensações vivido pelas paranomásias, sinestésias, anagramas e aliterações, figuras essas constituindo-se em torrentes de pensamentos e reflexões com perspectivas rítmicas.

Fazendo parte desse mundo de sensações enoveladas surgem a náusea e o silêncio. A primeira estabelece um jogo entre a idéia de encantamento e do reverso da existência humana e o segundo revela o grito guardado no peito, a técnica para realçar o imperativo da fala, a necessidade da narrativa com a do próprio viver, o descortinado mundo das coisas, descortínio esse fascinante, contemplativo, estranho e conduzido por um fugidio epifânico.

4.º) Importante é também o processo de reiteração como memória anafórica do discurso, a continuidade discursiva, a confirmação.

Repetição essa traço de largo espectro, de apelo constante às coisas e de inovações dos objetos designados. Uma teia de significações: o repetir e o reiniciar do silêncio. Recorrências fundamentais: espelho, olhos, bichos, linguagem, pai, eu e outro, momentos epifânicos. Repetições como "cantilenas enjoadas" e uniformidade fastidiosa de tom, de ritmo.

5.º) Fechando a questão do uso da linguagem figurada apresentam-se os polissíndetos valorizadores de elementos

enumerativos, de surpresa e destaque do inesperado, de encadeamentos próprios do estilo bíblico. Além dos polissíndetos, os **anacolutos** fornecem uma expressão plástica de mudança de situação, traduzindo pressa, angústia e metamorfoses. Ainda as **apóstrofes** acentuam o motivo da busca.

6.º) Um paradigma ora relacionado aos **efeitos inusitados de pontuação**:

a) **dois pontos** - o fim de fragmento reitera o caráter de continuidade do relato.

b) **travessões** - início e fim da narrativa, ruptura com o mundo, silêncio, ênfase às idéias e emoções. Sempre a possibilidade de um recomeço.

c) **aspas** - circulação do pensamento, choque diante do imediato, citação de si própria e daquilo que não é da própria autoria, nem pessoal, nem original:

lugar-comum, expectativa comum, signos comuns.

d) **parênteses** - explicações, confirmação do autor implícito.

e) **sinais reiterados e combinados**: intensidade da surpresa e do espanto, da perplexidade e da dúvida.

f) **redução dos sinais de pontuação**: fluxo dos pensamentos.

g) **reticências**: expansão dos títulos, princípio e fim da obra, busca ansiosa.

7.º) A **morfologia** também manifesta-se diante da expressividade do estilo circular.

a) **pelo uso de verbos reiterados**

Dentre eles **ser e dizer** - conotando libertação e ação, bem e mal, conhecimento e vida, intuição e pensamento, o cotidiano e as coisas, Deus é a existência humana.

olhar e ver - escuridão e clareza, comunicação vital, visão de mundo como espécie erótica que

pode levar à vertigem, ao êxtase epifânico, à reflexividade. Ver - a visão sartreana de objetividade e Ver-se, a intersubjetividade, o assustar-se diante da verdade bruta do mundo, a meditação visual.

b) as modalidades do verbo

o perfectivo - a ação concluída como um todo

o imperfectivo - ação em processo, inacabada, solta no espaço, sem princípio e fim delimitados.

o presente - o habitual, regular, iterativo, oportuno, sugestão de um futuro próximo, realce aos fatos passados.

Presente e passado juntos caminhando em ondas concêntricas, associações múltiplas e dinâmicas, simultaneidade de melodias temporais

o infinitivo - ação pura

o gerúndio - durativo, imperfectivo

o particípio - resultado de ação acabada

o subjuntivo - a tentativa de tocar o real

c) os pronomes demonstrativos, possessivos e relativos com as seguintes funções:

- anafórica - anteriorização
- dêitica - situacionalidade, temporalidade, espacialidade.

d) os substantivos - palavras ilusórias que traem a concretude do existir e generalizam as aparências. Uso abundante de abstrações relacionadas ao amor, à verdade, à confiança, ao silêncio. Outras vezes palavras-símbolo tal como o **espelho** e o sentido de escritura da própria vida, a profundidade do vazio, o mistério do ser e o **ovo**, a própria escritura, o desvelamento da palavra e do existir.

e) as interjeições de teor emotivo e irônico

8.º) A expressividade sintática

a) A coordenação com perspectiva de mundo objetivo. Frases fragmentárias e processos sindéticos produzindo efeito de desgaste da palavra e da frase.

b) A subordinação com atitudes interpretativas de causa, de modo, da hipótese, do condicionamento, da finalidade.

c) A elipse representando as funções da expressão hesitante ou o quebrar do pensamento, o mínimo esforço ou economia linguística, os movimentos efetivos e o situacional.

d) Os paralelismos antitéticos de múltiplos contrastes, de processos de ordenação harmoniosa, elegante e clara das idéias.

e) Tipos de frases: nominais com o verbo **ser** no sentido de duração constante, o **estar** de duração limitada, o **permanecer**, de continuidade. Além das frases nominais, as verbais indicando fenômenos existenciais, processos mentais, produtos e efeitos que se refletem na vida de uns ou outros (chorar, pensar, sonhar, gritar).

f) Uso do discurso indireto livre de cunho psicológico demonstrando a maior profundidade do mundo interior das criaturas, ou seja, estados emotivos, devaneios, perturbações alucinatórias, auto-análise, pensamentos imprecisos e difusos.

g) Forma de comunicação do monólogo representativo do fluxo da consciência e da existência da inspiração metafísica. Presença do interlocutor imaginário, estratégia contra a incomunicabilidade.

9.º) Princípios globalizantes da obra: epifania reveladora, diluição e hibridismo dos gêneros literários, ritmos intercambiantes velozes e lentos, ruptura da linearidade.

Concluindo as observações

referentes à circularidade estilística perceptível, resta comentar seu efeito mágico apontado na linha sartreana conhecida como a técnica do desgaste, da assombração do silêncio revelada pela trilogia **silêncio, palavra, silêncio** confluindo a uma escritura contínua como a vida que não pára e que reflete o absoluto nas dimensões da arte e especialmente da literatura com possibilidade do homem vencer o tempo e a morte.

BIBLIOGRAFIA

ARENDE, H. *A condição humana*. RJ: Forense Universitária, 1989

LISPECTOR, *A paixão segundo G. H.* RJ: Editora Sabiá Ltda. 1964.

_____. *Laços de família*. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1977.

_____. *A descoberta do mundo*. RJ: Rocco, 1999.

MARTINS, Nilce Sanf'Anna. *Introdução à estilística*. SP: T. A. Queiroz Editor, 1997.

MELLO, Glastone Chaves. *Ensaio de estilística da linguagem portuguesa*. RJ: Livraria Editora Ltda, 1976.

NOLASCO, Edgar Cezar. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. SP: Annablume Editora, 2001.

NUNES, Benedito. *A paixão segundo G. H.* Brasília: CNPQ, 1988.

_____. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. SP: Ática, 1989.

PONTIERI, Regina Lúcia. *Clarice Lispector - Uma poética de olhar*. SP: Ateliê Editorial, 1999.

SÁ, Olga de. *Clarice Lispector A travessia do oposto*. SP: Annablume.

PROF.ª GIZELDA MARIA ALMEIDA DE OLIVEIRA, Mestre em Literatura Brasileira - UNESP - S. J. do Rio Preto, Julho 2005.

A degradação humana em *Selva Trágica*

Jesuino Arvelino PINTO
(UNESP- Araraquara)

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo precipuo a observação da estrutura da narrativa em *Selva Trágica*, destacando o espaço como entidade degradante do ser humano, buscamos fundamentação teórica para essa leitura, na análise semiótica de Denis Bertrand exposta em *O espaço e o sentido* (análise espacial do romance *Germinal* de Émile Zola) bem como no livro do mesmo autor *Caminhos da semiótica literária*

PALAVRAS-CHAVE:

Semiótica literária - Selva Trágica - Hernani Donato - Degradação - Espaço.

1. A história

Publicado em 1959, *Selva Trágica* mereceu importantes considerações por parte da crítica e foi apontado como um grande romance daquele momento. Recebeu uma versão para o cinema, sob a direção de Roberto Farias, pela EMBRAFILMES, sendo rodado no mesmo local em que foi coletada a história do livro. O filme foi o representante brasileiro no Festival de Veneza, em 1959. Posteriormente, em 1976, a Edibolso lançou o texto em edição especial de cinquenta mil exemplares.

O romance conta a história dos ervateiros de Mato Grosso do Sul, antigo sul do Mato Grosso, quando as zonas de exploração de erva mate estavam em poder de uma Companhia de Exportação

que mantinha o monopólio dessas zonas, com sede em Ponta Porã e Buenos Aires. A história se passa em cidadezinhas da fronteira entre Brasil e Paraguai, onde funcionários da Companhia eram pagos para persuadir trabalhadores braçais para a ceifa da erva mate. Conduzindo trabalhadores, antes de entrarem para a Companhia, ao endividamento por meio de farras com "quilombeiras", prostitutas de um Cabaré e muita bebida, estes funcionários obrigavam-nos a assinar o contrato com a Companhia.

Levados às zonas ervateiras, alguns com suas famílias, outros sozinhos, de onde nunca mais poderiam sair, estes homens viviam a escravidão branca. Depois de algum tempo, tomavam consciência de que as promessas não passavam de engodo, pois estavam presos ali, sempre com a dívida aumentando na comissária, ou seja, na mercearia de propriedade da Companhia. Recebiam o pagamento em mercadoria cara e de péssima qualidade, e numa quantidade apenas suficiente para não morrerem de fome. Quando os trabalhadores demonstravam revolta e cansaço, os capatazes promoviam festas, algumas durante a colheita, com muitas mulheres de bordéis, e outras festas de final de colheita, que coincidia com a Semana Santa e que durava toda a semana, o bastante para que os ervateiros se endividassem ainda mais, com muita bebida e prostitutas misturadas às esposas e filhas dos trabalhadores. Todas eram usadas para divertirem os mineiros bêbados e embrutecidos pelo

trabalho forçado. Sofrendo todo e qualquer tipo de desrespeito, as mulheres eram tidas como mercadoria negociável e pertenciam a seus maridos até onde a Companhia permitisse. Os capatazes abusavam delas à vontade enquanto os mineiros encontravam-se nas "monteadas", retirados dos ranchos à procura de uma nova mina, distantes de suas casas.

Os ceifadores de ervas trabalhavam diariamente desde as três horas da madrugada até o final da tarde, sem direito a folgas aos domingos e feriados, somente na Semana Santa era permitida uma pausa nos trabalhos. Transportavam um raído ou fardo de erva de vinte arrobas, preso à testa, aos ombros e ao peito, sem olhar para o chão. Se tropeçassem, a morte seria certa, pois a coluna vertebral se partiria, e se a morte não fosse instantânea, os capatazes disputavam no baralho quem daria o tiro "misericordioso", sacrificando-os como se fossem animais. Os capatazes ou funcionários da Companhia responsáveis pelos mineiros cuidavam para que não fugissem e em nome da ordem trapaçavam, espancavam, matavam, sádicos e indiferentes ao sofrimento dos ervateiros. Quando um trabalhador tentava fugir, os chamados comitiveiros caçavam, acuavam e matavam o fugitivo, jogando seu corpo ao rio, por onde passava boiando com um feixe de erva-mate amarrado às costas, para servir como exemplo aos demais trabalhadores dos ervais.

Havia, na mesma zona ervateira da Companhia, grupos

clandestinos de ceifadores da erva-mate, os changa-y, que disputavam com a Companhia a erva nativa. Mas os changa-y, quando descobertos, eram perseguidos e mortos pelos comitiveros da Companhia.

Por meio da descrição da paisagem local, podemos entrar em contato com a vida de explorações da cultura do mate. A narrativa, permeada por vários discursos, de diferentes classes sociais e nacionalidades, surge, ao mesmo tempo, a presença do folclore e as culturas do povo daquela região fronteiriça, fortalecendo, assim, o caráter documental da obra e imprimindo-lhe maior verossimilhança.

2. A Degradação

Em *Selva Trágica*, a denúncia social, a tensão entre o herói e o mundo, a degradação humana, a crítica ao sistema capitalista e o caráter documental são questões que comungam da ideologia do romance social da Geração de 30. Embora a obra seja publicada em 1959, retoma temáticas sociais da década de 30, ao denunciar uma realidade histórico social. Podemos, ainda, aproximá-la ao romance de Zola, *Germinal*. Buscamos utilizar, como fundamentação teórica para sua leitura, a análise semiótica de Denis Bertrand exposta em *O espaço e o sentido* (análise espacial do romance *Germinal* de Émile Zola) bem como no livro do mesmo autor *Caminhos da semiótica literária*.

O universo trágico do romance de Hernâni Donato aflora por meio de imagens visuais, olfativas, auditivas, táteis, mostrando, na acepção de Bertrand, figuras que são isotopias de **VIDA** e **MORTE**. O percurso narrativo flui com a arte de contar e rememorar fatos ocorridos que vão sendo denunciados. Ao longo de todo o romance, podemos encontrar elementos

disfóricos como a tragédia, e a inversão de elementos que deveriam ser eufóricos, como o amor, que, nesta trama, ocasiona a morte, e passando a ser também disfórico, ou, ainda, o contrário como é o caso da morte vista como sinônimo de liberdade.

Em *Selva Trágica*, há três enredos paralelos. Além do relato da vida degradada dos ervateiros, há os episódios das caçadas humanas, perseguições aos ervateiros clandestinos e histórias de amor como a de Pablito e Flora, Curaturá e Zola e outras. Este último enredo, o romance de Pablito e Flora, não é menos dramático e trágico, pois trata-se de um amor não resolvido que termina em violência, num triângulo amoroso que envolve ainda Isaque. É possível, então, sob o pano de fundo do cotidiano dos ervais, delinear a trajetória amorosa de Pablito, Flora e Isaque, que, numa mistura de violência e sexo, culmina com a morte de Pablito, assassinado por Isaque e a servidão promiscua de Flora, de acordo com a lei do erval, realçando a intolerância humana que gera a agressividade do homem contra o próprio homem. Devemos, a esta altura, determo-nos numa breve descrição das personagens desse trágico triângulo amoroso.

Pablito, um dos personagens centrais, possui várias qualidades: trabalhador honesto da extração da erva-mate, de caráter forte, decidido a lutar pelo que deseja, ansioso e inconformado com a vida que lhe é imposta nos ervais, é um apaixonado por Flora. Sua trajetória é marcada pelo amor que sente e o medo de perder a amada. Vítima de seus sentimentos, Pablito é perseguido por seu rival, Isaque, que, com a ajuda do administrador do Rancho, sempre o manda para as monteadas, para que fique durante meses distante da amada. Neste período, Isaque, com a cumpli-

cidade de Cure, violenta sexualmente Flora, forçando a separação do casal. Mas, valendo-se do testemunho de Pytã, irmão de Pablito, de que não fora culpa dela, Pablito a perdoa e, durante a festa da Semana Santa, tentam fugir juntos. Flora, durante a fuga pela floresta, machuca-se e pede a Pablito que prossiga sozinho. Ele dá prosseguimento à fuga, mas próximo ao rio, após ter matado um dos capangas da Companhia, é assassinado.

Flora, mulher bonita, cabelos longos, pele rosada, muito cobiçada pelos homens do erval, é uma típica mulher dos ervais, que consegue, entretanto, driblar o assédio dos homens, até quando a violência lhe é imposta. Apaixonada por Pablito, vive com ele no mesmo rancho e mostra-se inconformada no decorrer da narrativa com a separação a que são submetidos. Abre mão de sua felicidade ajudando Pablito a fugir. Com a morte do companheiro entrega-se ao conformismo da mulher do erval, aceitando viver com um homem que não ama. Tem embutido em seu próprio nome a tragédia da selva, sendo possível inferir pela exploração da flora.

Flora é humilhada, depois presa, devido à tentativa de fuga. Arrastada pela floresta é levada ao pátio da administração e jogada no meio dos homens, para que a disputassem e dela fizessem uso. O que não ocorre, porque Isaque paga por ela, compra-a dos homens que estão presentes no pátio, ávidos para fazerem a festa, usando a mulher como bem entendessem. Esta é a lei estipulada pela Companhia em relação à mulher que foge, para servir como exemplo para as demais.

Isaque, personagem antagonista, sofre significativa transformação durante a narrativa: de um homem preocupado com o sofrimento dos mineiros e apaixonado

que tenta conquistar a mulher amada, por meio de uma conquista natural, que é mal-sucedida, torna-se um homem perverso que arma todo tipo de situação ilícita para afastar o rival, levando-o à morte, assim trama uma forma de violentar a mulher que deseja, forçando um relacionamento após a separação de Flora e Pablito. Também persegue Pytã, por ser irmão de Pablito, seu rival, a ponto de pagar um homem para vigiar os passos do rapaz. É um personagem degradado em seus valores, pois no início da narrativa é considerado como o mais fraco dos capatazes, por ser dominado pela paixão que sente por Flora.

Há, neste romance, uns heróis não singularizados na figura de uma personagem, mas coletivos, resultado da soma de traços de todos os ervateiros que trabalharam na extração da erva e que contribuíram para o desenvolvimento da região. A erva e a terra aparecem como os protagonistas determinantes dos destinos das outras personagens.

O romance *Selva Trágica* se constrói sob o signo da tensão causada pelo choque entre dominadores e dominados. Os primeiros representados diretamente pelos administradores, capatazes e comitaveiros; os segundos, pelos ervateiros, pelos changa-y, pelas mulheres dos ervais, pelos fugitivos do rancho. Tensão, no sentido sociológico, designa as oposições internas, manifestas ou latentes entre grupos sociais, numa determinada realidade humana. Uma narrativa densa, compacta carregada de tensão, desvela o homem oprimido em seu meio. Este homem está na pele dos ervateiros que transportam o raído de 200 quilos, arriscando a vida; na pele dos fugitivos que são caçados como animais e, na maioria das vezes, mortos; na pele das mulheres exploradas sexualmente perse-

guidas e impedidas de amar. A tensão reside, ainda, na vida clandestina dos changa-y; na força do poder da Companhia que mantém os mineiros presos, endividados, escravizados, em meio à mata, sem nenhuma esperança de liberdade: uns são conformados e entregues à vida, outros desesperados, tentam a fuga.

Hernâni Donato, ao intitular seu romance como *Selva Trágica*, põe em primeiro plano o espaço em que a ação ou uma cadeia de ações haveria de ocorrer a fim de realizar uma transformação social. Chamando a atenção para a selva, o escritor faz dela personagem de uma trama marcada pela violência e pelo destino funesto de seus personagens. Contrariamente a uma concepção de natureza paradisíaca capaz de harmonizar conflitos e estabelecer o equilíbrio de emoções humanas, a selva de Donato é o lugar de tensões, medo e confinamento para aqueles que ali se encontram: mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários, vivendo o pesadelo da extração da erva nos limites da vida e da morte; lugar onde se entra, mas do qual não se pode sair, ou se sair, é por via da morte rápida, nas represálias das fugas, ou lenta, no cotidiano dos ervais. "Vá lá! Diz o outro - na fugida morrem depressa, no erval devagar. O sujeito pode escolher, não pode?" (p. 74).

O que ronda os ervateiros é sempre o espectro da morte. A violência, a repressão, o trabalho forçado a que é submetido o homem comum, que sonha com o enriquecimento rápido e fácil e com o conforto de uma vida digna: um herói da sobrevivência, adiando o momento inexorável do fim. São presas fáceis do poder, da manipulação dos patrões. "A selva que tratamos neste livro era de fato trágica", afirma o escritor e fundamenta a sua afirmação com o depoi-

mento de Rafael Barret: "... Los departamentos de yerbales (...) de 330 hombres sacados de Villarrica em 1900 para los yerbales de Tortmenta en el Brasil, no volvieron más que 20." (p. 08)

O espaço é um elemento imprescindível no desenvolvimento de uma narrativa. Ele contribui para a organicidade do romance, podendo até mesmo ser fator de relações fatídicas entre o homem e o meio. O espaço está ligado ao homem e produz nele efeitos que em narrativas, como *Selva Trágica*, condensam a vida e traçam o destino das personagens. O título do romance já identifica seu espaço, caracterizando-o como um espaço de tragédia humana, considerando os vocábulos que o formam: *Selva*, lugar arborizado, mata fechada, floresta, lugar de difícil acesso e sobrevivência; *Trágica*: sinônimo de acontecimento que desperta lástima, horror, ocorrência funesta, *sinistra*, infortúnio, desgraça. *Selva Trágica*: espaço onde se luta duramente pela sobrevivência devido aos infortúnios e desgraças promovidos pela exploração do homem.

O espaço de *Selva Trágica* é o espaço da floresta, das vastidões da mata, das amplitudes das distâncias. Espaço aparentemente aberto porque é por ele que os ervateiros perambulam em busca de ervais, das minas. No desenrolar da narrativa, contudo, o espaço vai se revelando fechado, opressor e acaba oprimindo o homem, incapaz de escapar dele, pois é nele que está o meio da sobrevivência de uma vida subumana de trabalho forçado, de exploração, miséria e injustiças, onde a liberdade é furtada do homem.

Neste espaço, o trabalhador é nômade, predador. Espaço de desafios, e infortúnios, de geografia acidentada, inóspita. No emaranhado da mata, o homem sente-se diminuído, impotente. A vegetação o

sufoca, e os caminhos, os trilhos, as veredas são picadas por abrir. Para se orientar em geografia tão adversa é preciso subir ao topo das palmeiras, descortinar rumos e prosseguir: "No vigésimo dia da monteada entardeciam num pindobal beirando fio d'água bolíçoso (...) O capataz Lucas apontava o coqueiro mais alto: - É a sua vez. Suba e espie (...)" (p. 9)

Na vastidão da mata, espaço de perdição, as personagens ficam confinadas ao espaço dos casebres, das barracas, taperas, ranchos provisórios e improvisados que mais constroem que acolhem seus moradores. São habitações que impedem a privacidade da vida íntima dos trabalhadores e convidam o homem a transgressões de toda ordem e limites, tornando-os menos humano e mais animalesco:

À tardinha o Isaque dividiu os homens pelas moradias. Dois solteiros iam para o mesmo rancho, mineiro com mulher em rancho bendito que é de cobertura em duas águas. Se quisesse, por capricho dele ou dela, um rancho rabo-de-pato, o de três águas, havia que fazer a melhoria sozinho ou com os compadres, nas horas de descanso e de dormir. (p.196)

O espaço oprime as personagens não apenas no que tange à escassez ou precariedade da moradia, mas pela falta de livre trânsito por esse espaço de mata fechada, repleta de empecilhos, como animais ferozes, cobras, mosquitos etc, agravada pela opressão dos patrões, que lançam os ervateiros num confinamento. O mineiro é forçado a trabalhar de forma desumana, sob pressão de capatazes, algozes dos trabalhadores, e de um lugar que não oferece nenhum tipo de segurança. Presos neste lugar, os ervateiros inconformados tentam fugir, mas são barrados, não só pelos comitiveros, funcionários da Com-

panhia, como também pela dificuldade em transpor um espaço composto de mata, rios, colinas, pedras, bichos, que dificultam ultrapassá-lo e conquistar a liberdade. "O mato não estava a favor dos fugitivos. Fechado, ruidoso, agressivo." (p. 81)

Em *Selva Trágica*, se a mata corresponde ao espaço fechado, que oprime; o rio é o referencial espacial que liberta, esperança vital, aspiração de mudança, desejo de libertação, de um futuro melhor, por isso, "alcançar o rio"; para os ceifadores fugitivos significava alcançar a liberdade, a vida: "...Além, no fundo, entre colinas e matos, o rio esticado e ondulado pelos caprichos da lua. Bastava atravessar o campo e cair no rio! Chegar ao outro lado do rio queria dizer estar a salvo." (p. 181)

Postas em seus limites de constrangimentos, as personagens entram em conflito com o mundo em que vivem, cenário de sofrimento e repressão, que transforma o homem em um ser menor, impotente, forçando-o a permanecer em um espaço que o degrada em todos os sentidos.

Contrariamente ao espaço romântico, onde a natureza é cenário paradisíaco, edênico, de equilíbrio, de emoções e de recuperação de vigor físico, o espaço em *Selva Trágica* mostra-se como tensão e conflito. Ao mesmo tempo é o espaço da denúncia, da vida contra a morte, da liberdade sobre opressão, apanágio da literatura neo-realista. É válido ressaltar que a natureza neste romance é um fator antagonico aos ervateiros, parte de sua tragédia. O verdadeiro responsável pelo inferno dos mineiros, em meio à selva, é o sistema capitalista representado pela Companhia de Erva-Mate, que explora de forma desumana e gananciosa o mineiro, escravizando-o.

Em *Selva Trágica* não há propriamente um herói trágico que, ao

final da trajetória volta triunfante. O processo pelo qual a personagem passa a degradada e a torna problemática porque ela passa a ter consciência de seus limites e da incapacidade de romper os liames de um contrato em que sempre será derrotada. O protagonista deste romance se vê presa fácil de uma armadilha muito bem arquitetada, e não tem saída. Individualmente é fraco, sua força estaria no grupo, mas falta nele a consciência do coletivo e a coragem da ação conjunta. Consola-se, portanto, na esperança de um contrato encerrado e no acerto justo das contas:

Pytã quer da noite todo o descanso que ela oferece. Dormir bastante para dar ao corpo a força que a erva retira durante o dia. Nega muita coisa ao seu corpo para dar-lhe tudo mais tarde, quando houver pago as dívidas, tiver dinheiro chacoalhando na bolsa e puder tomar uma carreta, ir até o rio e descer rio abaixo, rumo de casa. (p. 16)

O sentido de trágico também é o de algo funesto, sinistro terrível, estarrecedor, acontecimento que desperta piedade e terror. Neste sentido, a vida dos mineiros nos ervais de Mato Grosso do Sul é trágica bem como o espaço em que as forças adversas oprimem-nos e fazem da selva um espaço de tragédia.

Nos episódios da Festa da Semana Santa, encontramos também a presença do trágico. Há um corte súbito na narrativa do cotidiano de sofrimentos do ervateiro para se descrever a chegada da Semana Santa, tempo de penitência, arrependimento e orações para homens que se dizem inseridos na cultura e na civilização, porém, não para aqueles que são produtos da natureza perversa do homem, os ervateiros do Mato Grosso do Sul. O tempo do sagrado é para eles o tempo do profano; a festa cristã é também a festa dionisíaca, dos pra-

zeres, das transgressões. Tempo de alívio, de esquecimento da dor para enfrentar a dor que terá continuidade:

Mulheres, jogos, carreiras, danças, churrascadas, bebedeiras, canções! Do Domingo de Ramos ao Domingo de Páscoa. Sem parar, sem esfriar! Doidamente, do primeiro ao último momento.

Isso era a Semana Santa nos ervais ao tempo da febre do mate. (p. 132)

No mesmo espaço confuso, onde os valores se mesclam, o homem perde o senso do certo e do errado e se pauta por uma lei própria, que é a busca do "prazer" e da "felicidade", mesmo que momentâneos, a qualquer preço, num afogamento da desilusão e do sofrimento. Verdadeira carnavalização, em que tudo é permitido neste espaço de transgressões do mundo sem lei que é o dos ervais, ou seja, o da lei da força e da opressão que degrada e aniquila o homem.

O sentimento do trágico encontra-se também na maneira como os ceifadores convivem com a morte e a encaram. Ela ronda a vida deles diariamente. Vivem numa verdadeira corda bamba, sob tensão constante ao terem que transportar nas costas um raído de erva-mate de 200 quilos. Além da morte instantânea e solicitada, há a morte lenta, que tolhe, definha diariamente, de forma trágica e estereotípica. Como no caso do Uru Curaturã, o torrador de erva-mate. No estado em que se encontra, ele sabe que a qualquer momento morrerá e não espera mais nada da vida, a não ser prazeres mundanos. O seu trabalho intenso de 48 horas torrando a erva no barbaquá, sugou-lhe a vida, deixando-o vulnerável à morte. (pp.33-4)

A indiferença à morte aparece também no quadro em que se

relata a morte de uma menina, filha de um batedor de erva-mate. Indiferença dos administradores do rancho com a dor do empregado. Durante o velório, as pessoas conversam muito, bebem e dançam diante da morte, num misto de dor e libertação, revelando uma cultura diferente e bizarra. O importante para eles é que, pelos menos, esta menina está livre da vida trágica dos ervais (p.97).

A morte do velho Bopi também é a prova da consumação da vida em consequência da colheita da erva-mate, que antecipa o envelhecimento e abrevia a existência do trabalhador. Não tinha família nos ervais, vivia apenas da amizade de outros trabalhadores, mas diante da morte, mesmo de um amigo, transparece a indiferença. (p.117)

Verifica-se que a morte é tida como alívio, como uma libertação. Mas também é sacrifício. Em outro trecho da narrativa ocorrem duas mortes, para que um sobreviva: um capanga e um fugitivo são mortos, para que Augusto escape. Este friamente planeja o sacrifício do companheiro para facilitar sua fuga. De forma inescrupulosa Augusto se safava da morte. (p.86)

A situação trágica do homem nos ervais faz com que ele tome atitudes monstruosas e veja a morte como uma realidade circundante, que pode chegar a qualquer momento, da forma mais inusitada possível. Por meio de acidentes previstos, por definhamentos devido ao trabalho forçado e sem segurança, por doenças naturais, por falta de assistência médica, por assassinatos para servirem como exemplos, por traições. Não há um futuro compensador para o mineiro-ervateiro, abandonado à própria morte, a sua única certeza.

A esperança de liberdade dos ervateiros estava no líder Luisão, que sem medo, lutava pelo fim do monopólio da extração da erva,

mostrando aos políticos os desmandos da Companhia. Quando o Governo resolve extinguir o Monopólio da Companhia, é Luisão quem leva a grande notícia aos já enfraquecidos e sofridos ervateiros:

- Uma luta deste porte não começou ontem, nem pode acabar hoje. Durou muito tempo, engoliu muita gente, enriqueceu uns poucos e desgraçou milhares. Começou com a regulamentação da poda, coisa que ninguém obedeceu. Agora, mandaram dizer que o Governo decretou a extinção do Monopólio. Todos vocês podem pedir concessão e tirar a erva. Isto custou dez anos de espera. Não pensem que com isso - esse papel do Governo - os apuros se acabaram. O Governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do Governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (p. 198)

A esperança de melhorar estava no fato de agora todos poderiam obter a concessão para a extração da erva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, D. *O espaço e o sentido* (*Germinal* de Émile Zola). Pref. Henri Miterrand. Paris-Amsterdam: Éditions Hadés-Benjamins, 1985.

_____. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Do Grupo CASA (Coordenação de Ivã Carlos Lopes, Edna Maria F. S. Nascimento, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes, Marisa Giannecchini de Souza). Baurú: EDUSC, 2003.

DONATO, H. *Selva trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976.

O Reflexo distorcido do mito de Orfeu no poema *Rapto*

Lucilo Antônio Rodrigues
(UNESP/BILCE – UNIJALES/FIU)

Resumo: Neste artigo procurei realizar uma leitura do poema *Rapto*, de Carlos Drummond de Andrade, tendo como fio condutor o reflexo distorcido do mito da lira de Orfeu na lírica moderna.

Palavras-Chave: O mito da lira de Orfeu, a dissolução do sujeito lírico na modernidade, a poesia hermética.

A lira de Orfeu, segundo a excelente leitura de Thomas Bulfinch (1796-1867), tinha o poder de encantar a todos: o seu canto congregava os deuses, os homens, as plantas e até mesmo as rochas, que, momentaneamente perdiam sua rigidez e dureza (2000, p.224). A incrível imagem desse apelo à simpatia universal sempre foi associada ao gênero lírico e, com frequência, a vemos plasmada, sob inúmeras formas, nas planícies ou nos grotões mais profundos do texto literário. Com efeito, a lírica, vazada em verso ou prosa, tem se constituído, no transcorrer dos séculos, como uma voz desejosa de conciliar os elementos mais díspares; digo desejosa, porque a comunhão entre todos os seres, como a lira de Orfeu, é um mito: um lá, uma terra misteriosa, onde espectros antigos recortam, com suas silhuetas colossais, um horizonte mágico e divino; enfim, é um mundo de metáfora total em que tudo é igual a tudo.

Esse canto de consagração, inerente à lira, muitas vezes aparece como tema, sobretudo no século

XX, quando o fazer literário se transformou em uma espécie de idéia fixa entre os poetas. O poema *Rapto*, de Carlos Drummond de Andrade, possibilita essa leitura. Vamos a ele:

RAPTO

1 Se uma águia fende os ares e arrebatava
2 esse que é forma pura e que é suspiro
3 de terrenas delícias combinadas;
4 e se essa forma pura, degradando-se,
5 mais perfeita se eleva, pois atinge
6 a tortura do embate, no arremate
7 de uma exaustão suavíssima, tributo
8 com que se paga o vôo mais cortante;
9 se, por amor de uma ave, ei-la recusa
10 o pasto natural aberto aos homens,
11 e pela via hermética e defesa
12 vai demandando o cândido alimento
13 que a alma faminta implora até o extremo;
14 se esses raptos terríveis se repetem
15 já nos campos e já pelas noturnas
16 portas de pérola dúbia das boates;
17 e se há no beijo estéril um soluço
18 esquivo e refochado, cinza em núpcias,
19 e tudo é triste sob o céu flamante
20 (que o pecado cristão, ora jungido
21 ao mistério pagão, mais o alanceia),
22 baixemos nossos olhos ao designio
23 da natureza ambígua e reticente:
24 ela tece, dobrando-lhe o amargor,
25 outra forma de amar no acerbo amor.
26 (*Poesia completa e prosa*, 1977, p.250)

Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que o poema oferece inúmeras possibilidades de interpretação, por isso, não devemos esperar fórmulas mágicas que resolvam o nosso problema, uma vez que a própria ambigüidade é um dos possíveis percursos de sentido. Mas

como toda a análise deve ser pausada pelo espírito científico e não por uma curiosidade aleatória, é fundamental que nos aparelhemos, a fim de que nossas observações não sejam totalmente sem fundamento.

Há vários modos de se iniciar uma análise: pelo tema, pela estrutura, por uma imagem, por um aspecto sonoro, entre outros. Como o poema não se oferece facilmente a um tema, começarei pela imagem sugerida no primeiro verso: "Se uma águia fende os ares e arrebatava". Há que se levar em conta aqui, a bela imagem da águia, a simbologia ligada a ela, o céu atrás da ave e o seu movimento de arremate. Simbolicamente a águia pode significar poder e grandeza; pode significar também solidão e elevação espiritual. Na mitologia grega a águia costuma figurar ao lado de Zeus e é considerada a mensageira dos deuses na terra, e frequentemente, está associada aos sacrifícios. O psicólogo Alexandre Rivero nos dá uma interessante definição de um dos significados desses sacrifícios:

No alto das montanhas, as vilizações ofereceram sacrifícios em busca de tomar algo sagrado, digno de uma divindade. Presentear o divino, celebrar a relação transcendente humano-profano e divino-sagrado, o sacrifício é geralmente queimado, destruído ou intocável, esta condição na oferenda, exerce um sentimento de temor. O sacrifício não pode ser entendido como destruição da natureza, mas sim valorização da aliança humana-divina ou profano-sagrada, possibilitando a visão holística e ecológica do homem.

tegrado numa ordem harmônica natural. (<http://paginas.terra.com.br/saude/oconsultorio1/museu.html>).

A simbologia em torno da figura da águia já é suficiente para se iniciar um interessante percurso de sentido. A idéia da conciliação entre o sagrado e o profano, salientado por Rivero, de fato, está expressa nos versos 20 e 21. No entanto, o que é arrebatado pelo vôo cortante da águia, isto é, o que é colocado como sacrifício, é "um suspiro de delícias terrenas combinadas". O poema não esclarece o que são essas "delícias terrenas", mas diz que esse suspiro é uma forma pura, isto é, imaterial. Com efeito, a palavra suspiro remete aos significados da imaterialidade; mesmo quando pensado denotativamente, suspiro é uma respiração entrecortada é sopro, isto é ar, coisa leve, como vôo da águia. Conotativamente suspiro associa-se à dor da alma: desejos ardentes, ânsias, gemido, lamento (conforme nos esclarece o dicionário Aurélio). O importante a ressaltar aqui é o caráter ambíguo: as delícias terrenas deveriam degradar-se, mas são também puras, isto é, não estão sujeitas à degradação. Ora, tradicionalmente quem cumpre esse papel intermediário entre os deuses e os homens é a lírica, que por sua vez tem a sua melhor representação no canto de Orfeu.

A partir dessas observações, já podemos estabelecer o nosso tema básico: o desejo de união entre o sagrado e o profano. Por outro lado, os quatro últimos versos são de muito valia para restringir esse tema: "baixemos nossos olhos ao desígnio/da natureza ambígua e reticente:/ela tece, dobrando-lhe o amargor,/outra forma de amar no acerbo amor. Muitos analistas vêem nestes versos a chave para o entendimento do poema e afirmam, sem vacilar, que o assunto, na verdade, é o amor homossexual e não falta quem chegue a interpretá-lo como uma espécie de confissão íntima de Drummond. Conforme já foi

salientado, o poema se oferece a inúmeras interpretações e essa é uma delas, não há como refutá-la. Mas seria um erro considerá-la a única possível.

O tema do amor pode recobrir muitos percursos de sentido, mas antes de mais nada, é legítimo perguntar: por que acerbo? Convém lembrar que a tradição literária está repleta de trágicos amores. Talvez o destino mais tocante tenha sido o amor de Paolo e Francesca, cantado na Divina Comédia; o mais dramático o de Romeu e Julieta; entre nós, a tragédia mescla-se com a realidade: o terrível desfecho do amor de D. Pedro por Inês de Castro, imortalizado nas páginas dos Lusíadas. Para finalizar, basta lembrar aqui os versos mais famosos de Camões: "Amor é fogo que arde sem se ver/ É ferida que dói e não se sente/É um contentamento descontente/É dor que desatina sem doer".

Portanto, afirmar que o amor é acerbo, nada mais é que reportar ao mais antigo dos temas da tradição literária, dentre estes, o mais notório, sem sombra de dúvida, é o tema o amor platônico, presente na lírica portuguesa desde o final da Idade Média, por influência de Petrarca. Assim a elevação espiritual, passaria pela experiência amorosa, mas essa ascese só poderia ser experimentada pelo homem por um tempo limitado, por um arrebatamento que o iluminasse por um instante, como revelação: nesse momento único, as leis naturais são suspensas e todas as antinomias se anulam. Aqui a experimentação material se transforma em experiência transcendental que, dependendo de sua natureza, pode ser mística ou estética. Interessa-me aqui, a experiência estética, isto é, aquela que nos é revelada diante da obra de arte e, no nosso caso em questão, aquela que decorre da leitura de um poema. De acordo com Octávio Paz, "a experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisa-

mente sua liberdade essencial" (1982, p.232). Mas trata-se de uma experiência individual e indizível, ou seja, revela-se a cada um de maneira distinta. Assim, uma pessoa ingênua ou pueril pode passar por uma experiência estética diante de um poema sentimental como, por exemplo, Meus oito anos, de Casimiro de Abreu. Todavia, o racionalismo, cada vez mais crescente na modernidade, inviabilizou a expressão sentimental e ao poeta moderno, sobretudo o do século XX, restou apenas duas opções: ou deveria satirizar (ou ironizar) a expressão lírica ou escondê-la do olhar crítico.

No Rapto é justamente isso que se constata: trata-se de um poema hermético, obscuro, que não se revela de um modo fácil. A racionalidade do espírito moderno não pode penetrá-lo em seu âmago, não pode circunscrevê-lo com grossos contornos, pois os sentidos vazam, por todos os lados; não pode, portanto, parodiá-lo, isto é, destitui-lo da sua essência lírica. De fato, na primeira leitura do poema já podemos sentir uma sensação de suspensão, de rapto. Embora essa experiência seja irreduzível e, como afirmou Paz, indescritível, podemos sondar alguns elementos presentes no poema que desencadeiam uma espécie de desautomatização, a qual o formalista russo Viktor Ghklovski chamaria de estranhamento em seu artigo A arte como procedimento (1978, p. 39-56).

Ao lermos o Rapto sente-se que há nele um grande apelo lírico; muitos são os elementos que concorrem para a formação dessa atmosfera e um dos mais importantes, certamente, é o tom imposto pela forma fixa, qual seja, o noturno. De acordo com Hênio Tavares, são características do noturno "a intensidade lírica, o ritmo métrico de peculiar tom elegíaco e a densidade melancólica que utiliza freqüentemente, como elemento estético, a sombra sugestiva da noite, à maneira de manto de tristeza" (1969, p.299).

O lirismo do Rapto também é notado pela presença de conteúdos subjetivos que parecem estar distribuídos de um modo vago. Certamente, o poema possui uma grande quantidade de imagens e elas parecem estar arranjadas de uma maneira aleatória, parecem soltas, sem uma conexão lógica: é esse mosaico que atrai a atenção do leitor e ilude o olhar racionalizante. Mas por que as imagens sugeridas no poema parecem soltas? A primeira idéia que nos vem, em tais casos, é: se parecem soltas é porque a sintaxe não está conseguindo amarrá-las. Conquanto não haja rupturas sintáticas, pode-se dizer que o uso abundante de encadeamentos provoca um atraso na pausa sintática, isto é, há uma predominância da pausa métrica em detrimento da sintática, como pode ser observado nos três primeiros versos: "Se uma águia fende os ares e arrebat/ esse que é forma pura e que é suspiro/ de terrenas delícias combinadas". Todavia, como bem observa Rogério Chociay: "O encadeamento, longe de destruir a relação sintática entre as palavras e mesmo o seu significado, é um recurso que acaba obtendo maior riqueza e complexidade de apoios rítmicos aos versos e às estrofes, além de ser fator de realce expressivo". (1974, p.165). O encadeamento, portanto, não destrói a relação sintática entre as palavras, mas influi, consideravelmente, no andamento rítmico.

Há ainda uma outra particularidade interessante verificada no poema: fato de ser composto por um único e longo período. Aliado a isso, constata-se que o autor não retoma o que foi dito, isto é, não faz uso da redundância. Esses procedimentos vão ser os responsáveis pelo obscurecimento da mensagem, produzindo aquela sensação de esfacelamento. Não havendo a necessária redundância que explique o sentido das frases, a ênfase se desloca para as imagens; neste caso, o leitor é levado diretamente a elas, sem qualquer mediação lógica: "uma águia fende os ares e arreba-

ta", "forma pura", "terrenas delícias", "vão mais cortante", "pasto natural aberto aos homens", "cândido alimento", "raptos terríveis", "campos", "noturnas portas de pérolas dúbias das boates", "beijo estéril", "cinza em núpcias", "céu flamante", entre outras. Drummond, conscientemente, procurou montar um mosaico com imagens belas. Belas, porque partilham de uma determinada convenção literária; belas, porque as palavras por si só já revelam a poesia, como é o caso do primeiro verso: "Se uma águia fende os ares e arrebat" (imagem dos arremates de uma águia, nesse caso, o belo harmonioso e simétrico da tradição clássica). Em outras palavras, pode-se afirmar que, durante a leitura de uma obra de arte literária, estamos sujeitos a raptos oriundos de qualquer plano do discurso e, esses momentos, abruptos, originais, caóticos, geralmente, não estão ligados de modo sistemático à estrutura do texto, pois sua função principal é provocar um estranhamento no leitor.

Mas não é apenas a forma escolhida (o noturno) e a plasticidade das imagens que geram o efeito de lirismo. Na camada sonora do poema também verifica-se o uso de aliterações como, por exemplo, a repetição do fonema /s/ em "exaustão suavíssima"; do fonema /m/ em "vai demandando o cândido alimento"; do /r/ em "se esses raptos terríveis se repetem"; dos fonemas /p/ e /b/ em "portas de pérola dúbias das boates", e muitas outras (não é nosso objetivo arrolar todas as ocorrências).

O lirismo pode também ser notado na profunda melancolia que embala o poema. Ela é sentida não só no vocabulário disfórico ("suspiro", "solução", "acerbo", "amargor"), mas, também, na regularidade métrica e rítmica. Com efeito, com exceção do primeiro, do nono e do décimo sexto versos, todos os demais possuem 10 sílabas. Contudo, mediante alguns processos de acomodação silábica (elisões, sinalefas e crases), pode-se fazer com que o

poema inteiro passe a ter dez sílabas. Esse recurso só tem sentido porque proporciona o aparecimento de uma outra imagem que vai ao encontro do tema proposto¹. Vejamos então como ficaria o poema com as dez sílabas:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
1	Se	u	m	a	á	g	u	i	a	f	e
2	e	s	s	e	q	u	e	é	f	o	r
3	m	a	p	u	r	a	e	q	u	e	é
4	s	u	s	p	i	r	o	d	e	t	
5	e	r	r	e	n	a	s	d	e	l	
6	i	c	i	a	s	c	o	m	b	i	
7	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
8	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
9	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
10	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
11	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
12	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
13	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
14	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
15	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
16	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
17	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
18	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
19	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
20	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
21	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
22	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
23	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
24	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	
25	n	a	d	a	s	c	o	m	b	i	

Vimos que, ao se dividir o verso em dez sílabas (valendo-nos das sinalefas, elisões e crases), foi possível recuperar o percurso rítmico do

¹ O professor Rogério Chociay em sua obra Teoria do verso, esclarece: "...os processos de acomodação silábica, que constituem um aproveitamento do potencial de oscilação de fronteiras silábicas e dos acentos instituído-se como meios de transformar um corpo silábico (instável) num corpo métrico (estável)" (1974, p.19)

poema. Contudo, é fundamental atentar-se para o fato de que a regularidade proporcionada pelos decassilabos (estaticidade) deveu-se a um recurso denotador de dinamicidade (os processos de acomodação silábica). Ressalte-se, ainda que, no verso "Portas de pérola dúbias das boates" (décimo sexto), foi necessário proceder a uma síncope ocorrida quando da supressão do fonema /o/ da palavra pérola (que passou a ser lida como pér'la), a fim de que o verso mantivesse a unidade métrica e rítmica. Essa operação, no nível da estrutura, está em consonância com o conteúdo expresso no verso, ou seja, o fato de a palavra pérola poder ser lida de dois modos (sincopada ou não) constitui um instante dúbio no poema (ou uma pérola, no sentido figurado). Todos esses procedimentos são indicadores da ambigüidade que será uma tônica ao longo de todo o poema.

Quanto à acentuação silábica, observa-se que a maior parte dos versos são decassilabos heróicos (acentuação tônica nas sextas e décimas sílabas), exceção feita ao segundo, décimo, décimo nono e vigésimo quinto versos, que são decassilabos sáficos (acentuação tônica nas oitavas e décimas sílabas). Uma vez aceita a existência, ainda que ambígua, de um metro e de um ritmo estáveis, deve-se admitir, portanto, que, em pelo menos um plano, há estabilidade. Assim, a cadência regular do ritmo sugere uma tonalidade melancólica, e ao mesmo tempo, elevada, como o de uma marcha fúnebre, aproximando o do ritmo característico do noturno. Contudo, a imagem clara no verso inicial, "Se uma águia fende os ares e arrebatada", associada à predominância da vogal aberta, sugere luminosidade. Vê-se, que o poema de Drummond terá, como um dos raios de sentidos mais importantes, a oposição das categorias semânticas claro/escuro, conforme podemos constatar abaixo:

(i) nível sonoro: ver-

so/verso. Exemplo: contraste entre o primeiro verso, em que há a predominância de vogais abertas, e o segundo, dominado por vogais fechadas: "Se uma águia fende os ares e arrebatada/ esse que é forma pura e que é suspiro" (a-a-a/e-u-u).

(ii) nível sonoro: interior do verso. Exemplo: no sexto, "a tortura do embate no arremate" (u-a-a), e no nono, "se por amor de um'a ve, ei-la recusa" (o-a-u).

(iii) níveis sonoro/semântico no interior do vocábulo. Exemplo: no segundo verso, "esse que é forma pura e que é suspiro" – dissonância entre o sentido da palavra pura (eufórico/claro) e o som da vogal fechada u (disfórico/escuro).

(iv) nível semântico. Exemplo: no décimo nono verso, "e tudo e triste sob o sol flamante", em que se observa a oposição triste (disfórico, escuro)/flamante (eufórico, claro).

A partir dessas poucas observações, é possível vislumbrar o tipo de procedimento característico de Drummond, isto é, a presença constante de uma consciência que permeia e sobrevoa o discurso lingüístico. Por esse motivo, o poema Rapto não pode ser interpretado como uma lírica pueril; antes disso, ele nos remete ao universo lingüístico e, portanto, da reflexão. Vê-se, por essa análise sucinta, que o poema não é um amontoado de sensações dispostas aleatoriamente, como se o poeta quisesse, tal qual a lira de Orfeu, embalar a nossa alma com um canto sedutor. Ao contrário, no poema de Drummond, nota-se a intencionalidade, a construção de um discurso que tem por objetivo desencadear determinados efeitos estéticos.

Assim a experiência poética que deveria me conduzir a uma espécie de nirvana, resulta em um amargo engano: após o atordoamento inicial, o mundo, novamente

se faz em pedaços e sou obrigado a olhá-lo de frente: nele pululam signos prenhes de significados que me convidam para uma outra experiência muito diversa daquela proposta pela lírica tradicional, mas tal qual o nosso poeta diante da máquina do mundo, só me resta recusar essa oferta:

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. 11.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: Eikhensbaum et alli. Teoria da Literatura: os formalistas russos. Porto Alegre: 1978.

CHOCIAY, Rogério. Teoria do verso. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

PAZ, Octávio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIVERO, Alexandre. "A expressão pagã vive, na montanha sagrada". disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/saude/consultorio1/museu.html>>. Acesso em: 15 set. 2005.

TAVARES, Hênio. Teoria literária. 4.ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1969.

Humor de maneira inteligente

Ana Ivonne Magliano

Heloisa G. da Silva

Solange O. Batista

Alunas do 3º ano do curso de Licenciatura Plena em Letras.

RESUMO: O seguinte projeto de pesquisa tende a demonstrar porque o humor pode e deve ser trabalhado dentro da sala de aula, usando a gramática, a ortografia, as variações lingüísticas, e um amplo trabalho dentro da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Humor-ensino, variações lingüísticas.

INTRODUÇÃO

O humor na língua portuguesa nos leva a refletir propostas de ensino, trabalhando-o como um campo de estudos.

O objetivo deste artigo é refletir sobre as possibilidades de trabalho que textos de humor permitem em sala de aula e propor, assim, atividades escolares.

Um texto é capaz de produzir entre interlocutores uma situação de interação comunicativa. Um dos mecanismos básicos dos textos humorísticos é a associação que consiste em, por recursos diversos, ativar dois mundos textuais, o efeito humorístico advirá da descoberta de ambigüidades suspeitas ou não.

O efeito do humor que se dá por meio da homonímia pode se caracterizar por:

- Palavras idênticas
- Palavra/ seqüência
- Duas seqüências homônimas
- Homônimos com mudança

de classe

Expressão idiomática x mesma seqüência não funcionando como expressão idiomática.

Homônimos com diferenças sintáticas

Falsa homonímia

A homonímia parece apresentar três modos distintos de atuar na constituição do texto e na produção do efeito humorístico, permite uma leitura equivocada por um dos personagens da fala do outro; permite uma leitura equivocada pelo leitor/ ouvinte da piada e casos em que o humor não surge de leituras equivocadas, mas da simples mistura de dois mundos textuais ativados pela homonímia e cuja percepção pelo receptor do texto é o móvel do humor.

Dentro de um trabalho de língua materna em 1º e 2º grau, os textos humorísticos são um recurso didático bastante interessante no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos enquanto receptores de textos.

Uma seqüência lingüística tomada como textos pode ter várias leituras, certos efeitos de sentido são vistos como únicos, o texto humorístico é capaz de deixar evidente, de uma forma agradável, fatos importantes do funcionamento discursivo dos textos e dos recursos da língua. E ao abordamos estes fatos, percebemos que são interessantes para a pesquisa lingüística que têm, nos textos humorísticos, evidências bastante explícitas de tais fatos.

O humor também pode ser tomado como arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico.

Quando indagamos sobre o

riso e a sua significação, a insensibilidade é um sintoma que o acompanha e a emoção é seu maior inimigo. Para compreendê-lo devemos colocá-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade, devendo então, corresponder a certas exigências da vida em comum.

O riso pode ser uma forma de castigar, de reprimir as manifestações exteriores de certos defeitos, de procurar corrigir os defeitos e levar a sociedade a se aperfeiçoar.

O riso e o humor estão ligados indissolúvelmente. Quando os dois estados mentais, de moral e comportamento mecânico, estão suspensos nos homens, surge o riso.

As atividades de reflexão sobre a linguagem, ou epilingüísticas, de acordo com Franchi (1988), deveria levar o aluno desde cedo a diversificar os recursos expressivos com que fala e a operar com a própria linguagem.

Apresentando-se as piadas na sala de aula podemos envolver os alunos com uma proposta de exercícios de interpretação procurando-se, por exemplo, os mecanismos envolvidos neles dos níveis lingüísticos, como as rimas, aliterações, verbos, substantivos, adjetivos, fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, metáforas, homônimos e ambigüidades, aos erros que essa linguagem pode levar, às críticas veladas dentro desses textos, as variações lingüísticas, etc.

Pesquisando nas cartilhas escolares da 1ª série encontramos na de 5ª série mais exemplos de trabalhos com o humor.

1) - sinto-me cansado, doutor, sem mínima vontade de dar um passo. O que me aconselha que tome?

- Um táxi meu caro.

(Maranhão, 1975, p.133)

A idéia parte da palavra "tome". É um caso de ambigüidade. Já que o paciente espera com a pergunta um remédio, ao que o médico entendendo-lhe errado lhe responde - Um táxi meu caro. A partir desse texto pode-se incentivar os alunos a uma série de atividades, como por exemplo, a reconstrução do texto.

2) Inutilidade

Ninguém coça as costas da cadeira.

Ninguém chupa a manga de camisa.

O piano jamais abana a cauda.

Tem asa, porém não voa a xícara.

De que serve o pé da mesa se não anda?

E a boca da calça se não fala nunca?

Nem sempre o botão está na sua casa.

O dente de alho não morde coisa alguma.

Ah! Se tratassem os cavalos do motor...

Ah! Se fossem de circo o ma-

caco do carro...

Então a menina dos olhos comeria

até bolo esportivo e bala de revólver.

(Paes, José Paulo, É isso ali. Rio de Janeiro. Salamandra, 1984-Soares, 1990, p. 6).

Neste poema podemos levar os alunos a acharem as classes morfológicas das palavras com duplo sentido, à polissemia. Ainda ver os diminutivos das palavras e os sufixos, o uso adequado deles num texto, como muitas outras atividades usando somente um poema, e com isso ampliar o conhecimento do aluno.

Nos textos aparecem as piadas, pegadas, quebra-línguas, adivinhações, que podem ser usados com as crianças nos trabalhos em sala de aula. Trabalhando-se assim, as duas disciplinas lingüísticas mais importantes para o estudo do humor: a semântica e a pragmática, podendo-se achar os conceitos como pressuposições, implicações e implicaturas, atos de fala, inferências, estratégias convencionais, mundos possíveis, etc. Assim poderemos deixar claros os fatos fundamentais envolvidos na leitura:

a) Que uma seqüência lingüística tomada como texto pode ter várias leituras.

b) Que o texto humorístico deixa evidente, de forma agradável,

os fatos importantes do funcionamento discursivo e dos recursos da língua.

CONCLUSÃO

Existe uma ampla variação de pesquisa no campo do humor que pode ser observado em sala de aula, e é um tema que leva a prender a atenção dos alunos pelo seu conteúdo, tendo em conta a grande evasão existente nas salas de aulas, este seria mais um recurso para prender estes mesmos alunos dentro delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTI, Marcos Luiz. In Revista Interatividade. v.2. nº 1. Andradina, 2002.

MARANHÃO, Francisco de Assis. Vamos ler, ouvir, falar e escrever. 5ª série, expressão e comunicação em língua portuguesa. São Paulo, IBEP, 1975 p. 133.

ROSSENTI, Sírio. Os humores da língua. Análise lingüística de piadas. Campinas: Mercado de letras, 2002.

SOARES, Magda. Português através de textos, 5. 3. ed. São Paulo, Moderna, 1990. p.6.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. Retrospectiva: Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. D.E.L.T.A, vol.6. nº 1, São Paulo, 1990.



Faculdades Integradas Urubupungá

PEREIRA BARRETO-SP

Letras

O profissional é pesquisador, o professor de línguas. Sua atividade é estudar e ensinar Português, Inglês, assim como a suas literaturas. Vive no Universo da comunicação. O profissional formado em Letras ministra aulas de Português, Inglês e suas Literaturas. Pode ainda exercer atividades em empresas, redigindo e fazendo revisão de textos. O ato de escrever exige raciocínio.

O tempo em *A casa da madrinha*: Um limiar entre o real e o imaginário

Maria Celinei de Sousa
Hernandes

Faculdades Integradas de
Urubupungá- FIU -Pereira Barreto

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura do tempo e a sua relação com o universo imaginário das personagens do livro *A casa da madrinha* de Lygia Bojunga Nunes.

PALAVRAS-CHAVE: *A casa da madrinha*; Literatura; tempo; personagens

Para Rosenfeld (1969: p. 81), o romance moderno assume a relatividade própria do mundo espacial e temporal onírico que se opõe ao mundo real e absoluto pelo realismo tradicional e o senso comum. Na arte moderna não se reconhece a relatividade do mundo, apenas tematicamente, por meio de uma alegoria pictórica ou a afirmação teórica de uma personagem de romance, mas pela assimilação desta relatividade à própria estrutura da obra-de-arte. A visão de uma realidade mais profunda, mais real do que a do senso comum é incorporada à forma total da obra.

Esta relatividade aparece em *A casa da madrinha* marcando a passagem da infância para a adolescência, vivida pela personagem Alexandre e espelha uma fase em que os valores sociais, e pessoais estão em transição. A estrutura de encaixes de histórias e a conseqüente incongruência temporal, bem como os demais elementos estéticos e estruturais presentes em *A casa da*

*madrinha*¹ espelham metaforicamente uma realidade que deixou de ser um mundo explicado e linear.

Para exemplificarmos esta característica de romance moderno, no texto de Bojunga, abordaremos um estudo do tempo, a fim de mostrarmos como a autora utiliza-se deste recurso ao representar uma "realidade relativa" próxima do mundo imaginário do público infanto-juvenil.

O jogo com o tempo em *A casa da madrinha* é consoante com a dos romances modernos nos quais, segundo Rosenfeld, a cronologia e a continuidade temporal foram abaladas e desfazem a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro (1969: p.78)

O tempo interior instalado na obra é decorrente do tempo filtrado pelas vivências psicológicas e subjetivas das personagens, transformadas em fator do redimensionamento e dissolução da rigidez do tempo dos acontecimentos exteriores. Aquele é o referencial do desgaste social e psicológico sofrido pelas personagens e também funciona como mediador das viagens imaginárias em busca da casa da madrinha, lugar em que o tempo transforma-se em adjuvante das personagens, liberando-os da rigidez marcada pelos compromissos com o real.

Em *A casa da madrinha*, o menino Alexandre faz uma viagem imaginária, até à casa de sua madrinha. Lá é o lugar ide-

alizado por ele, que o procura para realizar seus desejos: livrar-se das saudades de Augusto, seu irmão mais velho; ter comida e roupas à vontade; encontrar um mundo que inspire fantasias; liberdade para brincar; uma casa confortável para viver; enfim ter um lugar e uma realidade bastante diferentes daquela vivida por ele no morro, onde era obrigado a trabalhar, sem poder estudar; conviver com uma paisagem desagradável; sentir falta do pai que vivia bêbado e da mãe que sempre estava doente; além de outros desgostos que o entristeciam.

Durante a viagem, ele encontra vários personagens, que se tornam seus amigos: o Pavão, a Gata da Capa, Vera e outros que têm o mesmo propósito que Alexandre. As histórias dessas personagens vão se ligando à história do menino e, juntas compõem a narrativa maior, por meio dos encaixes de uma na outra.

A história central de Alexandre funciona como um encaixe para todas as outras. Os fatos ocorridos durante a viagem sucedem-se como lembranças de Alexandre e, por intermédio de uma reorganização, por parte do leitor, há uma reconstituição cronológica providencial para que o leitor decodifique as anacronias e neutralize os saltos temporais.

Assim a estrutura narrativa é composta de pequenas unidades textuais² que se sucedem sem ordem cronológica, mas de acordo com os encontros e desencontros causados pelo tempo imaginário, que fa-

¹ NUNES, L. B. *A casa da madrinha*. 4. Ed. Rio de Janeiro: AGE, 1986. Todas as citações de *A casa da madrinha*, neste trabalho, são realizadas por esta edição e serão acompanhadas apenas por indicação de páginas.

vorecem a composição estilística e a unidade textual composta pelo encaixe das histórias dos vários personagens, que de alguma forma procuram pela casa para se deliciarem dos prazeres que ela oferece.

Esta composição textual é tecida com a utilização de anacronias³ que também inspiram, durante o texto, um leque de motivações semânticas: caracterização retrospectiva das personagens; reintegração *a posteriori* de eventos elididos e a dissolução dos enigmas textuais por meio de soluções retardadas. Com isso, o narrador propõe vários enigmas a serem desvendados pelo leitor e deixa em suspense uma série de explicações a serem elucidadas no decorrer da efabulação.

Com o entrelaçamento das marcas do tempo da história narrado pelo narrador-observador e o imaginário das personagens acentua-se a atmosfera de mistérios, também causada pelas anacronias que, simultaneamente, intrigam e dão pistas para a resolução dos enigmas apresentados em todo o texto: Quem é a Gata da Capa? Por que o Pavão, às vezes, ficava tão esquisito? Por que alguém daria uma cortina listada a uma família com fome? E outros que poderiam servir de exemplos.

As marcas temporais se misturam, fazendo fluir no discurso uma temporalidade de limites imprecisos em que as ações transcorrem num constante paralelismo entre imagens reais, imaginárias e também psíquicas. O tempo espelha as formas relativas da consciência das personagens.

Este paralelismo, num primeiro momento, causa estranhamento e uma aparente incoerência temporal. No entanto, com as posteriores afirmações temporais e a consideração do tempo próprio do devaneio, as supostas incoerências

tornam-se plausíveis, visto que o principal traço do tempo trans-real é a permanente ausência de coincidências com as medidas temporais objetivas.

Não há regras para o universo imaginário, as ações transcorrem num ir e vir descontínuo e estar na casa da madrinha significa vivenciar um estado temporário da imaginação, que funciona para as personagens como alívio para os conflitos vivenciados.

Como Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Lygia Bojunga Nunes trabalha o tempo, num constante vaivém, com a diferença que o faz em lances menos extensivos, contando a história *in médias res*. Mesmo utilizando recursos literários complexos, a autora mantém na superfície externa da narrativa uma tênue linearidade cronológica, por meio do deslocamento proporcionado pela viagem para a inclusão de histórias no interior da história principal, sem causar rupturas bruscas no desenrolar do enredo.

O narrador-observador instalado no enredo sabe de tudo e de todos e descreve o íntimo das personagens: suas idéias, sensações, desejos e acontecimentos, conforme se passam em sua psique e não segundo a ordem do tempo cronológico. Trata-se da descrição da vida interior, com suas incoerências e anacronismos em relação ao tempo do mundo exterior, que tem o papel de enraizar a ficção numa determinada realidade, tornando-a inteligível.

Durante as conversas entre Alexandre e sua amiga Vera, um conta ao outro suas histórias, mas são sempre interrompidos pelos chamados da mãe da menina que indica que sempre é horário para fazer alguma coisa. O tempo marcado pela mãe torna-se para os dois um vilão da história:

— Vera!

Vera estava tão dentro do papo com Alexandre que até pulou de susto quando ou-

viu a mãe gritando no portão:

— Já tá na hora do jantar minha filha. (p.30)

A expressão *tão dentro do papo* sugere o envolvimento da menina com o papo e o quanto ela se desligava do universo marcado pelo tempo rígido da família, ligando-se ao tempo imaginário das histórias de Alexandre.

A maior preocupação da menina é em relação aos relógios, uma metáfora do mundo tido pelo senso comum como o real. A família de Vera vive em função do tempo marcado pelo relógio, tudo o que fazem é marcado para que não haja atrasos. Há tempo certo para tudo:

Vera levantou-se de repente:

— Eu tenho que ir, já tô atrasada; eu disse pra minha mãe que eu só vinha um instantinho.

— Ah, fica mais.

— Ela tá me esperando; me dá uma aflição danada quando eles tão me esperando.

— (...) Minha mãe e meu pai têm mania de relógio. Olha, eles me deram esse relógio de natal. Grandão assim pra toda a hora eu ver hora e não atrasar nunca mais. Tudo lá em casa é marcado no relógio: almoço, lanche, jantar, hora de dormir, de estudar, de conversar, e a gente tem um relógio na sala, outro na cozinha, outro no quarto, tem um pequeninho no banheiro, a caminhonete do meu pai não tem rádio mas tem relógio, e a minha mãe, em vez de relógio de pulso, tem relógio de dedo assim feito anel. (p. 53)

A relação de Vera com o espaço e o tempo é uma das histórias encaixadas à história de Alexandre. Vera adora conversar com Alexandre e deixa envolver-se pelo enleio do que ele conta, entra no espaço das histórias e esquece-se do tempo, num tempo-espaço imaginário, indiferente à progressão dos ponteiros do relógio do pai e da mãe.

Em uma das conversas

³ Além da história central de Alexandre e a sua busca pela casa da madrinha, há outras histórias que se encaixam a esta compondo uma narrativa maior.

⁴ São as diferentes formas de discordância entre a ordem da história e a da narrativa. (Cf. GENETTE: p.34)

que os dois têm, ela diz que não poderá mais vê-lo, por proibição dos pais que acham estranho um garoto estar viajando sozinho em busca da casa de uma madrinha. Neste momento, Alexandre a convida a esquecer o mundo real e mergulhar no imaginário, ao tampar o mostrador do relógio dela para que pudessem viajar juntos até à casa da madrinha, em um cavalo criado pela imaginação de ambos. Assim ele a convida para viver o tempo mágico da imaginação, indiferente ao tempo marcado pelos ponteiros do relógio.

Considerando Chevallier & Gheerbrant (2003: p.877) ao afirmar que tempo é ligado ao espaço, indissoluvelmente, observamos que na casa da madrinha, o relógio assume outra conotação, devido ao espaço em que se encontra. Lá ele passa a representar o coração da casa, aquele que tem vida e se emociona com a chegada das crianças. Neste espaço da imaginação, ele foge do referencial temporal rígido e torna-se um adjuvante das personagens, filtrando o tempo exterior à imaginação e tornando-o favorável aos desejos das crianças. O relógio da casa bate *descompassado e gostoso*, uma metáfora de que a casa está em outro tempo, fora da dimensão da realidade conflitante em que viviam Alexandre e sua amiga Vera.

Assim que as crianças chegam à casa da madrinha e abrem a porta, o primeiro objeto, que vêm é o relógio, que fica logo na entrada. É ele quem recepciona as visitas. Chamam pela madrinha, mas ela não aparece:

—Minha madrinha! Minha madrinha!

Nada. Nada, não: o relógio grande, comprido, de pé, batucava o tempo (gostoso mesmo). Eles ficaram parados na porta escutando o batuque, Alexandre olhava e olhava, e quase não acreditava. (p.83)

Neste instante, as personagens ficam contentes, ao perceberem que o relógio tinha um

ritmo gostoso diferente da rigidez marcada pelos pais de Vera. Entram na casa e começam a encontrar tudo que queriam: armários com muita comida gostosa, com roupas; um baú cheio de fantasias de carnaval; Augusto; a Gata da Capa...

Após curtirem a casa, o mar, a floresta e brincarem o dia todo, Vera, Alexandre, o Pavão e a Gata da Capa dormiram para descansar. Num horário 'não se sabe qual', Vera acordou sozinha e assustada, olhou para o relógio e percebeu que:

— *Ele mexia os ponteiros pra baixo e pra cima, não parava em lugar nenhum, estava numa atrapalhão medonha.* (p. 88)

Durante a visita das crianças, o relógio da casa fica descompassado porque se envolve com as emolações do tempo imaginário. O relógio de Vera pára de funcionar, confirmando-nos que naquele espaço não há lugar para rigidez do tempo:

Vera olhou o relógio de pulso, tirou a folha que tapava o mostrador [...]. Ela levantou aflita, o coração batendo assustado, a que horas o relógio tinha parado?

Lembrou dos relógios todos de casa. Será que tinham parado também? Se não tinham, a mãe e o pai deviam andar atrás dela. (p.88)

Na confluência temporal, o tempo imaginário prevalece, situando os acontecimentos fora da realidade. Ele é um ator adjuvante das crianças que buscam sonhos e fantasias no imaginário. O relógio da casa fica em frente à porta de entrada, que não tem pressa para abrir, nem para fechar. Juntos e de acordo com suas disposições e modos de agir, a casa e o relógio tornam-se símbolos do amadurecimento essencial do ser humano, que acontece, pausadamente, num constante vir e vir conforme as conotações do tempo instalado na obra.

O tempo, neste texto de Lygia Bojunga Nunes, possui uma função dúplice e antitética:

de um lado dá-nos a impressão de naturalidade, e seqüência bem ordenada dos fatos, por outro instaura o universo insólito da imaginação, sem limites precisos entre um momento e outro, que se encaixam um dentro do outro por sucessivas vezes. Estes movimentos compõem um texto moderno, que reflete em sua estrutura textual, os encontros, desencontros sociais, pessoais e imaginários vividos pelo garoto Alexandre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera Silva da Costa. 5ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando C. Martins. Lisboa: Veja Universidade, [19-]

HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1980.

NUNES, B. *O tempo na narrativa*. 2ed. São Paulo: Ática, 1995.

NUNES, L. B. *A casa da madrinha*. 8ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/contexto*. 4ed. São Paulo: editora, 1969

1 NUNES, L. B. *A casa da madrinha*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986. Todas as citações de *A casa da madrinha*, neste trabalho, são realizadas por esta edição e virão acompanhadas apenas por indicação de páginas.

2 Além da história central de Alexandre e a sua busca pela casa da madrinha, há outras histórias que se encaixam a esta compondo uma narrativa maior.

3 São as diferentes formas de discordância entre a ordem da história e a da narrativa. (Cf. GENETTE: p.34)

As contribuições da contabilidade ao processo de tomada de decisão na visão dos contadores e estudantes

Ana Paula Callegari Rensi
Zaparoli (FIU)
anarensivet@clubinter.com.br

Eloisa Andrade (FIU)
eloisaandrade@hotmail.com

Vinicius Benjamim Carvalho
(FIU)
viniciusbcarvalho@yahoo.com.br

Inês Francisca Neves Silva
ifneves@ceul.ufms.br

RESUMO: As empresas exigem dos seus executivos decisões precisas e rápidas com informações confiáveis. Para que isso ocorra torna-se necessário que os contadores ou tomadores de decisões estejam capacitados, tanto a produzir como interpretar as informações para obter soluções concretas.

Na atual conjuntura mundial, o homem continua a desempenhar o papel relevante na tomada de decisões simples ou complexas, sempre buscando atingir os objetivos traçados.

A contabilidade é grande fonte de informações e, portanto, representa instrumento imprescindível para os gestores. Neste sentido é que se buscou saber qual a contribuição que a contabilidade vem dando aos gestores tanto na opinião dos contadores como dos estudantes.

Palavras chave: Contribuição, Contabilidade, Informações.

Introdução

Segundo Silva (1994), "a contabilidade é uma das mais importantes fontes de informação para diversos grupos de usuários, é de fundamental importância que ela consiga comunicar com eficiência e eficácia todos os eventos econômicos – financeiros ocorridos na organização". Para ele, as informações geradas pela contabilidade dão suporte para a tomada de decisão. Cada usuário possui um conhecimento e este influenciará em sua decisão.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo, mostrar as principais contribuições que a contabilidade gera aos empresários na visão dos contadores e estudantes da região de Araçatuba – SP.

Acredita-se que as opiniões de acadêmicos e profissionais da área sejam relevantes quando se querem conhecer as contribuições da contabilidade dentro do cenário empresarial, tendo em vista que as faculdades e universidades nem sempre se preocupam com a prática contábil.

Para desenvolver a pesquisa utilizou-se do método não probabilístico com amostragem intencional no qual, segundo Martins (1994, p.41), "o investigador se dirige intencionalmente a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião". Neste trabalho foram entregues 200 questionários com questões fechadas e abertas, aos participantes do II Encontro de Con-

tabilistas, realizado em dezoito de março de dois mil e cinco na cidade de Araçatuba - SP. Do total foram desenvolvidos 66 questionários, o que representa 33%.

1-Evolução do Pensamento Contábil

Podemos dizer que a contabilidade existe há mais de 4000 anos A.C, pois já existia o controle quantitativo de rebanhos de ovelhas no livro de Gênesis da Bíblia (MARION, 2002).

Segundo Sá (1998)

há mais de 6000 anos, o comércio já era intenso, o controle religioso sobre o estado já era grande e poderoso, daí derivando grande quantidade de fatos a registrar, ensejando também o desenvolvimento da escrita contábil.

Desde os séculos XII e XIV, a contabilidade já existia no comércio da Itália, tendo em vista que fragmentos do primeiro registro de escrituração por partidas dobradas foi encontrado em Gênova (HENDRIKSEN, 1999). Entre os séculos XIII a XVI a contabilidade consolidou-se através do trabalho do Frei Luca Pacioli, que publicou na Itália um tratado sobre a contabilidade de grande utilidade no meio contábil (MARION, 2002).

No Brasil, a contabilidade começou através da "Escola de Comércio Álvares Penteado" em São Paulo, criada em 1902. Entretanto foi

através da fundação da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP, em 1946, que o Brasil ganhou o primeiro núcleo de pesquisa contábil (IUDÍCIBUS, 1997).

Na atualidade, o mercado exige mudanças, portanto é preciso uma transformação no conceito da contabilidade e do contador, pois as empresas estão constantemente enfrentando desafios e há a necessidade de competência, habilidade e criatividade do profissional contábil para superar as expectativas do cliente (CANEVAGE E BARBAIS, 2004).

2- Conceito e teoria acerca da contabilidade

Segundo Franco (1994, pg 21), "a contabilidade é a ciência que estuda, controla e interpreta os fatos ocorridos nos patrimônios das entidades, mediante o registro, a demonstração expositiva e a revelação desses fatos". Um de seus principais objetivos é registrar as transações e informar os reflexos da mesma.

Pode-se dizer que hoje o fato mais relevante não é a escrituração contábil, mas sim a preparação para interpretar, entender e analisar os relatórios contábeis para uma correta tomada de decisão. Não existe fórmula mágica para o crescimento de uma empresa e sim alternativas que possam levá-la ao sucesso.

Na contabilidade, o controle da informação contábil encontra-se nas mãos do contador. Portanto, este tem a função de fornecer informações úteis aos seus usuários, buscando sempre melhorar. Infelizmente, esta função, algumas vezes, é distorcida para satisfazer as exigências do fisco.

3 - Atributos da informação contábil

Confiabilidade, Tempestividade, Compreensibilidade e Comparabilidade são fatores essenciais quando se tratam de informações, segundo Padoveze, Romanini

e Copatto (2004)

1. Confiabilidade: é a ferramenta principal para que o usuário aceite e use as informações geradas pela contabilidade. Suas informações não podem conter erros e devem basear-se em normas e princípios geralmente aceitos pela ciência contábil.

2. Tempestividade: refere-se ao fato de as informações chegarem aos usuários em tempo hábil, ou seja, para que sejam utilizadas na hora de suas necessidades.

3. Compreensibilidade: diz respeito à objetividade e clareza na publicação dos demonstrativos contábeis para que os usuários compreendam as informações colocadas a sua disposição.

4. Comparabilidade: permite o acompanhamento de uma informação ao longo do tempo e sua evolução.

4 - A contabilidade como sistema de informação

Antes de se entrar em conceitos de sistema de informação contábil enfocaremos os conceitos de sistema, dados e informação, para melhor compreensibilidade da contabilidade como um sistema.

Sistema é um conjunto de partes interdependentes que, conjuntamente, forma um todo unitário com objetivo determinado para reger uma função.

Os elementos básicos de um sistema são os seus objetivos, ambiente e processamento de sistema, entradas e saídas, administração e avaliação do sistema.

Os componentes, segundo Padoveze (1998) de um sistema podem ser:

1. Objetivos do sistema - é a finalidade para a qual o sistema foi criado.

2. Entradas do sistema - consistem no que entra para o processo de transformação de uma empresa.

3. Processo de transformação - é a função de transformar um insumo em um produto final.

4. Saídas do sistema - são os frutos da transformação, portanto elas devem estar de acordo com os objetivos do sistema e devem ser quantificáveis.

5. Controle e avaliação do sistema - são utilizados para verificar se as saídas estão de acordo com os parâmetros previamente estabelecidos.

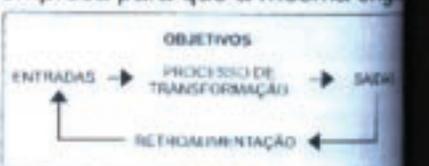
6. Feed-back do sistema - é o processo de comunicação que reage a cada entrada de informação buscando o resultado da resposta desencadeada por uma nova informação.

Segundo Bio apud Oliveira (2005), "a coleta de dados, o processamento de dados e a distribuição de informações de saída constituem as etapas do sistema de informações contábeis".

Com relação ao dado, podemos dizer que o mesmo é qualquer elemento que ainda não interpretado não conduz ao entendimento do fato. Os dados de entrada são coletados e transportados até serem processados. O processamento será sempre uma série de operações necessárias para registrar dados e convertê-los em informações de saídas. As informações de saída são conduzidas aos usuários por meio de relatórios.

Existem usuários das informações e cada um tem suas necessidades e percepções. Portanto, é preciso conhecer os vários tipos de usuários para que as informações possam ser úteis no processo de decisão, não podendo esquecer que a quantidade de dados ou informações tem que estar de acordo com a capacidade de assimilação do usuário.

O sistema de informação contábil é o meio que o contador usa para demonstrar a contabilidade e a informação contábil dentro de uma empresa para que a mesma englobe



Fonte: Oliveira (1993, pg 34)

be todo seu universo.

Segundo Nash apud Riccio (1989)

O sistema de informação contábil é um veículo formal para o processamento operacional de dados contábeis e para as atividades de suporte de decisão inclui:

- Avaliação de desempenho;
- Dados estatísticos expressos em termos não monetários.

Podemos dizer que um dos objetivos do sistema de informação contábil é tomar providências monetárias e não monetárias, com fins destinados às decisões dos níveis operacionais, táticos e estratégicos da organização.

Uma das preocupações da empresa no momento atual relaciona-se à dificuldade em escolher as informações importantes para as decisões a serem tomadas.

5 - Recursos do sistema de informação contábil

Na concepção de Padoveze (1998, pág 117) "o sistema de informação contábil processa dados e os transforma em informações úteis para o processo de toda empresa para todos os níveis".

Para atingir os objetivos do sistema de informação, deve contar necessariamente com vários e diferentes tipos de recursos, além da capacidade de processamento do homem. Dizemos que na maioria das resoluções e soluções encontradas dentro do sistema de uma empresa só é viável pelo emprego dos recursos abaixo:

- Recurso Humano (contador) com capacitação profissional correta da ciência contábil para atender às necessidades exigidas dos clientes;
- Software de contabilidade que possa facilitar a complexidade dessa ciência.

O papel do gestor do sistema é fornecer o que lhe solicitam dentro das diretrizes da empresa. De acordo com Padoveze (1998), as informações para que sejam úteis preci-

sam preencher alguns quesitos, como:

- conteúdo;
- precisão;
- atualidade;
- relevância;
- entendimento;
- confiabilidade;
- motivação;
- consistência;
- objetividade e etc.

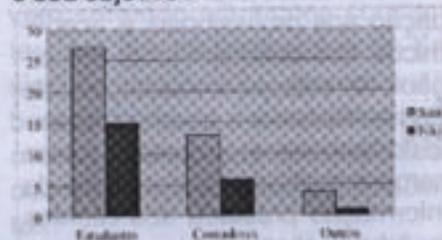
6 - Análise dos dados

Do total dos questionários recebidos verificou-se que 42 representavam os estudantes, 19 são de contadores e 05 de profissionais de outras áreas.

As pessoas que retornaram os questionários são todos residentes na região circunvizinha de Araçatuba-SP.

Gráfico 1:

A contabilidade vem cumprindo com o seu objetivo?

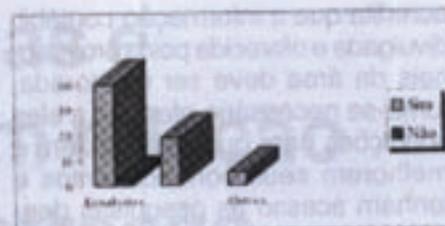


Fonte: desenvolvido pelos autores.

O gráfico 01 representa a opinião dos pesquisados quanto ao objetivo da contabilidade, pois pretende-se verificar se a mesma vem cumprindo com seu objetivo. Verificou-se que do total de estudantes, 27 acreditam que sim e 15 que não. Já para os contadores, 13 acreditam que sim e 06 que não, enquanto os outros profissionais 04 responderam que sim e apenas 01 respondeu que não.

Gráfico 2:

Os profissionais de contabilidade deveriam melhorar a qualidade da informação?

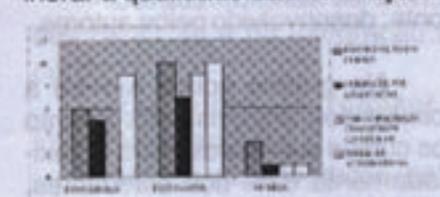


Fonte: desenvolvido pelos autores.

Uma das preocupações que os profissionais e pesquisadores da contabilidade têm é quanto à melhoria da qualidade da informação, pois a mesma dentro da empresa é de fundamental importância. Segundo Mariñas apud Silva, Souza, Miranda e Falk (2003, p.1), "não existem gerenciamentos possíveis sem informação", uma vez que "as empresas que ganharão a guerra econômica são aquelas que terão vencido a guerra da informação".

No gráfico 02, tem-se a percepção dos entrevistados sobre o que pensam da necessidade de melhoria da qualidade da informação por parte dos profissionais. Dentre os estudantes, verificou-se que do total, 40 acreditam que devem ser revistas ou melhoradas e apenas 02 são de opiniões contrárias. Quando se vê 2 estudantes terem opinião contrária, acredita-se que eles julgam que as informações fornecidas já sejam claras ou de qualidade na forma como vem sendo divulgada. Já para os contadores e os profissionais de outras áreas, todos responderam que as informações necessitam ser melhorada.

Gráfico 3: De que forma os profissionais da contabilidade poderiam melhorar a qualidade da informação?



Fonte: desenvolvido pelos autores.

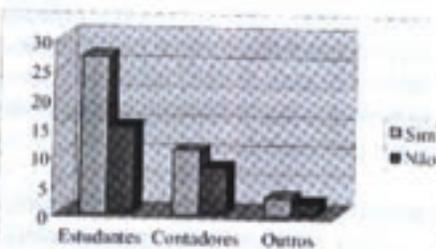
Levando-se em conta que quase a totalidade dos entrevistados

acredita que a informação contábil, divulgada e oferecida pelos profissionais da área deve ser melhorada, torna-se necessário oferecer a eles condições para que se atualizem e melhorem seus conhecimentos e tenham acesso às pesquisas dentro da área contábil. Dentro desta visão, 10 dos estudantes acreditam que os profissionais devem aperfeiçoar-se fazendo cursos, 07 crêem que devem procurar cursos de pós-graduação, 09 acreditam que as participações em congressos científicos ajudam e 10 acreditam que os profissionais deveriam participar tanto de cursos e congressos assim como fazer uma pós-graduação.

Os contadores acreditam que para melhorar necessitam de participação em cursos (6), cursos de pós-graduação (5) e 09 acreditam que todas as opções seriam melhores. Já na opinião de outras profissões, 03 acreditam que são através de participação em cursos, 01 por cursos de pós-graduação, 01 em participação em congressos científicos e 01 acredita que todas as opções seriam interessantes (Gráfico 3).

Gráfico 4:

Os cursos superiores de contabilidade preparam o profissional para cumprir com o objetivo da contabilidade?



Fonte: desenvolvido pelos autores.

No gráfico acima tem-se a opinião dos entrevistados quanto aos cursos superiores. Para aproximadamente 62% dos estudantes, os cursos estão preparando os acadêmicos para se tomarem futuros profissionais e apenas 38% não acreditam nessa formação superior. Esse percentual de credibilidade

nos cursos superiores diminui entre os contadores, pois em torno de 58% crêem na formação superior e 42% não. Para as pessoas que representam outras áreas de formação 60% acreditam que sim.

Conclusão

Tendo em vista que a contabilidade é fonte de informação para os gestores no processo de tomada de decisão, o que se verifica na pesquisa é que a informação como vem sendo encaminhada a estas pessoas ou qualquer outra que necessita da informação deve ser melhorada, acreditando-se que não esteja sendo clara ou completa. Para que os profissionais da área tenham suporte necessário para o crescimento no conhecimento torna-se necessária a busca pelo aperfeiçoamento em cursos e junto aos pesquisadores, com participações em congressos e cursos específicos da área contábil.

Deixamos aqui uma recomendação aos profissionais e acadêmicos, que busquem junto aos órgãos de classes e Instituições de Ensino Superior o aperfeiçoamento do conhecimento contábil, assim como a melhoria da qualidade da informação prestada aos clientes ou futuros clientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEVAGE, A.E; BARBAIS, J.R; BARBAIS, J.R. Marketing: A relevância de sua aplicação na "marca" contabilidade. 3º SIAR e 1º SIACC – Pereira Barreto – SP. 2004.

FRANCO, Hilário. Contabilidade Geral. 22ª ed. São Paulo. Atlas, 1994.

HENDRIKSEN, E; VAN BREDA, M.F. Teoria da contabilidade. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. Teoria da contabilidade. 5ª ed. São

Paulo: Atlas, 1997.

MARION, José Carlos. Contabilidade Empresarial. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

OLIVEIRA, D. P. R. Sistema de Informações Gerenciais. 2ª ed. Ed. Atlas, 1993.

OLIVEIRA, R.M.A; OLIVEIRA, A.F. Evidenciação: a contabilidade como sistema de informações. Revista de Contabilidade – CRC- SP. Nº 30. 2005.

PADOVEZE, C.L; ROMANINI, G; COPATTO, A.C. Objetos, objetivos e usuários das informações contábeis. Revista de Contabilidade – CRC-SP. Nº 29.2004.

PADOVEZE, C.L. Sistema de Informações Contábeis. São Paulo: Atlas, 1998.

RICCIO, Edson Luiz. Uma Contribuição ao Estudo da Contabilidade como Sistema de Informação. São Paulo. 1989 - Tese de Doutorado apresentada a FEA/USP.

SÁ, Antônio Lopes de. Teoria da Contabilidade. Ed. Atlas. São Paulo, 1998.

SILVA, Benedito Gonçalves. O sistema de informação contábil sob a ótica da teoria da comunicação – um estudo com Administradores na região da grande São Paulo. São Paulo, 1994. Dissertação de mestrado apresentada a FEA/USP.

SILVA, Ana Paula F., SOUZA, Érica Xavier de, MIRANDA, Luiz Carlos, FALK, James Anthony. Um estudo sobre o perfil dos gestores administrativos hospitalares que gerenciam as informações de custos e as informações geradas pelos sistemas de informação de custos hospitalares em funcionamento na cidade de Recife. 3º Congresso USP, 2003.

Motivações, críticas e perspectivas futuras em relação ao Curso de Administração na visão Discente

Vitor Paulo Boldrin
FIU – Pereira Barreto e UNIJALES

Márcio Antonio Hirose Fedichina
FIU – Pereira Barreto e UNIJALES

Marinalva da Silva Talpo Boldrin
FIU – Pereira Barreto e UNIJALES

RESUMO: A reflexão é uma qualidade necessária a qualquer pessoa envolvida com questões pedagógicas. Permite, constantes revisões e adota uma atitude de busca cada vez mais rigorosa envolvendo pesquisa e avaliação, proporcionando inclusive mudança na própria ação. Neste contexto, o presente trabalho procura levantar a opinião de um grupo de alunos do curso de administração de duas IES (privadas) localizadas no interior do estado de São Paulo no que diz respeito às principais motivações que levaram à escolha do curso, as mais relevantes críticas e as principais perspectivas futuras em relação ao campo profissional. A maneira escolhida para a obtenção dos dados é uma técnica conhecida como "Focus Group". A avaliação dos resultados obtidos proporciona uma reflexão madura em relação ao atendimento discente, elaboração da grade curricular e os meios oferecidos aos alunos para uma boa formação profissional, tais como, laboratórios, Empresa Júnior, departamento de es-

tágio supervisionado, empresa Júnior e outras atividades complementares.

PALAVRAS-CHAVE: Administração, Focus Group, Diretrizes Curriculares.

1 - INTRODUÇÃO

Atualmente, a única constante que pode ser detectada nas organizações é o caráter de mudanças, inclusive no meio acadêmico. O processo ensino-aprendizagem vem sofrendo alterações constantes, em que as Instituições de Ensino Superior - IES devem estar buscando novos mecanismos para o atendimento das necessidades dos clientes, neste caso, os discentes.

Ao verificar a regulamentação dos cursos de graduação, em especial o de administração, percebe-se que são muitas leis, diretrizes, resoluções, restando a busca constante de adaptações por parte das IES.

O Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, pela sua Câmara de Educação Superior, aprovou no dia 13 de julho de 2005 (13/07/2005) as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Administração, por meio da Resolução nº 4, que entrou em vigor no dia 19 de julho de 2005. Estas Diretrizes representam uma evolução progressiva para o ensino de Administração, tornando ainda mais flexível a construção de

currículos por parte das IES, ou seja, cada IE poderá construir suas respectivas grades voltadas às realidades e necessidades do mercado de trabalho, priorizando inclusive aspectos de ordem regional.

Dentro deste contexto o Projeto Pedagógico do curso de graduação em Administração passa a assumir um papel fundamental: o de definir com objetividade, os elementos ditos fundamentais, os quais nortearão o curso, com suas peculiaridades e contextualização, sua adequada operacionalização e um coerente sistema de avaliação.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – Elementos Estruturais para os Projetos Pedagógicos

De acordo com a Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005, o Projeto Pedagógico dos cursos de administração deverão conter os seguintes elementos estruturais:

- Objetivos gerais do curso, contextualizados de acordo com a sua região, características políticas e sociais;
- Condições objetivas de oferta e a vocação do curso;
- Cargas horárias de atividades didáticas e da integração do curso;
- maneiras de realizar a interdisciplinaridade;
- Modos de integração entre teoria e prática;
- Deixar clara as maneiras de avaliação do ensino e da aprendizagem;
- Modos de integração entre

graduação e pós-graduação, quando houver;

- Incentivo à pesquisa, necessária para o prolongamento da atividade de ensino e para a iniciação científica;

- Concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado, suas diferentes formas e condições de realização, observando o respectivo regulamento;

- Concepção e composição das atividades complementares e;

- inclusão opcional de monografia, projeto de iniciação científica, projetos de atividades ou outros na forma que estabelecer o regulamento. (RESOLUÇÃO Nº4, Art. 2 § 1º, itens I a XI)

As novas Diretrizes Curriculares mencionam, ainda que atividades complementares, são componentes curriculares que possibilitam o reconhecimento, por avaliação, de habilidades, conhecimentos e competências do aluno, inclusive de outras atividades exercidas pelo aluno, em que o mesmo alargará o seu currículo com experimentos e vivências acadêmicas, internos ou externos ao curso como as atividades de extensão junto à comunidade (RESOLUÇÃO Nº4, Art. 8)

Quanto a Monografia/Projetos/Trabalho de Conclusão de Curso, é um componente curricular opcional e para tanto existe a necessidade de que se monte regulamento próprio, aprovado pelo conselho superior acadêmico, contendo critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação (RESOLUÇÃO Nº4, Art. 9 e Prg. único)

Com o grau de liberdade apresentado pelas Novas Diretrizes Curriculares e o alto grau de competição no setor de ensino, uma instituição educacional deve considerar os interesses de todos os seus públicos (KOTLER E FOX,

1994). Porém, buscar um equilíbrio das necessidades e demandas de cada grupo é uma tarefa árdua.

Diante desta nova perspectiva de política educacional o que ganha destaque é a gestão institucional, e quando é feita de maneira consistente faz diferença. Para que exista uma boa gestão é necessário um bom diagnóstico, o que só é possível por meio de uma avaliação institucional responsável e participativa, envolvendo assim todos os que estão fazendo parte do processo, inclusive os discentes, que são os maiores interessados e beneficiados neste processo.

2.2 – Participação Discente

Dentro desse universo específico, o que é observado na maioria das IES é uma participação discente oferecendo "dados de ingressantes", em que cada candidato responde a um instrumento diagnóstico sócio-cultural, o que resulta no perfil do ingressante e "dados de egressos" com o objetivo de avaliar a adequação do currículo escolar vigente, o nível de satisfação dos ex-alunos em relação ao curso realizado, a evolução profissional do ex-aluno, interesse em atualização (especialização e extensão).

No entanto, é preciso agregar ao processo avaliativo mecanismos que permitam sucessivas avaliações de acompanhamento dos estudantes durante o curso. O estudo proposto visa exatamente a obtenção de uma ferramenta a mais para auxiliar na avaliação institucional, ou seja, com a aplicação da técnica Focus Group seria possível implementar pesquisas periódicas com alunos em suas respectivas trajetórias acadêmicas.

Kotler e Fox (1994) conceituam que o marketing des-

taca a satisfação dos consumidores ao responder a suas necessidades e desejos. Uma instituição educacional, que responde ao mercado, faz todos os esforços para sentir, atender e satisfazer às necessidades e aos desejos de seus consumidores e públicos dentro das restrições de missão e orçamento. Cada instituição deve determinar qual o nível de resposta desejada e, depois, implementar programas para alcançar este nível de satisfação.

Outro autor é Moreira (1997) que em seus trabalhos defende que a prática educacional aponta que, igualmente, ou até mais importante, é a disposição do aluno em aceitar as responsabilidades inerentes ao seu papel. A obtenção de rendimento exige a participação efetiva do aluno.

Refletir constantemente sobre essas questões, significa olhar para a própria ação, buscar, de maneira mais rigorosa o aperfeiçoamento permanente.

3 – METODOLOGIA DA PESQUISA

Lakatos e Marconi (1991) conceituam método como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. Assim, será por meio do desenvolvimento de uma metodologia adequada a este estudo que pretende-se obter conhecimentos válidos e verdadeiros.

Cervo e Bervian (1996) citam que as técnicas em uma ciência são os meios corretos de executar as operações de interesse de tal ciência. O treinamento científico reside, em grande parte, no domínio destas técnicas.

Para a realização do ensaio proposto a metodologia escolhida é conhecida por Focus Group. Segundo Aaker (2001) trata-se de uma técnica que consiste em obter possíveis idéias ou soluções para um problema de marketing por meio da discussão do tema por um grupo de respondentes. O ponto forte da técnica se encontra pautado nos resultados da interação do grupo quando focado sobre uma série de assuntos de discussão introduzidos por um líder.

Para Engel (2000) é uma das mais populares formas de pesquisas de consumidores hoje, em dia, contudo o moderador ou líder deverá possuir uma habilidade na condução dos trabalhos, estimulando a participação dos membros do grupo e ao mesmo tempo manter uma espécie de neutralidade em relação ao surgimento de novas idéias e comentários perspicazes. Os insights gerados podem ser utilizados na montagem de uma estratégia de marketing.

Aaker (2001) comenta que as discussões em grupos de foco oferecem mais estímulo aos participantes de que as entrevistas; aparentemente, a espontaneidade e emoções acabam emergindo com maior facilidade.

Foram selecionados dois grupos de alunos em cada instituição, em que os comentários foram feitos dentro de uma seqüência previamente estabelecida, em que obteve-se, com a aplicação da técnica Focus Group a realização de um ensaio no sentido de se obter informações concernentes à satisfação, críticas e motivações na visão discente.

4 - RESULTADOS DA PESQUISA

Após aplicação da técnica, os resultados foram organizados em

quadros, listados a seguir.

Quadro 01 - Motivos que os levaram a optar pelo curso de Administração

Instituição X
<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de gerenciar empresa da família - Curso reconhecido regionalmente - Identificação com o dinamismo do curso - Oportunidades de crescimento na empresa em que trabalha
Instituição Y
<ul style="list-style-type: none"> - Curiosidade pelo curso - Influência da família; - Incentivo de amigos no trabalho; - Sempre teve interesse pelo curso, agora a empresa está incentivando; - Melhorar os negócios da família.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 02 - Atendimento das expectativas durante a realização do curso

Instituição X
<ul style="list-style-type: none"> - As expectativas foram superadas, principalmente quanto ao corpo docente. - O curso de Administração é amplo e não oferece especialização já na graduação, assim a graduação é apenas o início. - Um ponto que não atendeu as expectativas foi com relação aos estágios oferecidos, esperava-se mais oportunidades.
Instituição Y
<ul style="list-style-type: none"> - As expectativas estão sendo confirmadas, os professores são muito bons. - Aliar a teoria à prática (empresa Jr.); - Há melhorias nas atividades desenvolvidas na empresa graças ao curso de administração. - Alunos que não realizaram o estágio supervisionado acreditam que não existe possibilidade de aplicação prática

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 03

-Características do curso que merecem destaque

Instituição X
<ul style="list-style-type: none"> - Interdisciplinaridade acadêmica - Estudo de casos, proporcionando uma visão crítica sob vários aspectos. - Um rol considerado de disciplinas, todas

importantes para o curso;

- A busca constante de melhorias e atualizações nas mais diversas áreas.
- Aulas dinâmicas
- Cursos de capacitação oferecidos pela empresa júnior local.
- Bom relacionamento docente / discente

Instituição Y
<ul style="list-style-type: none"> - Grade curricular com caráter aplicado. - Estágio supervisionado dividido em duas partes: uma na empresa e a outra em laboratório com jogos de empresa. - Aulas em laboratórios de informática; - Cursos de capacitação oferecidos pela empresa júnior; - Participação do corpo discente em ouvidorias e órgãos colegiados. - Seqüência lógica entre disciplinas; - Fácil acesso ao corpo docente.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 04

- Características que deveriam ser remodeladas

Instituição X
<ul style="list-style-type: none"> - Oferecer mais disciplinas específicas desde o primeiro ano, - Focar mais disciplinas de Administração Financeira - Oferta de mais estágios para aplicação prática dos conteúdos; - Oferta de mais cursos extra-classe, visando a prática da administração;
Instituição Y
<ul style="list-style-type: none"> - Mais palestras com pessoas conhecidas no mercado. - Mais rigor em relação ao estágio externo - Maior oferta de mini cursos. - Maior número de vagas na empresa Júnior. - A disciplina Direito, deveria ter um caráter mais aplicativo em administração.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 05

- Importância do curso na busca de uma vaga no mercado

Instituição X
<ul style="list-style-type: none"> - Oferece uma ampla visão sobre as organizações e o mercado de modo geral; - O curso de Administração oferece um leque de opções muito grande;
Instituição Y
<ul style="list-style-type: none"> - Muito importante, porém depende também do esforço de cada um;

- O curso de Administração oferece oportunidades em diversas áreas: financeira, mercadológica.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 06

- Perspectivas futuras

Instituição X

- Os pesquisados planejam fazer especialização *latu sensu* (pós-graduação).
- Mercado de trabalho, desenvolvimento de projetos de pesquisas, consultorias e crescimento profissional na empresa onde trabalha.

Instituição Y

- Continuidade dos negócios da família.
- Todos pretendem realizar pós-graduação, principalmente cursos de especialização.
- Abertura de novos negócios.
- Crescer na empresa onde trabalha.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 07

- As disciplinas eleitas na grade curricular

Instituição X

- Estão muito bem distribuídas;
- Tornar a disciplina de Administração Rural mais prática;

Instituição Y

- As disciplinas estão bem distribuídas;
- A introdução de jogos de empresa está valorizando o aprendizado prático.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 08

- Empresa Júnior – facilita aplicação prática

Instituição X

- Muito importante para o desenvolvimento dos alunos, pois proporciona o aprendizado prático;
- leva o nome da instituição ao conhecimento de toda comunidade e região, colaborando para o seu progresso.

Instituição Y

- Representa um grande diferencial na formação acadêmica.
- Possibilita aplicação imediata da teoria,

- dando oportunidade para o aluno conhecer os problemas empresariais.
- Possibilita a aproximação da Instituição à comunidade empresarial local e Regional.

Fonte: Focus Group, Março de 2005

Quadro 09

- Estágio supervisionado com o integrador da teoria à prática

Instituição X

- O estágio supervisionado é muito burocrático, poderia ser mais prático
- Haver um acompanhamento mais sério, cobrando a presença dos estagiários.
- Falta conscientização por parte dos empresários em estar dando credibilidade aos estagiários, reconhecendo-os como mão-de-obra qualificada a um custo reduzido.

Instituição Y

- Sem dúvida que o estágio permite ao aluno, no mínimo uma boa observação do andamento de uma empresa.
- É preciso fortalecer a parceria escola / empresa, caso contrário o estágio continuará sendo um mero compromisso burocrático.
- É preciso tomar a supervisão de estágio mais efetiva e rigorosa.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme citado anteriormente, o monitoramento da opinião discente pode se tornar uma prática que venha auxiliar em algumas tomadas de decisões por parte das IES, tais como: reformulação de conteúdos, oferta de cursos complementares nas mais diversas áreas (extensão), melhorias na condução do estágio supervisionado, oferta de cursos de pós-graduação, aperfeiçoamento nos trabalhos executados pela empresa Júnior, entre outros.

Fica evidente que as opiniões obtidas por meio deste pequeno ensaio realizado não são vazias, pelo contrário, indicam que o ensino é um conjunto de informações teóricas e práticas. Além disso, é preciso criar mecanismos que es-

tabeçam um estilo de interação do processo de aprendizagem com os alunos, dos alunos e professores com os conhecimentos e com o mundo.

Mesmo sendo instituições diferentes, do interior do Estado de São Paulo, percebe-se que existe semelhança nos conceitos dos discentes quanto aos itens pesquisados, e os resultados mostram que estes alunos não estão na instituição apenas fazendo número, eles vêm, cada vez mais, tomando ações para a melhora do curso em que estão inseridos, cumprindo com as funções de futuros administradores, com postura crítica frente aos problemas e imposições nas instituições.

Estudos junto aos discentes são de fundamental importância, uma vez que, trazem as informações a respeito das possibilidades de melhorias dentro do curso, o que condiz com os conceitos aprendidos de gestão participativa, trabalhos em equipe, fomentando aos diretores e coordenadores a tomada de ações planejadas que, devem integrar vertical e horizontalmente os conteúdos das diversas disciplinas (interdisciplinaridade).

5.1 – Recomendações

Por meio das constatações anteriormente expostas, pode-se considerar, que as IES para um melhor desenvolvimento de seus cursos podem buscar executar as seguintes sugestões:

- Intensificar o princípio da educação continuada, pois, conforme as citações encontradas nas tabelas dispostas anteriormente, os discentes buscam um aprimoramento constante;

- Integrar de maneira efetiva a teoria com a prática, em que o aluno pode utilizar da empresa Júnior e estágio supervisionado para su-

prir esta lacuna;

- Valorização da ética nas relações pessoais e profissionais, valores estes que os acadêmicos devem assimilar dentro da IES;

- Manter atualizados os conteúdos curriculares, possibilitando aos acadêmicos um curso sempre condizente com a realidade na qual esta inserido;

- Promover uma maior integração entre IES e empresas, visando melhorias significativas no campo de estágio supervisionado;

- Refletir sobre as relações entre as organizações e o meio onde estão inseridas, considerando os mais diversos aspectos: econômicos, sociais, políticos, tecnológicos, governamentais, legais, éticos e ambientais;

- Propor ações conjuntas com os demais cursos (intercursos);

- A atenção ao currículo e programas integrados de forma interdisciplinar, possibilitando aos alunos lidarem com novas situações, novas tecnologias, amplian-

do de maneira relevante o universo das informações disponíveis.

Diante destas afirmações, pode-se inferir que não basta que as IES tenham um excelente quadro de docentes, ofereçam uma vasta gama de disciplinas, uma boa infra-estrutura com laboratórios, bibliotecas atualizadas, se as mesmas não conseguirem inculcar nos alunos os valores éticos e morais, formando-os cidadãos comprometidos, críticos, conscientes da sociedade na qual estão inseridos, e principalmente que esta sociedade de esta em constante transformação e que os mesmos, enquanto formadores de opinião podem e devem mudá-la para melhor, compondo assim o papel social das IES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAKER, David A. KUMAR V. DAY, George S. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Atlas, 2001. BRASIL. Resolução nº 4, de 13

de julho de 2005. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jul. 2005. Seção 1, p. 26 e 27.

- CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcindo. Metodologia Científica. 4ª. Ed. São Paulo: MAKRON Books, 1996.

- ENGEL, James F. BLACKWELL, Roger D. MINIARD, Paul W. Comportamento do Consumidor. Rio de Janeiro. LTC, 2000.

- GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- KOTLER, Philip. FOX, Karen F.A. Marketing Estratégico para Instituições Educacionais. São Paulo: Atlas, 1994.

- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1991.

- MOREIRA, Daniel A (org.). Didática do Ensino Superior: Técnicas e Tendências. São Paulo: Pioneira, 1997.



Faculdades Integradas Urubupungá
Estância Turística de Pereira Barreto-SP

Letras Ciências Contábeis Pedagogia
Normal Superior Matemática
Administração Secretariado Executivo

Av. Jonas Alves de Mello, 1660 Tel: (18) 3704-4242 Fax: (18) 3704-4222

A responsabilidade social: um estudo de caso na Destilaria Pioneiros S/A

Luciano Alves de Melo Lima (FIU)
lucianomelo7@com.br

Ricardo Rodrigues da Silva (FIU)
ricardo_rodriguinho@hotmail.com

Silvio Rodrigues da Silva (FIU)
silvio_sud@hotmail.com

Inês Francisca Neves Silva -
ifneves@ceul.ufms.br

Resumo: Diante do cenário atual, as empresas e as pessoas que as gerenciam necessitam cada vez mais integrar-se a um novo contexto organizacional que vem ganhando força, a responsabilidade social. O envolvimento das empresas de pequeno, médio e grande porte, frente às pressões provocadas por várias instituições, desperta a consciência da integração ao engajamento social como alternativa para o caminho dos negócios e o aumento da imagem e da credibilidade da empresa. A responsabilidade social constitui um meio e não um fim e expressa a busca da construção de uma cidadania empresarial que poderá proporcionar uma sociedade mais justa, em relação ao desenvolvimento humano, social e um compromisso com as gerações futuras. Espera-se que as empresas possam contribuir com a sociedade em que está inserida, buscando melhoria de vida aos habitantes e contribuindo com as condições sócio-econômicas da população. Por estas razões, é que se

buscou saber qual a contribuição que Destilaria Pioneiros S/A traz no ambiente em que está inserida.

Palavras chave: Responsabilidade Social, Contabilidade Social.

Introdução

Em decorrência da atual economia globalizada e cada vez mais competitiva, as empresas necessitam adequar-se a um novo modelo de sociedade, para fortalecer-se e buscar diferenciais. A responsabilidade social, inserida na empresa pode oferecer reconhecimento e garantias futuras. A responsabilidade social, como forma de gestão, envolve ética em todas as suas atitudes e fortalece todas as suas relações em todos os segmentos nos quais está inserida promovendo, assim, o crescimento da organização.

Este trabalho se justifica por tentar despertar nas empresas a fundamental importância dela ser socialmente responsável, assim como apresentar os benefícios e as vantagens de agir em bem estar social.

Tem como objetivo verificar quais as contribuições ou retornos que a Destilaria Pioneiros S/A promove para a cidade de Sud Mennucci e regiões vizinhas. Para a realização da pesquisa, utilizou-se da pesquisa de campo, com um questionário enviado, e preenchido pela empresa pesquisada seguida de revisão bibliográfica.

1. Breve Histórico

Em 1973, com a primeira crise do petróleo, o homem despertou para o fato de que os combustíveis viriam a se esgotar um dia. Os preços começaram a disparar, as exportações foram reduzidas e os países industrializados se viram excessivamente dependentes do produto extraído no Oriente Médio. Em 1979, uma segunda crise e o mundo inteiro se empenhou em reduzir o consumo e buscar energias alternativas.

Na corrida internacional pela busca de um combustível que substituísse a gasolina, o Brasil saiu na frente e criou o PROÁLCOOL. Nascia assim, o setor SUCROALCOOLEIRO, que mais tarde seria considerado um dos mais importantes setores da economia nacional, gerando milhões de empregos, economia de divisas para o país e o desenvolvimento de regiões inteiras, utilizando tecnologia de ponta, investindo em qualidade de vida para a população e, acima de tudo, despontando como uma nova fonte energética, limpa e renovável, tornando-se um forte aliado à preservação do meio-ambiente. O Brasil é, hoje, devido à mistura do álcool à gasolina, o único país do mundo a não utilizar chumbo tetra etila, cumprindo seu papel com pioneirismo na preservação da camada de ozônio e provando que desenvolvimento não precisa ser sinônimo de destruição.

A indústria automobilística produziu os primeiros veículos cem por cento movidos a álcool e o cul-

tivo da cana se alastrou pelo país e o interior viu o desenvolvimento chegar com a instalação de destilarias de álcool. A Destilaria Pioneiros chegou ao município em 1980, e a atividade econômica da região baseada na pecuária e em pequenas lavouras, deu lugar ao cultivo da cana-de-açúcar e a presença da indústria representou um aumento populacional expressivo: de 5.350 habitantes em 1980, para 7.200 em 1990 e, aproximadamente 10.000 em 1999.

A cultura da cana-de-açúcar, matéria-prima para a produção do açúcar e do álcool, é responsável por 76% da produção do município e 34% da produção da região, ocupando apenas 15% da área agricultável no município.

A Destilaria Pioneiros S/A, é uma empresa de capital fechado localizada no Noroeste Paulista, na cidade de Sud Mennucci, e tem como objetivo produzir álcool e derivados da cana de açúcar.

A primeira produção da empresa, em 1981, foi de 6 milhões de litros de álcool e seu quadro de colaboradores totalizava 180. No ano seguinte, a produção passou para 13 milhões de litros e na terceira safra foram produzidos 21 milhões de litros de álcool. A partir de 1994, a Pioneiros investiu em seu parque industrial e deixou de ser apenas Destilaria de Álcool, passando, a partir de então, a produzir também açúcar.

Ela é hoje a principal engrenagem da economia Sudmenucense, gerando em média 2000 empregos diretos e 4000 empregos indiretos. Atualmente, está se preparando para gerar energia a partir da biomassa.

2. O Balanço Social

É uma demonstração elaborada anualmente, e, às vezes, publicada por algumas empresas, que reúne um conjunto de informações sobre as atividades desenvolvidas pela empresa de caráter hu-

mano e social. Embora tenha surgido na contabilidade, não deve ser visto como um documento meramente contábil, mas sim como uma forma de demonstrar a preocupação das empresas com o cumprimento de sua responsabilidade social.

Tudo começou diante da carência de investimentos sociais, não correspondidos talvez porque a visão tradicional das empresas era só obter lucro.

"A pressão dos cidadãos através de associações, sindicatos, clube de investidores, e conseqüentemente a resposta das empresas, elaborando e divulgando relatórios com informações de caráter social, resultou no que hoje se chama Balanço Social." (Sucupira 2005)

Foi nos Estados Unidos que a responsabilidade social deu lugar a um debate pela primeira vez. A Holanda destaca-se como o primeiro país do mundo a ter publicado os relatórios sociais, enquanto a França tem seu mérito por ter sido o primeiro país do mundo a criar uma lei que obriga as empresas com mais de 300 funcionários a elaborar e publicar o balanço social.

No Brasil, a mudança de mentalidade empresarial deu ênfase à criação da Associação dos Dirigentes Cristãos de empresas (ADC).

"Embora a idéia já motivasse discussões, apenas em 1977 merece destaque a ponto de ser tema central do Segundo Encontro Nacional de Dirigentes de Empresas". (Sucupira 2005).

Em 1984, foi publicado o primeiro balanço social de uma empresa brasileira, a Nitrofertil. O banco Banespa, oito anos depois, publica um relatório mais completo divulgando todas as suas ações sociais, e em 1993, empresas de diferentes setores deram início à elaboração de seus balanços sociais.

A proposta de lançar o balanço social obteve maior repercussão e melhor destaque na mídia quando Hebert de Souza, o Betinho, realizou em 16 de junho de 1997 um amplo seminário, onde a discussão era voltada para a importância da realização do balanço social com o incentivo de empresas públicas e privadas. E não parou por aí, em setembro de 1998, ele realizou outro seminário para o reconhecimento e fortalecimento do selo balanço social que está sendo fornecido pelo Instituto de Análises Sociais (Ibase), às empresas que publicam os balanços sociais anualmente.

As iniciativas de se lançar à idéia e a prática do balanço social e de estímulo à responsabilidade social das empresas vêm acontecendo nos últimos anos. Porém mais do que nunca precisam continuar ser ampliadas e incentivadas. Desta forma o (Ibase), vem colocando em foco este tema, por acreditar que a parceria entre empresas, governo e sociedade é fundamental para reduzir a pobreza e a injustiça social, promovendo um maior progresso e desenvolvimento social e Humano. (TORRES, 2005).

2.1 Objetivo e Conceito

"O balanço social é o conjunto de informações com base técnico-contábil, gerencial e econômico, capaz de proporcionar uma visão da relação capital-trabalho no que diz respeito a seus diferentes aspectos econômico-sociais." (FREIRE e REBOUÇAS 2001, p. 104).

Acredita-se que o maior objetivo do balanço social, possivelmente seja o de desenvolver uma sólida e profunda consciência de responsabilidade social nos empresários e nas empresas, na busca por um maior, melhor e mais justo desenvolvimento humano e social para a construção de uma cidadania empresarial, que pode futuramente proporcionar uma di-

minuição da injustiça social.

A função principal do balanço social da empresa é tornar pública a responsabilidade social, trabalhando de forma transparente, de modo que a sociedade tenha a visão de que as empresas estão cumprindo com o seu papel. Este é o princípio da empresa cidadã, aquela que é comprometida com a qualidade de vida da sociedade.

Segundo Tinoco (2001, p. 34), o Balanço Social "tem como objetivo ser equitativo e comunicar informação que satisfaça de quem dela precisa. Essa é a missão da contabilidade como ciência de reportar informações contábeis, financeiras, econômicas, social, física de produtividade e qualidade".

Responsabilidade social é uma forma de gestão empresarial que envolve a ética em todas as atitudes. Significa fazer todas as atividades da empresa e promover todas as relações com seus funcionários, fornecedores, clientes, com o mercado, o governo, com o meio ambiente e com a comunidade de uma forma socialmente responsável. (GRAJEW, 1999).

3. Responsabilidade social Empresarial

Empresa socialmente responsável é aquela que incorpora valores ao processo de decisão gerenciando seus impactos econômicos, sociais e ambientais para dar segurança a uma economia sustentável. Consiste também no cumprimento das leis, pagamento de impostos, bom relacionamento com funcionários, acionistas, prestadores de serviços, fornecedores, consumidores, Governo, meio ambiente e a comunidade a qual esta inserida. O conceito de empresa socialmente responsável recebe várias interpretações, sendo algumas delas citadas a seguir.

De acordo Frederick apud Bóer & Hansen (2004), o conceito de empresa socialmente respon-

sável trilhou três etapas distintas. Na primeira etapa, o enfoque foi gerencial e tinha como objetivo a ênfase nas relações entre a empresa e a sociedade. A segunda etapa propunha padrões de comportamento desejáveis nas relações entre empresa e sociedade e, por fim, desempenho social corporativo, orientado para resultados, tendo como enfoque o impacto dos negócios para a sociedade.

Segundo Grajew apud Soares (2001), a atitude ética da empresa em todas suas atividades, diz respeito às intenções da empresa com funcionários, fornecedores, clientes, acionistas, governo, concorrentes, meio ambiente e comunidade. Os preceitos de responsabilidade social empresarial podem balizar inclusive todas as atividades políticas das empresas.

Já Friedman citado por Soares (2001), é contrário a qualquer ação empresarial que não seja voltada aos interesses diretos econômicos, para ele há apenas uma responsabilidade social empresarial, usar seus recursos e sua energia em atividades destinadas a aumentar seus lucros, contando que obedeçam às regras do jogo e participem de uma competição aberta e livre, sem enganos e fraudes.

De acordo com o Instituto Ethos (2005), a empresa socialmente responsável é aquela que mantém ou está empenhada em construir uma relação ética transparente e solidária com todos os públicos com os quais se relaciona. Suas metas empresariais devem ser compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, o que significa que planeja a utilização dos recursos econômicos, ambientais e sociais de modo a preservá-los para as gerações futuras.

A existência dessas interpretações nos mostra que ainda há muito que se discutir e que de fato a mistura de conceitos e idéias é

importante para uma melhor posição daquilo que poderá gerar frutos ao longo de um caminho a ser traçado.

Na concepção de Chiavenato apud Soares (2004), uma coisa é certa "Entre uma empresa que assume uma postura de integração social e outra voltada para si própria, a tendência do consumidor é ficar com a primeira".

Optar por investir em responsabilidade social melhora a imagem das empresas, suas relações com a comunidade e o envolvimento e a produtividade dos funcionários amplia, cria um diferencial e uma vantagem competitiva, ajuda a manter talentos, melhora o caminho para os negócios e aumenta sua credibilidade com o grupo de relações em que ela está inserida.

4. Componentes da relação social

De acordo com o Instituto Ethos (2005), a atuação da responsabilidade social da empresa depende muito da forma como ela gera o seu negócio e de como ela mantém seus relacionamentos, sua postura ética e transparente adotada com todos os segmentos que interagem com a empresa.

Hoje o que se discute é que a empresa não pode somente visar lucros. Além de ser um agente econômico que tem a missão de gerar bens e serviços, é também um agente social e tem em seu relacionamento com a sociedade obrigações implícitas, tais como, conservação ambiental, criação e manutenção de empregos, contribuição para a formação profissional e dentre outras que não são exigidas por lei, mas que são características adotadas por uma empresa socialmente responsável.

Grajew (set/99), em entrevista dada a revista VOCÊ S/A diz:

Isso hoje, tornou-se um diferencial competitivo. As empresas

que são socialmente responsáveis se tornam cada vez mais as melhores empresas as mais lucrativas e ocupam as melhores posições no mercado por que conseguem reter os melhores talentos. Se o profissional pode escolher uma empresa e cada vez mais é isso que vai acontecer com quem tem talento, vai escolher aquela onde se sinta bem, onde trabalha com mais motivação. Os consumidores também estão levando em conta a postura da empresa. Ou seja, se uma imagem for boa, ela terá apoio da comunidade, dos fornecedores e de todo o mundo.

Batista citado por Trevisan (2001), sugere que:

As empresas que tomaram a decisão de investir na melhoria comunitária, ou seja, que levaram em consideração a sua responsabilidade social, estão rapidamente descobrindo o sucesso do negócio. Elas praticam a responsabilidade social da mesma forma com que utilizam estratégias para obter lucro com produtos de qualidade.

Todo recurso investido na área social da empresa, então, trará a valorização de sua imagem, um conseqüente retorno financeiro, tal impressão social, aliás, faz com que o empregado sentisse orgulho em ser membro de uma entidade socialmente responsável. A de se notar que o papel da empresa vai além do econômico, e não deve ser considerada apenas como um instrumento de riquezas materiais.

5. Tipos de responsabilidade social da empresa

A responsabilidade social da empresa, segundo o modelo piramidal de Archie Carrol pode ser dividida em quatro tipos: econômica, legal, ética e discricionária (ou filantrópica), conforme a seguir:



Fonte: Lourenço e Schroder - 2001, p 7

A seguir são apresentados os conceitos referentes a cada uma destas responsabilidades.

- Responsabilidade econômica: É o principal tipo encontrado nas empresas, sendo que o lucro é a razão dela existir e prosperar. Sua função é gerar bens e serviços para suprir as necessidades da sociedade, portanto o ganho econômico é a única responsabilidade social.

- Responsabilidade legal: Trata-se de um comportamento ideal por parte da empresa, pois busca obedecer as exigências impostas pelos conselhos locais das cidades, assembleias legislativas estaduais e a de regulamentação do governo federal.

- Responsabilidade ética: Para agir de forma ética nas empresas é preciso que as pessoas que a gerenciam ajam com justiça, transparência e imparcialidade de modo a respeitar as diferenças existentes.

- Responsabilidade discricionária ou filantrópica: É a ação de agir de forma solidária e voluntária embasada na idéia de contribuir com a sociedade para uma melhor qualidade de vida, não imposta por lei, apenas por uma atitude social.

6. Análise dos dados

Foi enviado um questionário o qual foi respondido pelo gerente administrativo da Destilaria Pioneiros.

Procurou-se conhecer o nº de funcionários da empresa e ela tem

acima de 1500 empregados diretos. Informalmente, foi informado pelo gerente administrativo que possui 2000 empregados fixos para o desenvolvimento de suas atividades normais. Durante o período de colheita emprega, indiretamente, além dos funcionários fixos outros, um número acima de 500 funcionários. Já fora do período de colheita ela emprega indiretamente entre 300 a 500 funcionários.

Procurou-se conhecer a média salarial dos funcionários e esta se encontra entre R\$500,00 e R\$1500,00.

Outra questão levantada é quanto ao local de residência destes funcionários e verificou-se que dentre os empregados mais de 50% são residentes em Sud Mennucci.

Quanto aos cargos de gerentes verificou-se que acima de 50% residem em Sud Mennucci e os salários são superiores a R\$ 2000,00 reais.

Pode-se inferir que como a maioria dos empregados e gerentes são residentes no município de Sud Mennucci, seus rendimentos salariais sejam empregados no comércio local, favorecendo e fortalecendo a economia e o desenvolvimento da sociedade local.

Apesar da maioria dos funcionários e gerentes residirem em Sud Mennucci, uma pequena parte mora em cidades vizinhas, como por exemplo, em Pereira Barreto. Mais adiante serão abordados projetos que beneficiam também esta cidade.

Uma das questões levantadas é quanto a projetos sociais desenvolvidos e parcerias com entidades governamentais ou filantrópicas.

Nesse ponto, percebe-se que a empresa procurou contribuir e continua investindo na sociedade local e vizinha desenvolvendo projetos.

Dentre os projetos temos:

Projeto meu futuro: o mes-

mo visa orientar meninos ou meninas, matriculados na terceira série do ensino médio, em torno de 20, quanto à escolha de suas profissões.

Projeto Semear: é um programa que visa à educação dos jovens cidadãos, voltado à readequação ambiental.

A empresa acredita que uma pequena semente, se cultivada por todos, ajudará na perpetuação do nosso planeta. São aulas práticas e teóricas.

Na parte prática, são desenvolvidas atividades de plantio de sementes e mudas. Esse projeto também foi desenvolvido em Bandeirante D'Oeste (distrito de Sud Mennucci).

Projeto Esporte e Educação: projeto que leva o slogan, "Uma Dimensão de Cidadania" que, juntamente, com a Secretaria de Esporte da Prefeitura de Sud Mennucci, a Pioneiros desenvolve atividades físicas com crianças e adolescentes, menores de 18 anos, que recebem orientação de professores qualificados.

Projeto cinema em movimento: Desenvolvido com a parceria da Secretaria de Cultura da Cidade, e consiste na exibição de filmes nacionais proporcionando opções de lazer e entretenimento cultural para a comunidade de Sud Mennucci.

Além dos projetos, a empresa auxilia órgãos governamentais tais como: creche municipal, a escola Estadual Cícero Castilho Cunha, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e a Santa Casa de Sud Mennucci.

Quanto às entidades filantrópicas, colaboram com Associação de Alcoólatras Anônimos (A.A) da cidade de Pereira Barreto e o Asilo São Francisco de Assis.

Após estes relatos, verifica-se que a empresa procura realizar o seu papel dentro da sociedade local, contribuindo com a melhoria dos aspectos sociais. Com essa

parceria com a sociedade ela conquista a população e, apesar de ser uma Destilaria de álcool, ganha a credibilidade do mercado local.

7. Considerações finais

As empresas brasileiras, cada vez mais ganham vigor e atualidade à discussão sobre o papel dela, como agentes sociais no seu processo de desenvolvimento.

A pesquisa realizada na Destilaria Pioneiros S/A, localizada na cidade de Sud Mennucci, demonstra que a organização investe em ações de responsabilidade social já a um bom tempo, e o que se percebe que cada vez mais ela amplia seus projetos tanto sociais como ambientais, apesar de não ser o enfoque, o lado ambiental, na pesquisa, fortalecendo a sua participação e contribuição onde está inserida.

Enfim, a participação do setor empresarial por sua capacidade criadora é fundamental, mas é preciso que exista uma consciência global, que engaje todos num processo de desenvolvimento e que coloque como meta a preservação do patrimônio cultural, do meio ambiente, da promoção dos direitos humanos e da construção de uma sociedade economicamente próspera e socialmente justa.

BIBLIOGRAFIA

HANSEN, Adriana de Oliveira; BOER, Ana Paula Ferreira. Responsabilidade Social Hoje: um estudo de caso sobre a destilaria Pioneiros S/A. in: III SIAR & I SIACC, 2004, Pereira Barreto, 08 a 11, 2004.

LOURENÇO, Alex Guimarães; SCHRODER, Débora de Souza. Vale Investir em Responsabilidade Social Empresarial?. Disponível em: http://www.ethos.org.br/docs/comunidade_academica/premio_ethos_valor/trabalhos/

300_Alex_e_Debora.doc. Acesso em 11 de jun 2005

RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL, SUSTENTABILIDADE e METAS do MILÊNIO. Instituto Ethos. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ethos.org.br/DesktopDefault.aspx?tabID=363&alias=ethos&arq=pt.br>. Acesso em 31 mar. 2005.

SILVA, César Augusto I. (Org.); FREIRE, Fátima de Souza (Org.). Balanço Social: teoria e prática: inclui o novo modelo do IBASE. São Paulo: Atlas, 2001. 173p

SOARES, Fabiano. Responsabilidade Social Empresarial, a solidificação de um conceito. Disponível em <http://www.Orisconde.com.br/visconde/artigos.asp?>. Acesso: 06 mai. 2005.

SUCUPIRA, João. A responsabilidade social das empresas. Disponível em: <http://www.Balancosocial.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em: 31. mar. 2005.

TINOCO, João Eduardo P. Balanço Social: uma abordagem da transparência e da responsabilidade pública das organizações. São Paulo: Atlas, 2001. 238p.

TORRES, Ciro. Um pouco da história do Balanço Social. Disponível em: <http://www.balancosocial.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em 22 mar. 2005

TREVISAN, Fernando Augusto, Balanço Social como Instrumento de Marketing, um instrumento de cidadania corporativa. Disponível em: http://trevisan.com.br/balanço_social.asp Acesso em: 26 de jul. 2005.

Você. S.A. São Paulo, set. 1999. Disponível em: <http://vocesa.abril.uol.com.br/edi15/entrevista.html>. Acesso em: 26 mai. 2005.

Uma análise crítica do ensino da contabilidade nas Faculdades Integradas "Urubupungá"

José Eduardo Cardoso Correa (FIU)
eduardo.correa@pioneiros.com
Joyce Tiozzi Soares (FIU)
joycetiozzi@uol.com.br
Lucelena de Souza (FIU)
lucysmoura@hotmail.com
Inês Francisca Neves –
ifneves@ufms.br

RESUMO: A intenção deste trabalho é apresentar uma análise crítica quanto ao ensino da Contabilidade praticado nas Faculdades Integradas "Urubupungá" – FIU. Esta pesquisa é, antes de tudo, um convite aos discentes e docentes comprometidos com a melhoria do ensino contábil nas FIU. No presente artigo, é enfocada a perspectiva de como os alunos vêem a instituição e quais as principais mudanças para a melhoria do ensino da Contabilidade, passando pela preocupação em analisar as práticas metodológicas, sempre buscando sugestões de melhorias para o curso.

Palavras chave: qualidade de ensino, metodologia, docentes e discentes.

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise crítica quanto ao ensino de conta-

bilidade praticado nas Faculdades Integradas Urubupungá – FIU. Para tanto, foi realizada uma pesquisa que utilizou um questionário com questões fechadas, com opções de respostas abertas. Foram entrevistados 29 alunos e ex-alunos, que corresponde a uma amostragem de 50%.

A metodologia utilizada para a distribuição dos questionários para entrevista, foi a de amostragem aleatória simples, que segundo Martins (1994, p. 39), diz:

É o processo mais elementar e freqüentemente utilizado. Atribui-se a cada elemento da população um número distinto. Se a população for numerada utilizam-se esses "rótulos". Efetuam-se sucessivos sorteios até completar-se o tamanho da amostra: n. Para realizar os sorteios, utilizam-se "tábuas de números aleatórios" que consistem em tabelas que apresentam seqüência dos dígitos de 0 a 9 distribuídos aleatoriamente.

Acredita-se que este trabalho tenha sua relevância, pois dentro do ensino contábil, nas salas de aulas, pode haver cursos que não correspondam às expectativas dos futuros profissionais, e, neste caso, espera-se apresentar o grau de satisfação que os alunos e ex-alunos tem com relação ao curso

de Ciências Contábeis dado pelas FIU. Com base nas informações extraídas da entrevista, pretende-se sugerir melhorias à estrutura do curso, carga horária, distribuição das disciplinas durante o período do curso e a metodologia utilizada pelo docente.

Referencial Teórico

Os cursos de Ciências Contábeis vêm se proliferando pelas diversas partes do país. Conforme Strassburg (2003:95) afirma que os primeiros cursos de Ciências Contábeis, segundo dados do MEC, surgiram na década de 40, nos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo. Tendo passado seis décadas, a quantidade de cursos chega a 500 ou já passa disso. É uma quantidade grande de cursos dos quais não se conhece a qualidade(...).

Isto pode ser motivo de preocupação, pois ao mesmo tempo em que se gradua profissionais na área não se preparam profissionais para exercer a profissão de professor. Em algumas regiões, ocorre a falta de profissionais qualificados para o ensino e até a falta de cursos de mestrado na área. Os cursos de mestrado, além da Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Pontifícia Univer-

sidade Católica, que eram os únicos no país até meados de 1998, eram insuficientes. Após esta data, surgiram novos pólos com o mestrado, mas que são distantes de algumas regiões do país, devido ao seu tamanho, e que ainda dificulta a qualificação.

Mesmo assim, o que se verifica dentro dos cursos de mestrado é a melhoria do conhecimento e não a preparação para o ensino da contabilidade. Muitos professores retornam às salas de aula aplicando metodologias utilizadas durante o mestrado, que, muitas vezes, não são adequadas ao ensino superior.

De acordo com Nossa (1999), se o corpo docente não estiver qualificado para ensinar a matéria com dedicação e compromisso – qualquer disciplina que for dada, o professor dá o que sabe e da maneira como sabe. Ele ainda complementa que os professores são recrutados entre profissionais de sucesso, que, em sua maioria, estão despreparados para o magistério.

Outro problema latente dentro das universidades públicas é a figura do professor contratado ou "substituto", devido à falta de concurso público, que, em muitos casos, são recém-formados, o que pode em muitos casos prejudicar a qualidade do ensino, não porque os mesmos não possuem conhecimento, mas porque o tempo de contrato é de no máximo 2 anos e dificulta o desenvolvimento de um bom trabalho, pois quando consegue desenvolver uma melhor didática tem que abandonar a Universidade.

Juntamente com essa

questão, verifica-se a dedicação do professor ao ensino. Segundo dados levantados por Nossa (1999), 84% dos professores encontram-se no regime de trabalho em tempo parcial. Isso indica que esses professores desempenham outras atividades profissionais paralelamente ao magistério.

Tanto dentro das Universidades públicas quanto nas particulares, ocorre esse tipo de problema, nas primeiras devido à figura do contratado e, nas particulares, devido a alto custo de manutenção de um professor com dedicação exclusiva.

Além dessa questão, há muito tempo também se vem discutindo o ensino da contabilidade, a forma como vem sendo transmitido o conteúdo em si e tudo o que envolve o ensino. São feitas pesquisas e apresentadas em congressos e também há publicações, o que vem contribuindo para a melhoria do ensino.

Há métodos de transmissão de conhecimento e ensino que podem ser utilizados pelos professores, dentre eles destacam-se: seminário, grupos de estudo, uso de data-show, aula expositiva, jogos de empresas, dentre outras.

Sabe-se que hoje em dia, está à disposição dos professores diferentes metodologias e técnicas de ensino, tudo isso com o objetivo de melhorar a qualidade do aprendizado dos discentes.

Martins apud Nérice (1997) diz que:

"É preciso esclarecer que não se pode falar em técnicas velhas ou novas, superadas ou atuais. Todas são válidas, desde que sejam aplicadas de

modo ativo, propiciando exercício de reflexão e espírito crítico do aluno. A validade da técnica, pois, está na maneira, no espírito de como é empregada."

Martins apud Nérice (1997) afirma ainda:

"Método de ensino é o conjunto de momentos e técnicas logicamente coordenados tendo em vista dirigir a aprendizagem do educando para determinados objetivos. O método é que dá sentido de unidade a todos os passos do ensino e da aprendizagem, principalmente quanto à apresentação da matéria, elaboração da mesma."

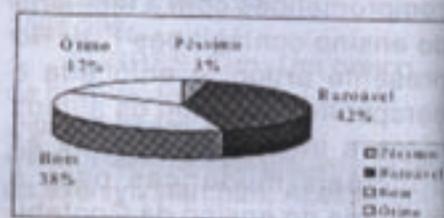
A metodologia de ensino está ligada diretamente aos recursos disponíveis para que os docentes possam ministrar suas aulas.

Análise dos Dados

ESTRUTURA DO CURSO

No que diz respeito à estrutura do curso, foi feita a seguinte pergunta:

Gráfico I: "O que você acha da distribuição das disciplinas durante os 4 anos?"



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

Pode-se notar que conforme os índices demonstrados no gráfico I, 55% dos alunos consideram as disciplinas bem distribuídas durante os quatro anos de curso. Quando questionado sobre as disciplinas aplicadas ao curso, cerca de 75% dos entrevistados consi-

deram todas disciplinas adequadas e 25% consideram algumas inadequadas.

O curso de Ciências Contábeis nas FIU tem a duração de 04 anos, e 100% dos entrevistados afirmaram que é o tempo ideal para se concluir o curso.

CARGA HORÁRIA DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Com respeito à distribuição da carga horária das disciplinas durante o curso, foram questionadas quais disciplinas deveriam ter a carga horária alterada, para melhor assimilação do curso. Segue abaixo os quadros com os resultados da entrevista, como esta foi uma questão aberta, nota-se que alguns alunos consideraram a disciplina importante, porém não sugeriram alteração na carga horária da mesma.

Quadro I - Primeiro Ano de Curso

Disciplinas	Carga Hor. Curada	Nº de Votos	Carga Hor. Sugerida	Nº de Votos
L. Portuguesa	80	1	160	1
Economia	80	-	-	-
Sociologia	80	-	-	-
Matemática	80	-	-	-
Let. à Administ.	80	2	160	2
Contab. Geral I	80	21	160	21
Dirito	80	2	160	2
Filos. e Ética	80	9	40	7
Met. Científica	80	10	160	10

Fonte desenvolvido pelo autor

Conforme o quadro I percebe-se que 21 dos 29 alunos afirmam que a disciplina de Contabilidade Geral I tem pelo menos metade do tempo que deveria ter, pois como o primeiro ano é a base do curso, a matéria deveria ter pelo menos 160 horas aula, uma vez que esta matéria é considerada a essência do curso.

Nota-se também que a

disciplina de Metodologia Científica é bastante valorizada, pois a mesma ajuda a definir o padrão adequado para o estudo de algumas matérias, assim como a base para o desenvolvimento de pesquisas, e, por isso, é sugerido o aumento da carga horária.

Também nos chama a atenção a disciplina de Filosofia e Ética, pois esta é totalmente teórica e de forma geral não desperta muito o interesse dos alunos. Essa afirmação pode ser evidenciada através da sugestão de redução de sua carga horária. Essa sugestão pode ter fundamentos pelo seu conteúdo, totalmente teórico, ou pela forma como vem sendo ministrada.

Quadro II - Segundo Ano de Curso

Disciplinas	Carga Hor. Curada	Nº de Votos	Carga Hor. Sugerida	Nº de Votos
Legislação Social e Trabalhista	80	4	160	4
Estatística	80	-	-	-
Matem. Financeira	80	1	100	1
Contab. Geral II	80	23	160	22
Teoria da Contab.	80	5	160	5
Informática	80	8	40	8
Direito Comercial e Sociário	80	-	-	-

Fonte desenvolvido pelo autor

No quadro II, mais uma vez fica evidenciado que a matéria de Contabilidade Geral é importante para o acadêmico, pois 23 dos 29 entrevistados voltaram a afirmar que essa disciplina deve ter a carga horária aumentada.

Um detalhe importante observado é que a disciplina de Informática, embora seja essencial para o desenvolvimento dos alunos, não é valorizada pelos mesmos. Isso fica evidenciado através da sugestão de diminuição da carga horária dessa disciplina. Talvez porque grande parte dos alunos conhece ou já tiveram algum contato com a informática, consideram

a disciplina oferecida pela instituição como uma disciplina simples e superficial, como a de qualquer curso básico.

Quadro III - Terceiro Ano de Curso

Disciplinas	Carga Hor. Curada	Nº de Votos	Carga Hor. Sugerida	Nº de Votos
Admin. Financeira e Organ. Empres.	80	7	120	7
Cont. Comerc.	80	-	-	-
Dir. Tributário	80	5	160	5
Cont. Industrial	80	-	-	-
A. das Demonst. Financeiras	160	6	200	6
Psic. Organizac.	80	-	-	-
Cont. de Custos	80	15	160	16
Cont. Agropec.	80	-	-	-

Fonte desenvolvido pelo autor

Segundo informações fornecidas pelos entrevistados, nota-se que dentre as 08 disciplinas do terceiro ano de curso, são sugeridas mudanças na carga horária das seguintes disciplinas: Administração Financeira e Orçamento Empresarial, Direito Tributário, Análise das Demonstrações Financeiras e Contabilidade de Custos. Acredita-se pela sugestão dos entrevistados que sejam matérias-base para aplicação no dia-a-dia dos contadores. No que dizem respeito às outras disciplinas, elas são específicas de cada área, talvez por isso não foi sugerida nenhuma alteração na carga horária ou qual o tempo suficiente para assimilação da disciplina.

Quadro IV - Quarto Ano de Curso

Disciplinas	Carga Hor. Curada	Nº de Votos	Carga Hor. Sugerida	Nº de Votos
Auditoria	160	-	-	-
Perícia Contabil	80	-	-	-
Contab. Pública	80	2	100	2
Comércio Exterior	80	11	160	11
Tópicos Especiais	80	7	160	7
Estágio	160	-	-	-
Contab. Gerenciais e Controladora	80	-	-	-

Fonte desenvolvido pelo autor

No último ano do curso, verifica-se que não foi sugerida muita alteração na carga horária, pois a maioria dos entrevistados considera que as disciplinas estão com o tempo bem

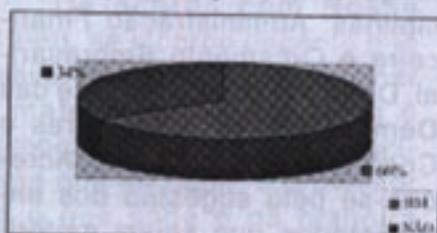
distribuído.

Alguns dos alunos entrevistados opinaram por dobrar o tempo de aula de duas disciplinas: Comércio Exterior e Tópicos Especiais.

Nós, enquanto alunos, acreditamos que deve ser alterada a carga horária dessas duas disciplinas e a de Contabilidade Gerencial e Controladoria, pois entendemos que essas matérias são muito atuais e diretamente aplicáveis no dia-a-dia do profissional em Ciências Contábeis.

QUANTO AO CONTEÚDO

Gráfico I - "O conteúdo das disciplinas atinge o objetivo do curso?"



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

No que diz respeito ao conteúdo das disciplinas do curso, 66% dos entrevistados, afirmam que o conteúdo das disciplinas atinge o objetivo do curso.

Gráfico II - "O conteúdo programático é desenvolvido integralmente pelo professor?"



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

Quanto ao conteúdo programático, 52% confirma-

ram que é desenvolvido integralmente pelo professor e 48% afirmaram que é parcialmente desenvolvido. As opiniões estão quase iguais, o que deixa em dúvida, se os conteúdos estão sendo cumpridos.

Acredita-se que nem todas as disciplinas atingem totalmente o conteúdo programático, cremos também que a responsabilidade em desenvolver integralmente o conteúdo, não deve ficar somente sob a responsabilidade do professor, mas o aluno deve assumir pelo menos 50% da responsabilidade do desenvolvimento do conteúdo. Segundo Marion e Marion (2003), em seu artigo A Importância da Pesquisa no ensino da Contabilidade, afirma que:

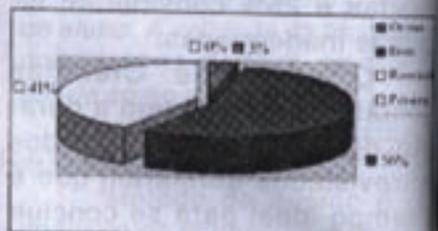
A última pesquisa relevante que provocou reais mudanças na metodologia do ensino da contabilidade foi na década de 60, quando uma equipe do Departamento da Contabilidade da FEA/USP desenvolveu uma nova didática para o ensino da Contabilidade Introdutória.

Apesar dos educadores modernos defenderem que o processo ensino/aprendizagem devem estar centrado no aluno, vemos com tristeza que o ensino tradicional, centrado no professor continua prevalecendo.

A idéia central do método centrado no aluno é de que os estudantes deverão tornar-se "pensadores-críticos" e, assim, o processo de aprendizagem se tornará mais dinâmico. Eles deverão desenvolver a capacidade de auto-iniciativa de descobrimento que permita um processo de aprendizagem contínuo e de crescimento em sua vida profissional.

GRÁFICO III - Em sua opinião qual o

grau de aproveitamento das disciplinas?



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

Quanto ao grau de aproveitamento das disciplinas, os entrevistados situam-se entre razoável e bom, pois 41% não estão tendo bom aproveitamento. Isso pode ocorrer por dois fatores: O professor pode estar com dificuldade de conhecer seus alunos e por isso não consegue entendê-los ou a dificuldade pode estar no acadêmico que não procura saná-la em sala de aula.

Foi formulada uma questão aberta para evidenciar quais as dificuldades encontradas pelos alunos, nos itens terminologia muito técnica, dificuldades de transmissão do conteúdo programático por parte dos professores e dificuldades na apresentação de seminários. Para melhor entendimento ilustramos através da tabela abaixo:

Tabela V - Maiores dificuldades encontradas pelos alunos

Terminologia muito técnica	5 Respostas
Dificuldade de Transmissão do Conteúdo Programático da Parte dos Professores	15 Respostas
Dificuldade na apresentação de seminários	15 Respostas
Outras	5 Respostas

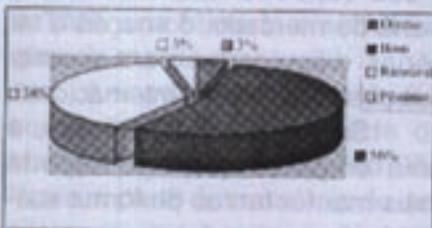
Fonte desenvolvido pelo autor

Percebe-se que na opinião dos alunos, que entre os professores há, certa dificuldade em transmitir as informações relacionadas ao conteúdo e um grande problema entre os alunos de Ciências Contábeis é a dificuldade em apresentação de seminários. Nós, como alunos, acreditamos que a apresentação de seminários é ex-

tremamente importante para o desenvolvimento, além de trazer-nos benefícios para a vida profissional. Acreditamos também que essa dificuldade poderá ser sanada se começar a trabalhar com apresentação de seminários desde o primeiro ano de graduação e não somente no último ano, como é o caso dos formandos de 2005.

CORPO DOCENTE

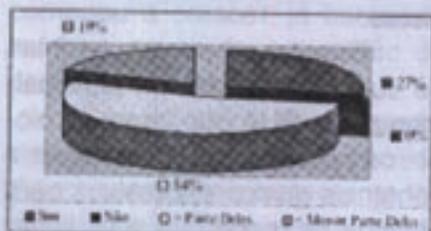
Gráfico IV – "O que você acha do corpo docente da FIU?"



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

Conforme pode-se observar no gráfico acima, 59% dos entrevistados consideraram o corpo docente das FIU entre bom e ótimo, consideramos que esse índice seja baixo e a instituição deveria atentar para esse detalhe, pois dessa amostragem, 41% considera o corpo docente das FIU entre razoável e péssimo.

Gráfico V – "Os professores procuram cumprir o conteúdo programático?"

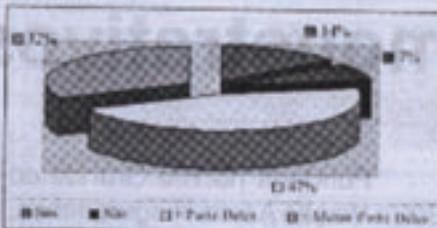


Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

Esta questão, apesar de ser abordada de forma diferen-

te no gráfico II, apresenta percentuais parecidos, ou seja, a maior parte dos professores procuram cumprir com o conteúdo programático.

Gráfico VI – "Os professores possuem boa capacidade para transmitir o conteúdo?"



Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos autores.

Diante das informações, percebe-se que a maior parte dos professores tem facilidade em transmitir o conteúdo (47%) e somente 14% possuem esta capacidade, segundo os entrevistados. O percentual de respostas contrárias é elevado o que poderia ser observado pela faculdade e interessados.

CONCLUSÃO

De tudo quanto foi exposto, concluímos que alunos e ex-alunos entrevistados, estão satisfeitos com o curso de Ciências Contábeis. Por outro lado, pode-se considerar que o curso tem somente atendido a necessidade dos discentes e não tem superado às expectativas dos mesmos.

Acreditamos que o curso necessita ser lapidado ou aperfeiçoado. Sente-se bastante a necessidade de conteúdos mais práticos, pois pode-se considerar que, dessa forma, será despertado maior interesse por parte dos alunos.

Creemos que o sucesso do curso de Ciências Contábeis das FIU terá grande êxito a partir do momento em que houver

uma harmonia entre discentes e docentes, com um único objetivo: promover a produção de conhecimentos que espelhem a realidade do exercício da profissão de Contador, produzindo e fortalecendo uma cultura inovadora, aberta e crítica quanto aos assuntos que estejam a sua volta.

BIBLIOGRAFIA

Iudicibus, Sérgio de. Teoria da Contabilidade, Editora Atlas, São Paulo, 1997, 5ª Edição.

Marion e Marion. A Importância da Pesquisa no Ensino da Contabilidade, disponível em: http://www.classecontabil.com.br/servlet_art.php?id=178, acesso em 24/05/2005.

Martins, Gilberto de Andrade. Manual Para Elaboração de Monografias e Dissertações. Editora Atlas, São Paulo, 1994, 2ª Edição.

NOSSA, Valcemiro. Formação do Corpo Docente dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil: Uma Análise Crítica. Caderno de Estudos da FIECAFI, São Paulo: USP n. 21, mai.-ago., 1999.

STRASSBURG, Udo. Avaliação do professor de Contabilidade – algumas considerações. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília: CFC n. 141, mai.-jun., 2003.

Uma análise do mercado de aviação brasileira e seus indicadores econômico-financeiros com base em demonstrativos contábeis

Alessandra Maria da Silva Irikura (FIU) aleirikura@uol.com.br
 Fernando Cunha da Silva (FIU) global_pbto@hotmail.com
 José Eduardo Cardoso Correa (FIU) eduardo.correa@pioneiros.com
 José Carlos Franco Farinha - farinha@clubinter.com.br

Resumo

Este estudo científico tem o objetivo de analisar a eficiência das principais empresas nacionais no segmento de aviação comercial, as quais são: Varig S/A, Gol Linhas Aéreas Inteligentes S/A e TAM Linhas Aéreas S/A, onde serão apresentadas as histórias, os objetivos, as estratégias de mercado, análise das demonstrações financeiras destas conceituadas companhias aéreas e também sugestões de possíveis soluções técnicas eficientes para seu melhor desenvolvimento, visando maior lucratividade para seus acionistas, sem perder a qualidade dos serviços prestados a seus clientes, estes por sua vez têm se tornado cada vez mais exigentes e ávidos por preço baixo.

Palavras chave: Estratégia de Mercado, Tecnologia de Informação, Eficiência e Passivo Descoberto.

1. Varig, sua história e estratégias de mercado.

Fundada no Rio Grande do Sul, a Viação Aérea Riograndense, tornou-se a primeira empresa aérea brasileira. Seu primeiro vôo foi realizado ligando as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande no ano de 1927. Em 1942, fez o primeiro vôo internacional entre Porto Alegre e Montevidéu, no Uruguai.

A grande impulsão da empresa ocorreu em 1955, quando foi inaugurada a rota Brasil-EUA, utilizando a cidade de Nova York como base, e em pouco tempo a empresa dominava a ligação entre a América do Sul e Nova York, com vôos que chegavam até Montevidéu e Buenos Aires na Argentina.

Na década de 60, absorveu vôos da PAN AIR uma gigante da época, bem como seus funcionários e linhas, passando a ser uma grande potência de aviação brasileira, com vôos para Europa, EUA, Japão e América do Sul. No ano de 1977, a Varig exibia títulos assombrosos, era a maior empresa privada brasileira e a maior empresa aérea privada fora dos EUA.

A empresa enfrentou dois grandes problemas. Um de raiz econômica com o congelamento de tarifas, crise cambial e alta taxa de juros, e outro de natureza competitiva, onde ao modernizar sua frota, foi adquirindo aeronaves cada vez maiores, com isso, tornou-se inviável o atendimento em aeropor-

tos de pequeno porte, abrindo uma fatia de mercado considerável para a sua concorrência, e sem este nicho de mercado, começou a ter sérias dificuldades para manter sua pesada estrutura internacional.

Segundo especialistas, é uma empresa que não suporta mais manter tarifas de forma sustentável, ou seja, ela não consegue manter baixos valores em passagens devido ao seu elevado custo.

2. Gol, sua história e estratégias de mercado.

A Gol é uma empresa familiar pertencente ao Grupo Áurea (família Constantino). Dono de uma frota de 15.000 ônibus, atualmente, possui 30 aviões e teve seu vôo inaugural em 15 de janeiro de 2001. Utilizando aeronaves novas e com o princípio de vender um serviço de transporte com pontualidade, regularidade, segurança e principalmente o menor preço, a Gol vem conquistando, assim, o mercado com lucratividade para seus acionistas.

Espelha-se em companhias de sucesso no exterior, principalmente nos EUA que foram os pioneiros no segmento da aviação a conter os gastos excessivos para diminuir os preços de seus bilhetes de passagem.

Desde a sua criação, a empresa tornou-se a terceira maior companhia aérea brasileira. Utilizando a tecnologia de informação

(TI), toda a venda e reserva de bilhetes de passagens, são realizadas através da web, com eficiente atendimento gratuito aos clientes (0800). Toda essa informatização torna possível controlar on-line as passagens vendidas por destino. Desta forma, quando uma aeronave decola, a empresa já tem conhecimento de quanto faturou e se foi rentável ou não. Através deste sistema, agilizou e simplificou o embarque de seus clientes, sendo necessário apenas o documento de identidade na hora do embarque na aeronave.

3. TAM, sua história e estratégias de mercado.

A empresa Táxi Aéreo Marília, surgiu em 1961, na cidade de Marília interior do Estado de São Paulo, a partir do consórcio de dez pilotos de monomotores atuando no transporte de cargas e passageiros para os Estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso.

No ano de 1967, foi adquirida pelo empresário Orlando Omoto, que mudou a sede da empresa para a cidade de São Paulo. Já na década de 70, a empresa passou a ter como sócio o comandante Rolim Amaro (um ilustre cidadão de Pereira Barreto, nascido e crescido em um bairro rural chamado Bela Floresta) que, em pouco tempo, se tornou o maior acionista.

Foi a partir da compra do modelo Fokker 20, que a empresa começou a crescer, já comemorando a marca de um milhão de passageiros transportados.

Sua estratégia de expansão iniciou-se com a aquisição da Votec, que conseqüentemente fez com que a TAM iniciasse suas atividades para as regiões centro-oeste e norte do país.

Já nos anos 90, a empresa ganhou mais visibilidade com o lançamento do programa de fidelida-

Quadro I - Demonstração do Resultado do Exercício de 2003/2004 Varig S/A, Gol Linhas Aéreas Inteligentes S/A e TAM Linhas Aéreas S/A Índices em %.

	VARIG		GOL		TAM	
	2004	2003	2004	2003	2004	2003
Vendas em br (R\$)	9.061.690	8.145.182	2.054.649	1.497.393	4.572.320	3.724.256
Vendas	100	100	100	100	100	100
(-) Deduções	(2,20)	(2,40)	(4,60)	(6,50)	(4,80)	(4,70)
(=) Receita Líquida	97,80	97,60	95,40	93,50	95,20	95,30
(-) Custo Direto	(69,80)	(69,40)	(55,40)	(61,10)	(64,00)	(70,60)
(=) Lucro Bruto	28,00	28,20	40,00	32,40	31,20	24,70
(-) Custos Indiretos						
Administrativos	(2,70)	(2,65)	(2,80)	(2,50)	(6,60)	(6,50)
Comercial	(20,20)	(21,50)	(13,00)	(13,20)	(18,50)	(19,10)
Financeiros	(6,30)	(1,90)	6,53	(4,10)	(1,50)	6,95
Res./Outr Rec./Disp.	0,40	(24,50)				
(=) Lucro Operacional	(0,80)	(22,35)	24,73	12,60	4,60	6,05
IR e Contr. Social	-	-	(8,00)	(3,80)	(3,40)	(1,65)
Part. dos Func. nos Lucros	-	-	(1,30)	(1,30)	-	-
(*) Resultado não Operac.	(0,21)	(0,26)	-	-	5,60	0,38
(*) Lucro Proj. Exerc.	(1,01)	(22,61)	15,43	7,40	7,80	4,78

Fonte: Desenvolvido pelo autor

de (um dos melhores do mundo) e com a aquisição dos aviões Fokker 100, que estavam substituindo os antigos bimotores, conseqüentemente, marcou a presença em todo o território nacional.

A aquisição da companhia Lapsa do governo paraguaio foi fator determinante para a sua entrada no mercado sul-americano.

Os aviões Air-Bus A330 foram de suma importância para o fortalecimento da marca TAM para os vôos internacionais, principalmente na rota São Paulo-Miami.

Com a morte de seu presidente em 2001, a empresa passou por uma reestruturação interna, visando à redução de seus custos.

Atualmente, a empresa opera diariamente para as principais capitais da América Latina, Europa, Ásia e EUA, demonstrando assim a boa evolução da empresa. A TAM encerrou o mês de dezembro de 2004 com a liderança do mercado doméstico.

4. Análise das demonstrações financeiras das companhias Varig, Gol e TAM.

Segundo Franco (1992), define-se a análise das demonstrações contábeis:

Como as principais demons-

trações contábeis são exposições sintéticas dos componentes patrimoniais e de suas variações, a elas recorreremos quando desejamos conhecer os diferentes aspectos da situação patrimonial e de suas variações. Sendo demonstrações sintéticas, não oferecem informações detalhadas sobre o estado patrimonial e sobre suas variações. Daí a necessidade de aplicação da técnica contábil denominada análise das demonstrações contábeis, também conhecida por análise de balanços.

• Observa-se, neste estudo, que embora a Varig tenha gerado a maior receita, verifica-se que ela encerrou os exercícios com prejuízo, e a TAM, mesmo com o segundo maior faturamento encerrou os exercícios acima citados com um lucro menor que a Gol, considerando que essa empresa obteve o menor faturamento, dentre as maiores do mercado nacional.

Conforme os índices apresentados na tabela acima, pode-se observar que a empresa Varig apresentou o menor índice de deduções, e ainda houve uma redução desse índice do exercício de 2003 para 2004. Já a empresa Gol teve 6,50% de deduções em rela-

ção à receita bruta, e em 2004 esse índice caiu para 4,60%. Ao contrário dessas empresas, a TAM sofreu uma variação que foi de 4,70% em 2003 para 4,80% em 2004.

Um detalhe importante que se pode observar é que os índices relacionados com a receita, tais como deduções têm peso menor que índices como o de custos diretos e indiretos, além de serem baixos, eles não sofrem grandes variações.

Pode-se tomar como exemplo para comparação o exercício de 2004, onde a Varig, que embora seja a empresa nacional mais antiga no mercado da aviação, nota-se que os seus custos diretos representam 69,80% da receita (o mais elevado dentre as comparadas), enquanto uma empresa mais nova no mercado como a Gol, apresenta 55,40% de custos diretos e a TAM 64,00%. Os custos diretos são muito importantes e devem ser observados detalhadamente, objetivando sempre a redução dos mesmos, uma vez que eles influenciam diretamente no resultado da empresa. Nota-se que a Gol reduziu seu custo direto que em 2003 era 61,10% para 55,40% em 2004 e a TAM de 70,60% em 2003 para 64% em 2004.

Quadro II – Custos diretos nos anos de 2003 e 2004.

Ano	2003	2004
Varig	69,40%	69,80%
Gol	61,10%	55,40%
TAM	70,60%	64,00%

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Conforme mencionado no início deste artigo, percebe-se que em valor nominal de faturamento, a Gol foi a empresa que menos faturou dentre as comparadas e também se percebe que foi a empresa que mais aumentou seu lucro bruto que em 2003 era de 12,60% da receita bruta e em 2004 foi para 24,78%.

Diante das informações apresentadas na tabela de índices, percebe-se que os custos nas áreas administrativa e comercial (custos indiretos) não sofreram grandes variações nos períodos comparados em nenhuma das três empresas. Porém, podemos notar que a empresa que tem o menor custo indireto é a Gol, seguido pela TAM

e a Varig.

Pode-se observar também que a Varig em 2003 fechou o exercício com 1,90% de custo financeiro sobre a receita bruta, já em 2004 a empresa encerrou o exercício com 6,30% de custo financeiro. Um detalhe que vale destacar é que as empresas Gol e TAM encerraram o exercício de 2004 com resultados financeiros positivos.

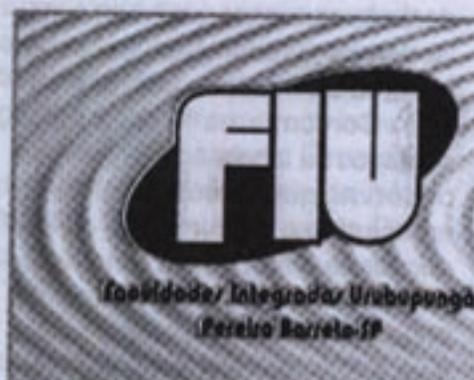
Observa-se então que a Varig obteve em 2003 um prejuízo de 22,61% e em 2004 a empresa reduziu esse prejuízo para 1,01%. Assim é provável que em 2005 a empresa já esteja encerrando o seu exercício com resultado positivo. Já as empresas Gol e TAM fecharam o exercício de 2004 com o lucro maior que o do ano anterior. Pode-se atribuir os resultados positivos a duas situações, a primeira é o aumento no faturamento e a segunda na redução de custos diretos e indiretos, reduções estas que influenciam diretamente o re-

Quadro IV – Balanço Patrimonial / Exercícios de 2003/2004 - Varig S/A, Gol Linhas Aéreas Inteligentes S/A e Tam Linhas Aéreas S/A

	VARIG		GOL		TAM	
	2004	2003	2004	2003	2004	2003
Ativo Circulante	16,60	16,40	85,30	81,24	50,00	26,80
Ativo Realizável a Longo Prazo	9,10	8,00	6,08	6,05	16,70	16,50
Ativo Permanente	6,30	6,70	8,62	12,71	33,30	56,70
Passivo Descoberto	68,00	68,90	-	-	-	-
Total do Ativo	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Passivo Circulante	32,15	35,80	33,50	57,00	48,40	34,20
Pas. Exg. a Longo Prazo	67,80	64,04	1,50	2,00	43,00	64,00
Patrimônio Líquido	0,05	0,16	65,00	41,00	8,60	1,80
Total do Passivo	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Índices em %.



NOSSA MISSÃO

Formar CIDADÃOS e profissionais críticos e reflexivos capazes de atuarem como agentes transformadores da sociedade

sultado final.

Conforme análise dos índices de comparação dos balanços patrimoniais das empresas de aviação Varig S/A, Gol Linhas Aéreas Inteligentes S/A e TAM Linhas Aéreas S/A, verifica-se que nos exercícios de 2003 e 2004, as empresas embora sejam do mesmo segmento, estão com suas vidas financeiras em situações bem distintas.

A Varig em 2004 demonstrou um ativo circulante de 16,60%, enquanto o seu passivo circulante é de 32,15%, diante dessas informações, nota-se que a empresa não apresenta condições de cumprir com seus compromissos a curto prazo, pois o passivo circulante é aproximadamente 93,67% maior do que o seu ativo circulante. A situação do exigível a longo prazo versus realizável a longo prazo é a mesma situação. No Exercício de 2003, a Varig apresentou os mesmos problemas com proporções mais elevadas.

Um detalhe importante que se pode destacar no balanço da Varig é que o ativo permanente e o patrimônio líquido sofreram reduções de 2003 para 2004, pode-se sugerir que um dos objetivos da empresa nessa redução é para gerar fundos para saldar suas dívidas.

Há uma conta no ativo da Varig que segundo Calderelli (1997) é definida como:

O passivo descoberto surge quando os prejuízos absorvem a totalidade do capital próprio, fixando o déficit patrimonial, onde os bens e direitos não são suficientes para a cobertura das obrigações.

A Gol, que embora seja a mais jovem empresa no mercado da aviação, é a que apresenta uma situação financeira bastante saudável. Pode-se verificar que o ativo circulante é muito maior que o

seu passivo circulante nos dois exercícios analisados (2003/2004), o que comprova que a empresa tem plena condição de cumprir com seus compromissos a curto prazo.

No que diz respeito aos compromissos a longo prazo, também pode-se afirmar com segurança através da análise vertical, que a empresa está muito bem, pois o realizável a longo prazo de 2003 e 2004 representaram 6,05% e 6,08% respectivamente, enquanto o seu exigível a longo prazo representaram 2,00% e 1,50% no mesmo período analisado do ativo total.

Um índice que nos chama atenção é o do patrimônio líquido que em 2003 era de 41% e em 2004 foi para 65%.

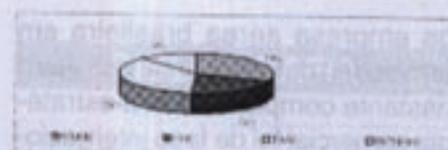
A TAM é a empresa que ocupa a maior fatia do mercado da aviação que está em torno de 42%. Percebe-se que a situação financeira da empresa é saudável. Pode-se destacar que houve uma redução no ativo permanente da empresa de 2003 em relação a 2004 de 23,37%, nota-se também que o exigível a longo prazo foi reduzido de 64% para 43% em 2004 com relação a 2003 e o patrimônio líquido aumentou de 1,80% para 8,60% em 2004.

5. Conclusão.

Através das informações acima citadas, conclui-se que as empresas pesquisadas obtiveram os seguintes resultados conforme os índices abaixo demonstrados no período de 2004:

Gráfico I. Demonstrativo das viagens domésticas por número de assentos oferecidos.

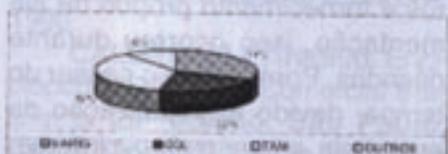
Empresas	Nº Assentos Oferecidos
Varig	13.100.935
Gol	8.821.649
TAM	15.661.829
Outros	5.406.475



Fonte: <http://www.dac.gov.br/principal/index.asp>

Gráfico II. Demonstrativo das viagens domésticas por número de assentos ocupados.

Empresas	N.º de Passag. Transp.
Varig	8.763.887
Gol	6.278.280
TAM	10.087.333
Outros	3.056.964



Fonte: <http://www.dac.gov.br/principal/index.asp>

Gráfico III. Demonstrativo das viagens internacionais por número de assentos oferecidos.

Empresa	Assentos Oferecidos
Varig	26.135.128
Gol	22.264
TAM	4.641.287
Outros	21.180



Fonte: <http://www.dac.gov.br/principal/index.asp>

Gráfico IV - Demonstrativo das viagens internacionais por número de assentos ocupados

Empresa	Assentos Oferecidos
Varig	19.906.651
Gol	10.852
TAM	3.374.624
Outros	15.091



Fonte: <http://www.dac.gov.br/principal/index.asp>

A Varig, por ser a mais anti-

ga empresa aérea brasileira em atividade, carrega uma estrutura bastante complexa. A sua estratégia comercial foi de foco internacional, onde foi investida na compra de aviões de grande porte os quais exigem um alto custo de operação. Para ser uma empresa de abrangência continental e mostrar o glamour de seus vôos, a Varig aumentou os custos de forma desnecessária, como por exemplo, a utilização de equipe para limpeza dos fones de ouvido dos passageiros e fornecimento próprio de alimentação, isso ocorreu durante décadas. Porém, com o passar do tempo, devido à globalização da economia, a concorrência internacional, o alto custo do petróleo e a baixa eficiência no mercado interno, somados a sua pesada estrutura, acarretaram o declínio da empresa, prejudicando, assim, a sua imagem.

Nos últimos anos, a empresa vem apresentando prejuízo em seu balanço patrimonial. Para sanar tal problema foi necessária uma completa reestruturação em suas atividades, como a padronização da frota, enxugamento do quadro de pessoal, fechamento de escritórios, redução de horários, eliminação de rotas e assinaturas de acordos operacionais e comerciais como o da Star Alliance, que é a união das principais empresas áreas do mundo, objetivando sempre a ocupação completa de seus assentos com preferência das aeronaves que estiverem com maior lotação. Mesmo tendo revertido um prejuízo que alcançou a casa dos R\$ 2,8 bilhões em 2002, dificilmente ela conseguirá se livrar da dívida de R\$ 6,5 bilhões nas próximas décadas, lembrando que deste total o principal credor é a União com 55% de sua dívida.

Nos últimos dois anos, a empresa renegociou a maior parte de

suas dívidas e vem honrando os seus compromissos com todos seus credores. No entanto, esses pagamentos comprometem o fluxo de caixa de tal forma que tem havido dificuldades para efetuar o pagamento do salário dos funcionários, adquirir peças para manutenção e efetuar o pagamento pelo combustível do qual a empresa tem o crédito de apenas dez dias.

Do ponto de vista operacional, devido a sua reestruturação, a empresa está em um ponto de virada, ela exibiu um prejuízo em 2004 de R\$ 87,167 milhões o qual é bem menor que o ano anterior que foi de R\$ 1,8 bilhão.

O futuro financeiro da empresa está nas negociações sobre o encontro de contas entre ela e a União. Em dezembro de 2004, a Varig obteve na justiça o direito de ser ressarcida acerca de R\$ 2,5 bilhões referente a sucessivos planos econômicos nas décadas de 80 e 90.

Tendo em vista que a relação entre a Varig e o governo tenha se alterado bastante nos últimos tempos, os pensamentos de seu fundador, o alemão Otto Meyer continuam válidos. Meyer costumava dizer que, por ser uma empresa de serviços públicos, os pilares de sustentação da empresa eram três: governo, passageiros e funcionários.

Em relação a Gol, conclui-se que a empresa pode ser considerada a mais moderna e estruturada no mercado da aviação. Com intenção de causar impacto para se tornar uma referência nacional, a empresa utiliza o que há de mais moderno em estratégia de mercado, tendo como base um grupo empresarial com 50 anos de experiência no segmento de transportes rodoviários. A Gol conta com uma proposta inovadora de baixo

custo padrão, alcançada por meio de uma estrutura bastante enxuta, alto comprometimento da qualidade e uso de técnicas sofisticadas de gerenciamento de preços, eliminando mordomias e diminuindo os custos de seus bilhetes.

A tecnologia de ponta foi fundamental para a obtenção de êxito em sua proposta estratégica. O uso de ferramentas de TI (tecnologia de informação) de forma inteligente foi fundamental na redução dos custos, na melhoria de processos logísticos e aumento de vendas.

Conclui-se que a venda de passagens pela web foi a grande inovação da companhia, como também a implantação do sistema de tiquete eletrônico que trouxe vantagens como de poder controlar on-line, a quantidade de bilhetes vendidos por destinos, a posição do caixa em tempo real, sabendo quanto faturou, se foi rentável ou não na realização de um determinado vôo.

Tais tecnologias fizeram com que a empresa que iniciou suas atividades em janeiro de 2001 obtivesse números expressivos, 22,5% de aumento na quantidade de assentos ofertados, com um índice de ocupação a cima da média, chegando a uma taxa de 71%, 10 pontos a cima da concorrência, mesmo sem oferecer algum programa de milhagem, conseguindo vender passagens com tarifas 20% menores que seus concorrentes.

Possuindo em sua frota aviões novos e modernos, transmite uma idéia de maior segurança, os aviões voam mais horas, ficam menos tempo parados para manutenção e a empresa tem economia diária de duas horas por aeronave. Este sistema reduz o custo fixo em 10%, além disso, gasta menos combustível por serem compactos e padronizados.

O crescimento no mercado aéreo foi surpreendente, pois enquanto o setor obteve um aumento de 12%, a empresa atingiu 34%, tornando-se em maio de 2005 a segunda em participação de mercado.

Por fim, a TAM, uma organização de princípios modestos, que foi idealizada por jovens aviadores, teve inicialmente como foco o transporte de malotes e, posteriormente, o de transporte de passageiros. Seu início ficou marcado pela forte rejeição em vários mercados, sobre tudo o gaúcho e o fluminense que eram territórios variganos. A empresa tinha dificuldades para crescer em muitas praças, porém isso começou a mudar com o code-share: os passageiros compravam bilhetes da Varig e acabavam, muitas vezes, voando em um air-bus novo da TAM, tripulado por seus jovens comissários sempre preocupados em agradar a seus clientes e marcar o nome da empresa.

Tendo como foco a fidelização do cliente, através do bom atendimento dos seus funcionários, utilizando a tecnologia de informação para fortalecer a relação com os seus agentes de viagens (responsáveis por 80% das vendas), a empresa utiliza a web como ferramenta para melhorar a relação com seus parceiros comerciais e ajustar procedimentos internos. A empresa possui um bilhete eletrônico que permite ao passageiro que necessite fazer um voo inesperado, realizar a compra através do agente que emite os dados da passagem e do voo para o celular do consumidor via wap.

Após o início da reestruturação da empresa em 2000 e, mesmo com a retração econômica de 2001, a TAM cresceu 31% neste ano, iniciando sua

fase expansionista. Em 2003, a empresa fechou o ano com um lucro de R\$ 174 milhões.

A eficiência da empresa ganhou destaque com o lançamento do e-tam auto-atendimento, equipamento que permite fazer check-in em apenas dez segundos.

Para manter-se na liderança do mercado doméstico que é seu principal foco, a empresa visa à compra de aeronaves novas e modernas, com o objetivo de garantir a demanda do mercado interno, o mais rentável.

Conclui-se que a série de acordos com companhias regionais é de suma importância para a manutenção da liderança no território nacional. Com aeronaves modernas e bem equipadas a empresa trabalha com uma ocupação de seus assentos na taxa de 64% no mercado doméstico e 72% no internacional. A empresa obteve um faturamento de R\$ 4.572.320.000,00 em 2004 diante de R\$ 3.724.256.000,00 de 2003 um aumento de 22,77% em relação a 2003, obtendo um total de 20.353.116 passageiros transportados em seus aviões no ano de 2004, o que lhe deu a liderança folgada neste ano de 2004.

Em relação ao cenário econômico, as companhias aéreas enfrentaram uma turbulência financeira em virtude dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA, colocando o setor aéreo em uma das piores crises de sua história. Aos poucos, o tráfego aéreo mostra sinais de recuperação dos passageiros, mas não da receita, pois os clientes corporativos estão preferindo voar na classe econômica ou em empresas que operam no sistema de baixo custo, deixando de pagar por luxos excessivos.

BIBLIOGRAFIA

PELEIAS, Ivan Ricardo. Controladoria – Gestão eficaz utilizando padrões. São Paulo. Editora Saraiva, 2002.

FRANCO, Hilário. Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços. 15ª edição. São Paulo, Editora Atlas S/A, 1992.

BRAGA, Hugo Rocha. Demonstrações Financeiras – Estrutura, Análise e Interpretação. 2ª edição. São Paulo, Editora Atlas S/A, 1990.

CALDERELLI, Antônio. Enciclopédia Contábil e Comercial Brasileira. 29ª edição. São Paulo, Cetec Consultores e Editores Técnicos Ltda, 1997.

MATARAZZO, Dante Carmine. Análise Financeira de Balanços – Abordagem Básica e Gerencial. 6ª edição. São Paulo, Editora Atlas S/A, 2003.

Gol Transportes Aéreos. Disponível em: <http://www.jetsite.com.br/comp_aereas2.asp?codi=345> acesso em: 01 de maio de 2005.

Revista Exame. Varig dá início às negociações com a TAP. Disponível em: <http://portalexame.abril.uol.com.br/negocios/conteudo_72181.shtml> acesso em: 12 de março de 2005.

Barbosa, Nair Palhano. Nas Asas da História - Lembranças da PANAIR do Brasil - Editora Agir. Disponível em:

<http://www.torredecontrole.com.br/caso_panair_do_brasil.htm> acesso em: 26 de maio de 2005.

Gol e Projeto Felicidade: parceria inteligente. Disponível em: <<http://www.felicidade.org.br/entrevista/entre012.html>> acesso em: 05 de fevereiro de 2005.

Varig Inaugura as Comemorações dos Seus 75 Anos Com Uma Nova Política de Marketing. Disponível em: <http://www.financas.varig.com.br/ou-tros/hist_varig.htm> acesso em: 18 de maio de 2005.

“QUEREMOS VIVER JUNTOS?”

Euclides Paganini Oscalices
Junior / Faculdades Integradas
Urubupungá - FIU - P. Barreto-SP

Telma R. Duarte Vaz
Faculdades Integradas
Urubupungá - FIU - P. Barreto-SP

RESUMO: Este artigo visa uma reflexão sobre a importância da “inclusão” não apenas escolar, mas também a social, inclusive no mercado de trabalho. Para tal propósito, foi realizada pesquisa em publicações específicas da área. Sendo pressuposto teórico deste artigo a Declaração de Salamanca: Conferência Mundial de Educação Especial (1994).

Palavra e Palavras-chave: Inclusão; Sociedade; Trabalho; Escola; Família.

0. Introdução

Deficiente mental, visual, auditivo, físico, múltiplo, diferente ou especial... São nomes usados para rotular as pessoas que não se enquadram ao que foi pré-determinado como padrão de “normalidade”. Estas pessoas necessitam de uma escola e de uma sociedade adaptada, a fim de serem incluídas socialmente e no mercado de trabalho, de modo a desenvolverem suas potencialidades.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994), o termo mais usado e aceito para denominar estas pessoas é: Portador de Necessidade Educacional Especial, termo este, não segregador, uma vez que todos nós, em algum momen-

to da nossa fase de escolarização, necessitamos de algum acompanhamento especial.

1. “Um sonho desfeito”

Para Vieira (s.d.), no período de gestação, a família, em especial os pais, costumam arquitetar projetos para o futuro membro que esta por chegar. Porém, algumas famílias acabam sendo “agraciadas” com o nascimento de uma criança Portadora de Necessidade Educacional Especial; Como, comumente vemos, ocorre casos de quebra do vínculo, pois os casais, em sua maioria, atribuem uns aos outros a culpa pela deficiência do filho, não aceitando esta condição como uma “dádiva” e sim, como uma barreira, desestruturando assim este lar.

Muitas vezes, esta criança é segregada dentro da própria família, onde deveria receber apoio e carinho, desencadeando, assim, um problema não apenas particular, mas também social.

1.1. Primeiro obstáculo: a família

Segundo a perspectiva de Vieira (s.d.), um projeto educacional de qualidade deve estar alicerçado com base familiar, uma vez que a criança necessita primeiramente sentir-se segura e amparada, para que, aí possa desempenhar seu potencial ao máximo.

O grupo familiar seja ele consanguíneo (pai, mãe, avós, tios e primos) ou substitutos (adoção e

criação), são exemplos de postura e conduta e devem participar efetivamente da educação da criança, mas na prática não é isso que acontece, pois é comum vermos pais deixarem seus filhos até dois períodos na escola, cabendo ao professor não apenas o papel de educá-lo, mas também o de criá-lo.

Esta questão piora e muito, quando nos referimos a famílias menos favorecidas ou rurais, pois na sua maioria os vêem como: aberrações, anormalidades e retardados, limitando-os a quatinhos nos fundos, ou soltos no quintal feito animais.

Tais famílias sentem vergonha de suas crianças, escondendo-as da sociedade em sótãos e porões, acreditando que tal ação é o melhor a ser feito por elas, negando-as o direito constitucional de serem livres e de irem a escola.

1.2. Segundo obstáculo: a escola

“Pautadas para atender a um aluno idealizado e ensinando a partir de um projeto escolar elitista, merocrático e homogenizador, as escolas produzem quadros de exclusão que tem, injustamente, prejudicando a trajetória educacional de muitos alunos...” (Mantovan, 2005).

Esta escola “tradicional”, até poucos anos atrás, enviava às escolas especiais, todos os Portadores de Necessidades Educacionais Especiais que tentavam se matricular nela, pois segundo Mitter (2005), pensava-se ser im-

possível atender suas necessidades em escolas regulares.

Por isso, acreditamos, ser indispensável, a reavaliação de todas as crianças em escolas especiais, uma vez que foram enviadas a esta modalidade de ensino e raramente retornaram ao ensino regular. Qual a explicação para este fato? Os obstáculos estão na criança ou no sistema?

Estas escolas estão negligenciando o fato de vivermos numa sociedade globalizada, onde não importa só o conhecimento, é preciso ter certificado – titulação, para se concorrer a uma vaga no mercado.

Portanto, é um absurdo o fato, de crianças estudarem anos em uma escola especial, sem sequer obterem um certificado de conclusão do ensino fundamental, como explicar este fato, se o ensino fundamental é obrigatório para todos?

1.3. Terceiro obstáculo: a sociedade

Para Vieira (s.d.), as barreiras impostas pela sociedade desestimulam e excluem a participação do Portador de Necessidade Educacional Especial no mercado de trabalho, pois eles mesmos, sabendo das dificuldades de competir de igual para igual, sentem-se discriminados e diminuídos.

Devido a esta realidade, é necessário esclarecer para as empresas que a "lei" garante vagas para deficientes, pois os mesmos são capazes de exercerem funções, com um grau de compromisso e qualidade, muitas vezes, superior a de pessoas ditas "normais".

De acordo com Vieira, (s.d.), o problema fundamental não é absolutamente a capacidade ou limitação do deficiente. A essência deste problema está na falta de inserção do deficiente nas atividades das fábricas.

Portanto, é necessário que

clarifiquemos o verdadeiro objetivo de nossa atuação junto às pessoas deficientes. Se de fato, nos propusermos a mantê-las "deficientes" e dependentes de nossos préstimos profissionais "eternamente", mantendo as famílias sob nosso "amparo e proteção", então poderemos continuar a espalhar oficinas pedagógicas e ocupacionais por todo o nosso território nacional, criando instituições que lhe administrem. Porém, se realmente objetivamos integrar o deficiente, é imperioso repensarmos com as famílias a questão do trabalho destas pessoas.

Além do trabalho no mercado competitivo, existem outras atividades que os deficientes podem realizar, dentro de seus lares ou mesmo em qualquer "fundo de quintal", onde alguém possa o coordenar.

Quando a família desperta para as condições de trabalho do próprio filho, observamos que ela mesma encontra recursos para aproveitar seu potencial. Há casos de pais que têm em seus filhos deficientes, um ótimo auxiliar para o seu trabalho autônomo (na construção civil, feirantes, mecânicos, eletricitistas...) e em afazeres domésticos.

2. Considerações finais

Nesta pesquisa: procuramos fornecer, informações gerais sobre as dificuldades de ser uma pessoa portadora de necessidade educacional especial, orientando aqueles, que desejam ajuda-las a superar suas limitações, de modo a integrá-las na comunidade onde vivem, o mais cedo possível.

Devido à complexidade deste assunto, seria inviável apresentar aqui todas as informações pertinentes deste estudo; porém nos empenhamos ao máximo para poder não só apresentar as descrições, mas as causas, os métodos e alguns resultados, que deram certo, de incluí-las no mercado de trabalho.

Portanto, destacamos que a educação tem o compromisso de socializar o "saber" e que a sociedade tem como responsabilidade exercer essa função de "socializadora" perante aqueles que não possam se beneficiar do ensino comumente realizado.

Ressaltamos, novamente, que este estudo, não se concluiu integralmente, pois muito ainda, é preciso caminhar neste sentido; O que propomos então é a seguinte reflexão: será que de fato, "queremos viver juntos?"

Esperamos, contudo, ter despertado no leitor, o gosto pelo assunto aqui abordado, pois é de vital importância a conscientização de todos, a fim de acabar com o preconceito existente em nossa sociedade, pois ser indiferente a esta questão, é não querer aceitar o ser humano na sua essência, é desrespeitar a singularidade e individualidade. É desconsiderar o outro como pessoa humana.

BIBLIOGRAFIA

ESPAÑA, *Declaración de Salamanca: Conferencia Mundial de Educação Especial*. Salamanca, 1994 (mimeo).

MANTOAN, Maria Teresa Egler. O direito à diferença nas escolas. In: *Pátio revista pedagógica*. Porto Alegre. Editora Artmed. ano VII, nº 32, pp. 12-15, nov.2004 / jan.2005.

MITTLER, Peter. O futuro das escolas especiais. In: *Pátio revista pedagógica*. Porto Alegre. Editora Artmed. ano VII, nº 32, pp. 8-12, nov.2004 / jan. 2005.

VIEIRA, Maria Nanci Lima. Família - conceitos, funções e papéis. In: _____ et al. *O deficiente no Brasil*. São Paulo. Editora Impress. s.d. pp.9-26.

Educação: O saber fazer acontecer

Edinaldo Santos de Almeida
FIU - Faculdades Integradas
Urubupungá P. Barreto / SP

Resumo: Este trabalho tem com objetivo, a motivação reflexiva sobre a importância de ampliar horizontes, sobre o ensino superior e todo o quadro histórico e social de uma faculdade / universidade brasileira. Deste modo, são apresentadas questões que envolvem o senso - crítico, a respeito do acesso ao ensino superior, e a responsabilidade social que facilita em muito a entrada de jovens em uma faculdade.

Palavras chave: Ensino Superior, Responsabilidade social, pesquisa do IBGE.

1 - Educação: Quando se torna ideologicamente censurada.

Do ponto de vista teórico, a ideologia pode ser considerada o conjunto de idéias, concepções ou opiniões sobre algum tema sujeito à discussão. Por exemplo, a ideologia da "raça pura", a ideologia da "segurança nacional". Ou, então, do ponto de vista prático, ideologia significa o conjunto de idéias sistematizadas que orientam determinadas formas de agir.

Para Maria Lúcia e Maria Helena (1998), a ideologia indica um conhecimento não crítico que mascara as formas de dominação existentes na sociedade.

Esta dominação existente na sociedade é eminente quando se estuda a história do Brasil relacionada com a educação universitária.

Para Maria Luiza Marcílio, escritora do livro: História da Escola em São Paulo e no Brasil, a dependência dos brasileiros em relação à universidade de Coimbra, em Portugal, era considerada um ponto importante do Pacto Colonial para manter a relação de privilégios do império. Vale ressaltar que aquela universidade tornou - se uma das mais inovadoras instituições de ensino superior com a reforma realizada pelo marquês de Pombal em 1772, que reduzia, influência dos Jesuítas, inserindo a instituição no controle do aparelho de Estado e no esforço de modernização do país.

O pacto Colonial no Brasil, o qual compreendemos, não foi somente a privação dos brasileiros de comercializarem seus produtos manufaturados, mas também a "elitização do pensar" e de expandir os conhecimentos, livres de qualquer força coativa que pudesse reprimi - la.

Nas universidades, concentrava-se uma mocidade entusiasmada e irrequieta, animada pelo desejo de querer saber, de querer mudar...

Finalmente, há que se destacar o papel da imprensa, por seu alcance no plano da vida cultural daqueles tempos. Teve influência sobre a cultura, sobre o conhecimento, por meio da produ-

ção dos livros a um custo muito inferior, se compararmos com o processo artesanal dos manuscritos, o aperfeiçoamento de Gutenberg (tipos móveis metálicos) possibilitou a publicação de um enorme número de títulos, crescia - se em quantidade e em qualidade. Os livros foram, e ainda são, o veículo de ampliação da sabedoria.

As tipografias se multiplicaram com extraordinária rapidez, especialmente em Veneza, o centro mais operante delas, pois logo após a impressão de uma bíblia, pelo novo sistema, em 1455, cerca de 200 tipografias funcionavam a pleno rendimento, só naquela cidade italiana.

Com a inquisição no século XVI, surgiu o Index que permitia censurar ou cortar partes dos livros considerados perigosos, como os textos de Lutero, Calvino, Copérnico ou Cervantes. Essa repressão intelectual afetou profundamente a continuidade do movimento renascentista, do qual era um movimento que "cultuava" a ciência, a razão e o liberalismo, que entrou nem crise em meados do século XVI.

Já, na idade contemporânea, Adolf Hitler, através de seu livro nazista *Mein Kampf*, infundia a ideologia nazista no seu povo, principalmente pelo meio das escolas. No livro ele afirmava que os judeus eram elementos "Apátridas", membros de uma comunidade de capitalistas internacionais que pretendia manter a Alemanha subordinada e fraca.

Além disso, o povo Alemão deveria rearmar-se para expandir seu "Espaço Vital", isto é, os territórios a que tinha direito com "Raça Superior", afirma o historiador Raymundo Campos.

Ao impor os valores da classe dominante, tornados universais, os discursos ideológicos impedem que o oprimido tenha a sua própria visão de mundo. O que não significa que alguns conheçam a realidade e a maior parte se encontre "enganada" pela ideologia. Para tanto, devemos compreender o saber com um processo constante em movimento entre o pensar e o agir – e não uma coleção de verdades "acabadas" vindas não se sabe bem de onde, conclui Maria Lúcia e Maria Helena, ambas filósofas.

"São universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui.

Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil"

Anísio Teixeira (2005)

2- Ética e responsabilidade social

As pessoas e as idéias podem mudar o mundo. A ética é aprendida a partir da inserção no meio social. Ninguém nasce ético, mas tem formado seu senso de responsabilidade pelo acúmulo de um patrimônio de princípios culturais, educacionais e profissionais. Não existe ética específica para cada segmento social. O indivíduo ético age com os mesmos princípios em todos os ambientes, reais ou virtuais, respeitando valores e costumes subjacentes a cada ambiente social.

O ser ético não ama apenas a si mesmo ou a seus próximos. Ama o mundo e a vida. Mesmo

quando não é capaz de amar, é plenamente capaz de assumir esse dever de zelo e de cuidado. Viver eticamente significa, portanto, zelar e cuidar.

O aprimoramento da formação de cidadãos éticos, é sem dúvida, a chave para uma melhor convivência humana, declara Graça Maria em reportagem da revista *Amae Educando*, do mês de outubro (2005).

Para o professor pedagogo, Marcos Garcia de Almeida, um país onde 95% da riqueza está concentrada nas mãos de 5% não pode ser considerado um país equilibrado. Culpa de quem? Não importa descobrir ou falar de quem é a culpa, importa sim mudar este cenário, e isto só é possível pela educação e pela cultura daqueles que governarão o país daqui a 100 anos. Nós vivemos na idade da "pedra social" e estamos pagando o preço disto.

Acreditar que o ensino transforma não é mais uma questão filosófica, isto já não é ponto pacífico. O que é hoje, e é pelo ensino (certo ou errado) que o mundo caminha para o futuro. Discernidores que devemos ser do certo e do errado, do bem e do mal, devemos e temos a obrigação de nos entregarmos a esta missão.

Atualmente, as questões sociais estão presentes no topo das listas de todos que desejam uma sociedade melhor. Governos, parlamentares, empresários, educadores, profissionais liberais, religiosos, enfim a sociedade civil organizada.

Segundo dados divulgados pelo jornal *liberdade de expressão* do mês de outubro (2005), neste ano o SEBRAE – São Paulo realizou o estudo "a Responsabilidade Social nas micros e pequenas empresas do estado

de São Paulo", e constatou que 74% dessas organizações realizaram pelos menos uma ação social nos 12 meses que precederam a pesquisa.

Incorporar a questão da responsabilidade social na gestão empresarial é, atualmente, um grande desafio, é preciso que o empresário tenha consciência do papel fundamental que as empresas privadas têm na construção do desenvolvimento social, antes restrito apenas ao poder público.

A responsabilidade social colabora na ação social, que é toda atividade realizada por empresas em caráter voluntário, para atender a sociedade em áreas como assistência social, alimentação, saúde, educação e cultura.

Para Paulo Skaf, presidente da FIESP (Federação das Indústrias do estado de São Paulo) e do conselho Deliberativo do SEBRAE – SP, "Ainda há muito a avançar na prática da responsabilidade social, mas não importa se parte dessa atuação solidária identificada nesse estudo do SEBRAE – SP, ainda careça de perfeita sintonia com os parâmetros contemporâneos e profissionais com o terceiro setor. O essencial, no caso, é a intenção, sobretudo, o gesto de ajudar.

3- Reforma universitária

O projeto da lei orgânica do ensino superior, conhecida como reforma universitária, reúne um conjunto de diretrizes para definir os rumos do sistema de ensino superior no Brasil e corrigir suas distorções. Esse propõe mudanças estruturais, como a cota de 50% nas universidades federais para alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas. A Reforma cria ainda um percentual de cotas para Afro-

brasileiros e indígenas. Para o governo, esta medida tem como objetivo acabar com a elitização do acesso a universidade pública. Para muitas pessoas esta medida do governo federal contribui ainda mais para a discriminação racial, pois deste modo ele poderá favorecer alguns e excluir outros. Este processo reformista deveria ser iniciada no ensino fundamental, com as escolas públicas preparadas e professores mais capacitados e com condições dignas para que os professores tivessem mais condições de levarem um ensino renovador e mais criativo, para que assim todas as pessoas pudessem ter um ensino de qualidade, afim de competirem uma vaga em universidades públicas de igual para igual.

A preocupação com a qualidade do ensino Superior privado também passa pelo fortalecimento das avaliações do ensino, especialmente do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Segundo o dados divulgados pelo almanaque Abril (2005), a regulamentação para concessão de bolsas, que fazia parte da reforma universitária, já foi instituída em setembro de 2004, por meio de medida provisória que cria o programa universidade para todos (PROUNI).

3.1-Censo Demográfico - 2000 : Ensino Superior

Segundos dados divulgados pelo site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2000, 5,8 milhões de brasileiros de 25 anos ou mais de idade

de tinham o curso superior concluído e proporção de brancos com este nível de ensino é 5 vezes maior que a de pretos, pardos e indígenas.

No cruzamento da série de escolaridade concluída com a cor ou raça, são os amarelos (26,9%) que detêm o maior percentual de nível superior concluído, sendo que pardos (2,4%), indígenas (2,2%) e pretos (2,1%) apresentam taxas cinco vezes menores que a dos brancos (9,9%). As informações, com tabelas que chegam ao nível de município, fazem parte da série de publicações temáticas que o IBGE vem lançando ao longo de 2003 sobre o último Censo Demográfico e que aborda temas como Migração, Deficiência, Religião, Nupcialidade e Fecundidade e Trabalho e Rendimento.

Ainda na faixa etária de 25 anos ou mais de idade e, levando em conta o sexo da pessoa, verifica-se que há mais mulheres (3,1 milhões) do que homens (2,6 milhões) com nível superior concluído e que essa diferença chega a mais de 500 mil pessoas (Gráfico 14). Segundo o nível concluído, observa-se que há mais mulheres graduadas (55,0%) do que homens (45,0%). Estes, por sua vez, são mais pós-graduados do que as mulheres (57,0% contra 43,0%), o que pode ser explicado pelo fato das mulheres, nesta faixa etária, encontrarem-se no pico de sua fecundidade e, portanto, dividindo seu tempo entre trabalho, estudo e cuidado com a família (Gráfico 15).



Gráfico 15 - Distribuição da população com nível superior concluído, por sexo, segundo o nível de escolaridade - Brasil - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

No grupo dos mestres e doutores (mais de 300 mil), 86,4% são brancos; 9,2%, pardos; 1,9%, amarelos; 1,8%, pretos e, apenas 0,2%, indígenas (Tabela 1.12).

Quanto às pessoas com idade de igual ou superior a 20 anos e que ainda freqüentam o nível superior (3% da população total), 7,2% são amarelos; 4,2%, brancos; 1,4%, pardos; 1,1% indígenas e 1,0%, pretos.

Quantidade de homens com mestrado ou doutorado supera a de mulheres em seis das oito áreas pesquisadas

Segundo as oito áreas de formação profissional pesquisadas, há mais mulheres graduadas do que homens nas áreas de Educação (598 mil contra 61 mil); Artes, Humanidades e Letras (510 mil contra 149 mil); Ciências, Matemática e Computação (306 mil contra 240 mil) e Saúde e Bem-estar social (537 mil contra 352 mil). Já os homens se destacam quantitativamente em Ciências Sociais, Administração e Direito (1,2 milhão contra 1 milhão); Engenharia, Produção e Construção (461 mil contra 105 mil); Agricultura e Veterinária (101 mil contra 24 mil) e Serviços (31 mil contra 23 mil).

Em relação às pessoas que concluíram cursos de pós-graduação, as mulheres destacam-se em apenas duas áreas: Educação (16 mil) e Artes, Humanidades e Letras (18 mil). Nas demais áreas, os homens são maioria.

Os dados referentes à cor das pessoas com nível superior concluído, por área de formação,

mostram que em Ciências sociais, Administração e Direito, área com o maior número de pessoas (2,3 milhões) e que apresenta a maior oferta de vagas, com predomínio das pessoas de cor branca (84,4%), seguidas das pardas (11,1%), amarelas (2,1%), pretas (1,9%) e indígenas (0,1%).

O Brasil tem 24 milhões de pessoas não-alfabetizadas

Os dados do Censo 2000 sobre educação mostram que quase 84% da população de 5 anos ou mais de idade são alfabetizadas. Os outros 16% equivalem a cerca de 24 milhões de pessoas não-alfabetizadas.

Entre o total de alfabetizados com 5 anos ou mais de idade (129,3 milhões), mais da metade é formada por pessoas que se declararam brancas (56,8%), seguidas pelas pardas (35,9%), pretas (5,8%), amarelas (0,5%) e indígenas (0,4%). Em relação à população não-alfabetizada (24 milhões), 51,5% são pardos; 37,2%, brancos; 9,5%, pretos; 0,8%, indígenas e 0,2%, amarelos.

No entanto, deve-se ressaltar que, a análise de infor-

mações de cada grupo de cor, isoladamente, indica resultados bem diferentes. Por exemplo, na população total de indígenas (652 mil pessoas), 30,2% não são alfabetizados, o maior percentual. A seguir vêm os pretos, cuja população é de 9,8 milhões e o percentual de não-alfabetizados é 23,2%. Em relação aos pardos, com população de 58,7 milhões, o percentual é de 21,1%; entre os 82,4 milhões de brancos, 10,9% e dos 720 mil amarelos, 6,6% não são alfabetizados.

Quanto menor o rendimento, menor a frequência escolar

Apesar da melhoria da situação educacional ao longo dos anos, principalmente na faixa etária de 10 a 14 anos, cujo percentual de crianças frequentando escola é quase universal (94,6%), as informações sobre o acesso à escola mostram que apenas 1/3 da população brasileira estuda.

Em outras palavras, entre a população de quase 170 milhões, pouco mais de 53 milhões (31,4%) frequentam escola. E quanto menor o rendimento mensal familiar, menores são as possibilidades de frequência a um estabelecimento de ensino (Tabe-

BIBLIOGRAFIA

MARTINS, Maria Helena Pires e ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Temas de filosofia. São Paulo, Moderna. 2.ed.ver., 1998

MARCÍLIO, Maria Luiza. História da escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo, imprensa oficial do estado em colaboração com o instituto Braudel.

CAMPOS, Raymundo. História geral - vol.2, São Paulo, Atual Editora.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO, Educação, Cultura e Cidadania, nº 1, outubro (2005), Ano 2, Reportagem: Responsabilidade Social Empresarial, pg:5.

AMAE EDUCANDO, nº 335, outubro (2005), ano 38, Reportagem: Ética Compromisso de Vida, Entrevistada: Graça Maria Fragozo.

Informação sobre o censo demográfico: Educação: Resultados de Amostra. Apresenta resultados sobre pesquisa relacionado o quadro geral do ensino superior no Brasil. disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 16 de Novembro de 2005.



Um intertexto plenamente possível: Matemática e Língua Portuguesa

Elenir Dornelas Pereira Ali
FIU - Pereira Barreto-SP

RESUMO: A finalidade precípua deste trabalho é uma abordagem abrangente sobre a importância da Língua Portuguesa no estudo da Matemática.

Para a efetivação da pesquisa, far-se-á necessário um levantamento exemplificativo-comparativo da interdisciplinaridade das ciências em questão. Queremos demonstrar, por meio de pesquisa, que o conhecimento da Língua Portuguesa é fator preponderante para quem ensina e para quem aprende matemática.

Quer por sua característica científica, quer pela ciência matemática, seu recurso básico de comunicação é a escrita. Por isso, ela toma emprestadas da língua materna a oralidade e as significações das palavras que servem de suporte para a troca de informações. Nesse sentido, podemos atribuir à linguagem materna esses dois papéis em relação à matemática.

Por um lado, a língua materna é aquela na qual são lidos os enunciados, na qual são feitos os comentários e a que permite interpretar o que se ouve ou lê de modo preciso ou aproximado. Por outro, a língua materna é parcialmente

aplicada no trabalho matemático, já que os elos de raciocínio matemático apóiam-se na língua, em sua organização sintática e em seu poder dedutivo.

Palavras-chave: língua materna, matemática.

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no Curso de Matemática desta Instituição de Ensino, tivemos o conhecimento da existência da disciplina de Redação com ênfase em dissertação, na grade curricular. Ocorreram questionamentos por parte dos acadêmicos sobre a relevância da inserção dessa disciplina no curso em questão.

No decorrer do ano letivo, pudemos perceber a importância da língua portuguesa dentro da matemática. Vimos a necessidade de estar colocando nossas idéias e ordená-las de modo que o aluno entenda o exercício, levando assim a uma resolução correta.

A ordenação das idéias é fundamental. Mas, para que ordenar as idéias? Todo aquele que tem algo a dizer deve saber esquematizá-lo. Elaborar um plano para tudo, pois "tudo depende do plano", segundo Goethe "apud" Diniz e Smole¹. Elaborar o plano é simplesmente prever as etapas do

que será desenvolvido. Acrescenta-se que construir o plano é encontrar as combinações e ligações naturais do tema. É preciso buscar as partes do conjunto, como Mozart procurava as notas que se amavam: "Eu procuro as notas que se amam", como constatamos em Diniz e Smole².

Parece-nos que a tarefa dos professores em relação à linguagem matemática deve desdobrar-se em duas direções. Em primeiro lugar, na direção do trabalho sobre os processos de escrita e representação, sobre a elaboração dos símbolos, sobre o esclarecimento quanto às regras que tornam certas formas de escrita legítimas e outras inadequadas. Em segundo, em direção ao trabalho sobre o desenvolvimento de habilidades de raciocínio que, para os alunos, se inicia com o apoio da linguagem oral e vai, com o tempo incorporando textos e representações mais elaboradas.

Quando se trata de matemática, sempre que pedimos a um aluno ou a um grupo para dizer o que fizeram e por que o fizeram, ou quando solicitamos que verbalizem os procedimentos que adotaram, justificando-os, ou comentem o que

1 DINIZ, Maria Inez; SMOLE, Kátia Stocco. *Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 55.

2 *Ler, escrever e resolver...* Ob. cit. p. 56.

escreveram, representaram ou esquematizaram, relatando as etapas de sua pesquisa, estamos permitindo que modifiquem conhecimentos prévios e construam novos significados para as idéias matemáticas. Dessa forma, simultaneamente, os alunos refletem sobre os conceitos e os procedimentos envolvidos na atividade proposta, apropriam-se deles, revisam o que não entenderam, ampliam o que compreenderam e, ainda, explicitam suas dúvidas e dificuldades.

1 A MATEMÁTICA E A LÍNGUA PORTUGUESA

Se eu vou ser professor de Matemática, para que tenho que saber Português?

Certamente muitos de nós já ouvimos várias vezes essa indagação ou outras semelhantes a ela. Mas a Matemática depende, sim, do domínio do vernáculo, de modo geral, e, mais especificamente, de conhecimentos profundos na interpretação de enunciados.

Sem dúvida, desde os contatos iniciais, antes mesmo do ingresso na escola, aprendemos o alfabeto e os números como uma mescla simbólica que não se tem necessidade de analisar, estabelecendo fronteiras nítidas entre a Matemática e a Língua. Assim, por um lado, os números nascem associados a classificações e contagens; por outro lado, a idéia de ordem fundamental para a construção da noção de número surge tanto na organização do alfabeto quanto das seriações numéricas.

Também o tempo e o espaço servem, permanentemente, de mediadores na revelação desta mescla simbólica entre os dois sistemas de que estamos tratando.

De modo geral, a linguagem ordinária e a Matemática utilizam-

se de tantos termos "anfíbios", ora com origem em uma, ora com origem em outra, que, às vezes, não percebemos a importância desta relação de troca, minimizando seu significado. A observação das frases, expressões ou palavras utilizadas na linguagem cotidiana a seguir poderá contribuir para uma melhor compreensão do que se afirma, como verificamos em Machado¹:

Chegar a um denominador comum.

Dar as coordenadas.

Aparar as arestas.

Sair pela tangente.

Ver de um outro ângulo.

Retidão de caráter.

O xis da questão.

O círculo íntimo.

A esfera do poder.

Possibilidades infinitas.

Perdas incalculáveis.

Numa fração de segundo.

No meio do caminho.

[...]

Naturalmente, poderíamos questionar a conveniência ou a adequação da transferência de termos de um contexto para outro, ou mesmo a essencialidade das utilizações metafóricas. Com relação à transferência, é importante registrar que o trânsito de termos da Matemática para Língua Portuguesa e vice-versa tem características radicalmente distintas do que ocorre entre a matemática e qualquer outro setor do conhecimento.

Insistimos em que o caso da interação entre a Matemática e a Língua Portuguesa é absolutamente singular. Pode ser caracterizado como uma verdadeira relação de complementaridade, de trocas, e não apenas como uma presta-

ção de serviços por parte da Matemática.

Muitos problemas matemáticos deixam de ser resolvidos, ou são resolvidos erroneamente, pelo simples fato de o leitor não saber interpretar aquilo que está sendo solicitado.

Não se concebe, por exemplo, um professor de matemática que não saiba elaborar um problema com a devida clareza. Caso contrário, corre-se o risco de se ter uma questão mal elaborada, que dê margens a interpretações equivocadas.

Um vasto vocabulário, o uso correto das concordâncias e de regências, concisão e clareza, entre outras, são ferramentas a que todo profissional deve ter acesso.

O vocabulário é outra questão difícil no que se refere à interpretação e resolução de problemas e enunciados matemáticos. Muitas vezes, o significado de uma palavra em um problema matemático é inteiramente diferente do significado dessa mesma palavra na prosa comum.

Na prosa, geralmente há uma continuidade de assunto e idéias, de sentença para sentença e de parágrafo para parágrafo. Nas listas de exercícios essa continuidade freqüentemente é reduzida. Quando se elaboram listas de exercícios, os alunos geralmente desenvolvem um raciocínio padronizado e começam a tratar todos os problemas da mesma forma. Assim, quando aparece um tipo diferente de problema, eles têm dificuldade de se adaptar às diferenças de linguagem e à seqüência de informações. Essa dificuldade pode geralmente ser diminuída propondo-lhes problemas diferentes quanto ao contexto, conteúdo e estrutura sintática. Os padrões normais de leitura são geralmente ineficazes para os problemas. Os

¹ MACHADO, Nilson José. *Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua*. São Paulo: Edusp, s/a. p. 98-99.

freqüentes símbolos e numerais nos problemas podem truncar a linha de raciocínio dos alunos.

O aluno deve ser capaz de interpretar as palavras em um contexto matemático para compreender o problema com clareza. Essa habilidade nem sempre é fácil de cultivar, mas pode ser desenvolvida com a prática.

Talvez o melhor método seja fazer com que os alunos procurem as possíveis palavras-chave, à medida que lêem exaustivamente o enunciado do problema. Durante uma segunda leitura, elas podem usar pistas contextuais para ajudar a determinar quais das palavras identificadas de fato indicam operações ou procedimentos. Exercícios sistemáticos desse tipo podem ajudá-los a se concentrar nas sugestões semânticas para descobrir que operações e procedimentos a solução exige.

Ainda que sendo um especialista em sua área de atuação, o profissional deve estar atento a todas as outras áreas do conhecimento, e o domínio da Língua Portuguesa, certamente, é indispensável para que se alcance o fim almejado.

1.1 Justificativa e relevância

A indiscutível relevância desse tema fica evidenciada no exemplo abaixo, uma Portaria do INEP²:

O Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no uso de suas atribuições, tendo em vista a Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004; a Portaria Ministerial nº 2.051, de 9 de julho de 2004; a Portaria Minis-

2 BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diário Oficial da União: portaria 176. nº 165. seção 1. 2005. p. 53-66.

terial 2.205, de 22 de junho de 2005, retificada no DOU de 8 de junho de 2005; e considerando as definições estabelecidas pela Comissão Assessora de Avaliação da área de Matemática, nomeada pela portaria INEP nº 12, de 14 de fevereiro de 2005, e pela Comissão Assessora de Avaliação da Formação Geral do ENADE, nomeada pela Portaria INEP nº 79, de 19 de maio de 2005, resolve:

Nº 176 [...]

Art. 3º No componente de avaliação da formação geral, será investigada a formação de um profissional ético, competente comprometido com a sociedade em que vive.

[...]

§ 3º As questões discursivas investigarão, além do conteúdo específico, aspectos como a **clareza a coerência, a coesão, as estratégias argumentativas, a utilização de vocabulário adequado, e a correção gramatical do texto.**

[...]

Art. 6º A prova do ENADE 2005, no componente específico da área de Matemática, avaliará se o estudante desenvolveu, no processo de formação, habilidades e competências que lhe possibilite:

[...]

g) Ser capaz de ler e interpretar textos e expressar-se com **clareza e precisão em Língua Portuguesa.**

[Grifo da autora]

Levantar quais são as áreas em que ocorrem mais erros, dentro de Matemática, devido ao desconhecimento da Língua Portuguesa, identificar as causas do desconhecimento da língua e propor possíveis procedimentos para sanar as falhas preexistentes e impedir a continuidade de sua ocorrência serão nossos objetivos.

2 FUNÇÕES MÚTUAS ENTRE

MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA

Há um consenso entre os educadores de que é imprescindível que todos os alunos saiam da escola como pessoas que escrevem, lêem e compreendem, isto é, precisam valer-se da leitura e da escrita de maneira adequada, tranquila e autônoma toda vez que isso for necessário, inclusive em matemática.

Nesse sentido, abordaremos alguns aspectos de importância mútua.

2.1 O que é necessário para um correto entendimento de um enunciado

Um correto enunciado tem que ter coesão e coerência. A noção de coesão precisa ser complementada pela noção de registro, entendido como uma série de configurações semânticas que estão associadas a classes específicas de contextos de situação que definem a substância do enunciado. A coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou lemos, estão ligados entre si dentro de uma seqüência. A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, unem-se numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim, a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos. Coesão e coerência constituem fenômenos distintos pelo fato de:

· Poder haver um

seqüenciamento coesivo de fatos isolados que não têm condição de formar um enunciado de um problema (a coesão não é condição nem suficiente nem necessária para formar um texto).

· Poder haver enunciados destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá ao nível da coerência.

De acordo com Boaventura¹, os fatores de coesão são os que dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto; e os de coerência, os que dão conta do processamento cognitivo do texto e permitem uma análise mais profunda do mesmo.

Assim, enquanto a coesão se dá ao nível microtextual – conexão da superfície do enunciado, a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Ademais, sobre a compreensão do enunciado, Fávero² comenta que:

Para chegar à compreensão do enunciado como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas (a coesão é decorrência da coerência e a concatenação linear não é garantia de um texto coerente), mas, e principalmente, as de conexão conceitual-cognitiva. É preciso que o leitor desenvolva habilidades que lhe permitam detectar as marcas que levarão às intenções do texto.

2.2 Transmitir uma informação

Toda comunicação tem por objetivo a transmissão de uma in-

formação, e se constitui por um certo número de elementos. Estes elementos são:

· O emissor: é o que emite a mensagem (o professor por exemplo);

· O receptor: é o que recebe a mensagem (o aluno);

· A mensagem: é o objeto da comunicação; ela é constituída pelo conteúdo das informações transmitidas (enunciado de um problema, prova);

· O canal de comunicação: é a via de circulação das mensagens (quadro-negro, apostila, caderno).

A comunicação pressupõe que os indivíduos tenham um repertório de palavras em comum e compreendem tais palavras do mesmo modo. A compreensão só pode ocorrer na medida em que uma palavra apresenta para vários indivíduos um certo grau de uniformidade, fixado pelo uso da língua. Por exemplo: somar, adicionar, juntar, unir e acrescentar significam, para nós, matemáticos, a mesma coisa.

2.3 Língua escrita e língua falada

A Língua Portuguesa comporta duas modalidades: o português escrito e o português falado. Num mesmo nível, as duas não têm as mesmas formas, nem a mesma gramática, nem os mesmos recursos expressivos. Para a compreensão dos problemas da expressão e da comunicação verbais, é fundamental pôr em evidência esta distinção. Quantas vezes o aluno chega ao professor e diz que sabe falar o que ele fez, mas não sabe escrever os procedimentos.

Na matemática não é conveniente ou prático a oralidade, caracterizando-se como um sistema

simbólico e escrito. As línguas naturais faladas podem quando muito descrever objetos e propriedades de objetos estruturais. Diríamos: "A soma dos quadrados dos lados de um triângulo retângulo é igual..." para descrever o que a estrutura figurada do simbolismo mostra diretamente: $a^2 = b^2 + c^2$. A bem da verdade, não é que a matemática não possa ser totalmente transcrita numa linguagem linear como o é a cadeia falada, mas uma matemática assim transcrita "em fitas" torna-se, sem dúvida alguma, de extrema dificuldade para a exploração de um receptor humano.

A comunicação escrita é menos "econômica" e força o emissor a fazer referências mais precisas sobre a situação. A língua escrita é, então, geralmente mais precisa, menos alusiva que a língua falada.

De modo geral, é possível afirmar-se que hoje, na escola, se do ponto de vista do processo educacional a oralidade continua a desempenhar papel fundamental, no que diz respeito à avaliação a moda forte é, sem dúvida, a escrita.

Tudo que numa mensagem se destina a atrair a atenção para estabelecer um contato e mantê-lo tem a função fática. Os elementos fáticos das mensagens atentam para o bom funcionamento e a existência de canais físicos e de contato psicológico. Sabe-se que na escrita é difícil verificar o funcionamento do canal físico e do contato psicológico. Há, porém, certas técnicas que têm o efeito de facilitar a comunicação. Um dos fatores que influem decisivamente no grau de legibilidade de um texto é a sua construção. Algumas normas devem ser seguidas:

- As frases curtas;
- Pontuação correta;
- Escolha dos pronomes e

1 BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as idéias*. São Paulo: Ática, 1998. p. 78.

2 FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Moderna, 1969. p. 163.

conectivos adequados;

• Não se prender a detalhes insignificantes.

Temos que levar em conta a capacidade do leitor de perceber e memorizar um conjunto de palavras. Esta capacidade varia, segundo a experiência e o grau de escolarização.

Fizemos levantamentos de exercícios matemáticos com algumas palavras específicas, os quais trarão palavras que possuem sentidos muito claros dentro da Língua Portuguesa.

3-RECURSOS LINGÜÍSTICOS

3.1 Pontuação

Durante uma conversa ou uma exposição oral, a expressão facial, a entonação da voz e os gestos ajudam a tornar mais claras as idéias de quem está falando. Quando a comunicação é feita por escrito, a pontuação torna-se fundamental para dar clareza à mensagem.

Mas, o que tem a ver pontuação com matemática? – vocês devem estar se perguntando. A pontuação é o meio de propagação da matemática.

Um dos sinais de pontuação que serão estudados é a vírgula.

Exemplo 1 – A metade de um número, mais dois, é igual a 10. Que número é esse?

Resolução:

Neste caso, temos:

$$\frac{x}{2} + 2 = 10$$

$$\frac{x+4}{2} = \frac{20}{2}$$

$$x+4 = 20$$

$$x = 16$$

Resposta: Este número é 16

O resultado acima não se repetiria se, por um acaso, tivésse-

mos suprimido a vírgula.

A resolução seria outra, a saber:

Exemplo 2 – A metade de um número mais dois é igual a 10. Que número é esse?

Resolução:

$$\frac{x+2}{2} = 10$$

$$x+2 = 20$$

$$x = 18$$

Resposta: Este número é 18

Constatamos que um não conhecimento da pontuação gramatical, leva a um erro.

Na língua falada, consegue-se detectar com maior precisão o que está sendo pedido. A língua escrita requer recursos indispensáveis para a compreensão do problema.

Exemplo 3 – A raiz quadrada de 49 menos 24, mais a terça parte de 15 mais 30, é igual a idade de Karina. Qual a idade de Karina?

Resolução:

$$\sqrt{49-24} + \frac{15+30}{3} = x$$

$$\sqrt{25} + \frac{45}{3} = x$$

$$5 + 15 = x$$

$$x = 20$$

Resposta: Karina tem 20 anos

Mudando a posição da vírgula, muda-se o sentido do problema.

Vejam como ficará a resolução.

Exemplo 4 – A raiz quadrada de 49, menos 24, mais a terça parte de 15, mais 30, é igual a idade de Karina. Qual a idade de Karina?

$$\sqrt{49-24} + \frac{15}{3} + 30 = x$$

$$7 - 24 + 5 + 30 = x$$

$$42 - 24 = x$$

$$x = 18$$

Resposta: A idade de Karina é 18 anos

3.2 Pronomes

São aqueles que situam os seres, no tempo e no espaço, em relação às pessoas do discurso.

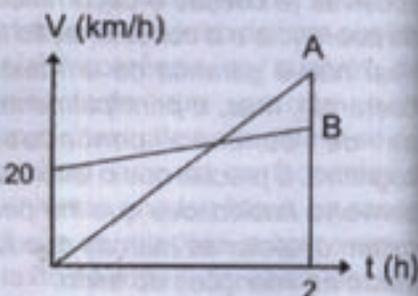
3.2.1 Pronomes demonstrativos

Para estabelecermos a distinção entre duas pessoas ou coisas anteriormente citadas, usaremos **este** em relação à que foi mencionada por último e **aquele**, em relação à que nomeamos em primeiro lugar.

Exemplo 1 – No instante em que um móvel B ultrapassa A, este inicia seu movimento na mesma direção e sentido. Duas horas depois eles se encontram a 100 Km do ponto de partida de A. O gráfico V x t do movimento dos dois móveis está representado na figura. Pergunta-se:

a) A velocidade final do móvel B;

Resolução:



No gráfico V x t, a área sob a curva é numericamente igual ao deslocamento no intervalo correspondente. De acordo com o enunciado, o pronome este se refere ao móvel A, e não ao B. Um desconhecimento da língua pátria poderia acarretar uma equivocada inter-

pretação e, conseqüentemente, o cálculo incorreto da grandeza solicitada.

Se os móveis se encontram a 100 km do ponto em que o móvel A inicia seu movimento, podemos afirmar que o deslocamento dos dois é igual a 100 km quando se adota a origem de B a partir do início do movimento de A.

As velocidades iniciais de A e B, a partir de $t = 0$ são, respectivamente, 0 km/h e 20 km/h. A velocidade **deste** deve ser calculada utilizando-se a fórmula da área do trapézio, enquanto a **daquele** usará a área do triângulo.

$$\text{Área do Trapézio} = \frac{(\text{Base maior} + \text{Base menor}) \cdot \text{altura}}{2}$$

$$100 = \frac{(V_B + 20) \cdot 20}{2}$$

$$V_B = 80 \text{ km/h}$$

Resposta: Velocidade Final do móvel B é 80 km/h

b) A velocidade final do móvel A.

$$\text{Área do Triângulo} = \frac{\text{base} \cdot \text{altura}}{2}$$

$$100 = \frac{2 \cdot V_A}{2}$$

$$V_A = 100 \text{ km/h}$$

Resposta: Velocidade Final do móvel A é 100 km/h

Exemplo 2 – André e Bernardo possuem juntos R\$ 1400,00. Se este der R\$ 75,00 àquele, ficarão com quantias iguais. Quanto possui André?

Resolução:

O pronome demonstrativo **este**, segundo a gramática culta se refere a quem foi citado por último, ou seja, Bernardo; e **àquele** a André.

Chamando **A** a quantia de

André, e **B** a quantia de Bernardo:

$$\begin{cases} A + B = 1400 \\ B - 75 = A + 75 \end{cases}$$

$$\begin{cases} +A + B = 1400 \\ -A + B = 150 \end{cases}$$

Somando as questões temos:

$$2B = 1550$$

$$B = 775$$

Se Bernardo tem R\$775,00
André tem R\$625,00

Resposta: André possui R\$625,00

3.3 Conjunções

As conjunções que serão objeto de estudo para este trabalho, são as conjunções aditivas e as alternativas.

As conjunções aditivas exprimem idéia de soma, adição, acréscimo: **e** (para afirmação), **nem** (para negação).

As conjunções alternativas exprimem idéia de alternância, ligando pensamentos que se excluem: **ou**, **ou**.

Exemplo 1 – A carga da bateria de uma câmera digital é suficiente para 12 horas desligada **ou** duas horas ligada. Sabendo-se que a bateria da câmera descarregou em 8 horas, então ela esteve ligada durante quanto tempo?

Resolução:

A conjunção **ou** não exerce, no enunciado do problema exposto, uma função exclusiva, mas, sim, uma função de alternância. A câmera digital pode ficar ligada ou desligada.

Tendo ficado x horas desligada, ficará a sexta parte de $12 - x$ ligada.

A sexta parte vem do fato da câmera poder ficar 12 horas desligada **ou** a sexta parte disso ligada

$$(12 \text{ horas} \div 2 \text{ horas})$$

$$x + \frac{12 - x}{6} = 8$$

$$6x + 12 - x = 48$$

$$5x = 36$$

$$x = \frac{36}{5}$$

$$x = 7,2 \text{ horas (tempo que a câmera ficou desligada)}$$

Como o tempo total para o descarregamento da bateria foi de 8 horas, conclui-se que o tempo em que a mesma permaneceu ligada foi de:

$$8 - 7,2 = 0,8 \text{ horas}$$

$$0,8 \text{ hora} = 48 \text{ minutos}$$

Resposta: A Câmera permaneceu ligada por 48 min

Exemplo 2 – Empregando uma balança de dois pratos, num deles colocamos um peso de 24 Kg. Verifique quais são as possibilidades de equilíbrio na balança, colocando no outro prato apenas pesos de 2 Kg e 3 Kg.

Resolução:

Neste caso a conjunção **e** é aditiva e a resolução correta inclui os 2 Kg **e** os 3 Kg. Não cabendo portanto 12 pesos de 2 Kg **nem** 8 pesos de 3 Kg.

Total de Quilos	Números de pesos de 2 kg	Número de pesos de 3kg
24	9	2
24	6	4
24	3	6

Exemplo 3 – O volume de um prisma quadrangular regular de aresta da base 4 cm e altura 32 cm é equivalente ao volume de um paralelepípedo de dimensões 8 cm, 16 cm e x cm e ao volume de um cubo de aresta y cm. Calcule x e y .

Resolução:

Calculando o volume do prisma quadrangular regular,

$$V = \text{área da base} \cdot \text{altura}$$

$$V = 4.4.32$$

$$V = 512 \text{ cm}^3$$

Calculando o volume do paralelepípedo, temos:

$$V = a \cdot b \cdot c$$

$$V = 16.8.x$$

$$V = 128x$$

Igualando o volume do prisma com o volume do paralelepípedo, temos:

$$128x = 512$$

$$x = 4 \text{ cm}$$

Calculando o volume do cubo, temos:

$$V = y^3$$

Igualando o volume do paralelepípedo ao volume do cubo, temos:

$$y^3 = 512$$

$$y = \sqrt[3]{512}$$

$$y = 8 \text{ cm}$$

Resposta: O valor da aresta x do paralelepípedo é de 4 cm e a aresta y do cubo é de 8 cm.

3.3.1 Outros sentidos das conjunções "e" e "ou"

As diferentes funções das conjunções **e** e **ou** dependem do contexto em que se encontram.

Em probabilidade a conjunção **e** conduz uma multiplicação e a conjunção **ou**, adição.

Exemplo 1 – Uma urna contém 3 bolas azuis e 2 bolas brancas. Retirando-se dessa urna, com reposição, 2 bolas, qual é a probabilidade de obtermos uma bola azul

e, depois uma branca?

Resolução:

$\frac{3}{5}$ → chance de sair uma bola azul.

$\frac{2}{5}$ → chance de sair uma bola branca (pois a bola azul foi devolvida à urna).

Portanto:

$\frac{3}{5}$ → chance de sair uma bola azul.

$\frac{2}{5}$ → chance de sair uma bola branca (pois a bola azul foi devolvida à urna).

Portanto:

$$\frac{3}{5} \cdot \frac{2}{5} = \frac{6}{25}$$

Resposta: A probabilidade é de $\frac{6}{25}$, pois são eventos independentes.

Exemplo 2 – Qual a probabilidade de retirar do baralho um quatro de paus ou um sete?

Resolução:

$\frac{1}{52}$ → chance de retirar um quatro de paus.

$\frac{4}{52}$ → chance de retirar um sete

Portanto:

$$\frac{1}{52} + \frac{4}{52} = \frac{5}{52}$$

Resposta: A probabilidade é de $\frac{5}{52}$.

3.4 Conhecimentos gerais

Além dos recursos lingüísticos que são indispensáveis ao bom entendimento do texto, torna-se necessário um vasto vocabulário acerca da nossa língua. Muitos problemas deixam de ser resolvidos por desconhecimento de algumas palavras-chave inseridas nas situações problemas. Vejamos alguns exemplos:

Exemplo 1 – Uma lente convergente **conjuga** a um ponto objeto real A, distante 10 cm da lente,

um ponto imagem virtual A', distante 12 cm da lente. Calcule a distância focal da lente.

Resolução:

A expressão **conjuga** a poderia levar pessoas menos habitadas à linguagem utilizada em Física, mas precisamente na parte de óptica geométrica, a uma interpretação equivocada.

O termo **conjuga** remete mais a área da Língua Portuguesa – conjugação verbal, por exemplo – do que à óptica, em que o sentido passa a ser formar.

$f = +$ (lente convergente)

$p = 10 \text{ cm}$ (distância do objeto à lente)

$p' = -12 \text{ cm}$ (distância da imagem à lente e o sinal negativo indica que a imagem é virtual)

Pela Equação de Gauss, temos

$$\frac{1}{f} = \frac{1}{p} + \frac{1}{p'}$$

$$\frac{1}{f} = \frac{1}{10} + \frac{1}{12}$$

$$\frac{1}{f} = \frac{6-5}{60}$$

$$\frac{1}{f} = \frac{1}{60}$$

$$f = 60 \text{ cm}$$

Resposta: A distância focal da lente é de 60 cm

Exemplo 2 – Um jardim retangular de 15 m x 9 m, sofrerá um **recuo** de x m na sua volta. Quais serão as novas dimensões do jardim, sabendo que sua nova área será de 72 m²?

Resolução:

Recuo vem de recuar, diminuir.

Portanto, as novas dimensões são:

$$(15 - 2x) \text{ e } (9 - 2x)$$

$$(15-2x) \text{ e } (9-2x)$$

Como a nova área tem 72m^2 , a equação será:

$$(15-2x)(9-2x)=72$$

$$4x^2 - 30x - 18x + 135 - 72 = 0$$

$$4x^2 - 48x + 63 = 0$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{\Delta}}{2a}$$

$$x = \frac{-(-48) \pm \sqrt{(-48)^2 - 4 \cdot 4 \cdot 63}}{2 \cdot 4}$$

$$x = \frac{48 \pm \sqrt{2304 - 1008}}{8}$$

$$x = \frac{48 \pm \sqrt{1269}}{8}$$

$$x = \frac{48 + 36}{8}$$

$$x' = \frac{48 + 36}{8} = \frac{84}{8} = 10,5 \text{ (não convém)}$$

$$x'' = \frac{48 - 36}{8} = \frac{12}{8} = 1,5$$

como $x = 1,5$ cm, temos:

$$(15 - 3) = 12 \text{ cm}$$

$$(9 - 3) = 6 \text{ cm}$$

Resposta: As novas dimensões do jardim serão de 12 cm X 6cm

Exemplo 3 – A fração $5/4$ representa a razão das idades de dois irmãos **há** 5 anos. Quais suas idades hoje sabendo que sua soma é 37?

Resolução:

O desconhecimento dos significados de **a** e **há** poderia levar a uma incorreta resolução do exercício.

A palavra **a** remete ao futuro, enquanto a palavra **há** remete ao passado.

Chamando as idades de **A** e **B**, temos:

$$\frac{A-5}{B-5} = \frac{5}{4}$$

$$5B - 25 = 4A - 20$$

$$-4A + 5B = 5$$

$$\begin{cases} A + B = 37 \\ -4A + 5B = 5 \end{cases}$$

Multiplicando a primeira equação por quatro e somando com a Segunda, temos:

$$\begin{cases} 4A + 4B = 148 \\ -4A + 5B = 5 \end{cases}$$

$$9B = 153$$

$$B = \frac{153}{9}$$

$$B = 17$$

$$\text{Portanto } A = 20$$

Resposta: Suas idades são 17 e 20 anos

Exemplo 4 – A fração $4/5$ representa a razão das idades de dois irmãos daqui a 5 anos.

Quais as idades hoje sabendo que sua soma é 17?

Resolução:

De forma similar à desenvolvida no exemplo anterior e de acordo com as normas gramaticais vigentes, temos:

$$\frac{A+5}{B+5} = \frac{4}{5}$$

$$5A + 25 = 4B + 20$$

$$5A - 4B = -5$$

$$\begin{cases} A + B = 17 \\ 5A - 4B = -5 \end{cases}$$

Multiplicando a primeira equação por quatro e somando com a Segunda, temos:

$$\begin{cases} 4A + 4B = 68 \\ 5A - 4B = -5 \end{cases}$$

$$9A = 63$$

$$A = 7$$

$$\text{Portanto } B = 10$$

Resposta: Suas idades são 7 e 10 anos

CONCLUSÃO

Há quem afirme que estudantes de graduação deveriam aprender a escrever, o que muito os ajudaria no exercício de suas atividades e a exercer diferentes funções, quer sejam administrativas quer sejam de

decisão. Isso é verdade; todavia, eles precisam saber escrever corretamente e ainda mais, deveriam aprender a ler corretamente, isto é, traduzir as informações existentes na proposição, se pretendem alcançar êxito como pesquisadores e professores.

Os requisitos para a redação de trabalhos científicos e técnicos são os mesmos: clareza, inteireza, acuidade, simplicidade. Escrever faz parte da Ciência. No entanto, muitos graduandos deixam de receber treinamento e de exercitar a arte de escrever. Há uma certa ironia no fato de ensinarmos nossos alunos de graduação a utilizarem instrumentos e técnicas, muitas das quais jamais farão uso em sua vida profissional e, paradoxalmente, se não os ensinarmos a escrever, a transmitir os conhecimentos gerados.

Escrever, isto é, transmitir idéias e informações é o que eles precisam fazer todos os dias como estudantes, como administradores, como executivos, como cientistas, tecnólogos ou professores.

Portanto, resumindo o que foi até aqui examinado, podemos afirmar o seguinte: sendo um componente curricular destinado a todos os indivíduos que passam pela escola, a matemática não pode ser tratada estritamente como uma linguagem formal. Em vez disso, é imprescindível tratá-la como um sistema de representação que transcende os formalismos, aproximando-a da Língua Portuguesa, com a qual deve inevitavelmente mesclar-se, sobretudo mediante o empréstimo da oralidade.

BIBLIOGRAFIA

BARRAS, Robert. Os cientistas precisam escrever. In Guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: Atlas, 1985.

BOAVENTURA, Edivaldo. Como ordenar as idéias. São Paulo: Ática, 1998.

BRASIL. Ministério da Edu-

cação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diário Oficial da União: portaria 176. nº 165, seção 1. 2005.

DINIZ, Maria Ignez; SMOLE, Kátia Stocco. Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Mo-

derna, 1989.

KRULIK, Stephen; REYS, Robert E. A resolução de problemas escolares na matemática. São Paulo: Saraiva, 1997.

MACHADO, Nilson José. Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua. São Paulo: Edusp, s/a.

SACCONI, Luiz Antonio. Nossa gramática. 13. ed. São Paulo: Atual, 1991.

**FUTURA
MENTE**

Faculdades Integradas Urubupungá



FIU

Faculdades Integradas Urubupungá
Pereira Barreto-SP

*Aqui você faz
a diferença.*

Av. Cel. Jonas Alves de Mello, 1660 / Pereira Barreto-SP

Tel: (18) 3704-4242 Fax: (18) 3704-4222